

LIVRO UM

A.F. FERNANDES

RE
NE
GA
DOS

REINO EM CHAMAS

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Que você consiga deixar a sua ilha.

Sumário

Capítulo 1	4
Capítulo 2	14
Capítulo 3	18
Capítulo 4	27
Capítulo 5	32
Capítulo 6	35
Capítulo 7	37
Capítulo 8	44
Capítulo 9	55
Capítulo 10	66
Capítulo 11	70
Capítulo 12	76
Capítulo 13	82
Capítulo 14	88
Capítulo 15	101
Capítulo 16	106
Capítulo 17	115
Capítulo 18	123
Capítulo 19	137
Capítulo 20	148
Capítulo 21	157
Capítulo 22	162

Capítulo 1

ILHA DOS CORVOS

Adhara puxou o capuz sobre a cabeça e apressou os passos pelas ruas frias e lamacentas. Ela pôde ouvir janelas sendo abertas e olhos espiando por trás das cortinas. Todos ali sabiam que ela estava partindo para Maranea aquela madrugada. O senhor Gudrenval, que tinha sido enviado pelo rei para tomar conta da ilha, abria todas as cartas que chegavam, e não era conhecido pela sua discrição, principalmente quando tinha vinho à sua disposição.

“Uma moeda e eu te faço um homem muito feliz.”

Um grupo de Mestiças ofereciam seus serviços aos homens que passavam por ali.

Os Mestiços eram o cruzamento de Magiciannis com humanos. Eles eram divididos em dois grupos, os Sanguíneos porque eles precisavam do sangue para sobreviver e os Não-sanguíneos que pareciam mais com os Magiciannis.

De repente, um bêbado, saiu de um beco escuro ali perto amarrando as calças e, logo atrás, uma mestiça, que ainda nem devia ter sangrado, surgiu com um sorriso

ostentando um ding de cobre na mão. Aquela era uma das poucas formas que se tinha de ganhar algum dinheiro por ali.

Adhara foi até a esquina da única estalagem da ilha e ficou esperando o leiteiro passar. Todas as madrugadas ele ia até seu estábulo ordenhar a vaca para vender leite, mas antes disso sempre parava para tomar vinho, ele nunca demorava muito. O contrário do que seu pai, Diaser, fazia. Todo o dinheiro que Adhara ganhava limpando os quartos imundos da estalagem era descontado nas dívidas dele, que aumentava todo dia.

Assim como previsto, o leiteiro saiu da estalagem pouco tempo depois e Adhara correu até ele. Não era seguro ir até a praia sozinha naquele horário. Na verdade, não era seguro ir sozinha a lado nenhum.

— Suba, mas faça silêncio. Odeio mulher tagarela.

Ela fez o que ele disse, se manteve em silêncio durante todo o trajeto.

Adhara estava sentada em uma pedra, escondida nas sombras quando viu o navio surgiu como uma sombra oculta pela neblina cinzenta que cobria o mar. Era grande, com velas tremulando na brisa noturna. Ela levantou, sentindo o estômago amarrado com a ansiedade crescente. Aquela seria sua primeira vez em

Maranea. Sua primeira vez fora da ilha, desde que tinha nascido.

Um barco menor, a remo, conduzido por um homem velho Mestiço, foi encontrá-la na beira da praia.

— Essa ilha continua fedendo a carniça. — Ele disse remando de volta para o navio.

Adhara já tinha acostumado com o odor assim como todos os outros e a única indicação do mal cheiro eram os corvos que circundavam a ilha diariamente.

Assim que entrou no navio, uma moça, vestida ainda mais humildemente que Adhara, levou-a até sua cabine. Alguns mestiços que tinham “sorte”, conseguiam trabalhos como criados, servindo aos Clãs Magiciannis. Uma ou duas vezes ao ano. Um barco chegava na ilha e escolhiam Mestiços, geralmente jovens mulheres para cuidar dos afazeres das casas.

A cabine de Adhara era pequena, com duas camas e uma mesa com uma bacia e um jarro com água.

Vitta já havia batido em mais portas do que poderia contar, todas as cabines estavam ocupadas, ela teria que procurar alguém que estivesse sozinho. Só esperava que não fosse com alguém do Clã Badica ou Hester, ela preferia muito mais ter que lidar com um Ranu na lua crescente do que com alguém daqueles Clãs.

Ela subiu as escadas para o andar superior e viu duas criadas esfregando o chão e cochichando no corredor. Uma delas, de cabelo cor de espiga, disse:

— Nunca tinha visto um Mikai de perto e vivi nessa ilha a maior parte da minha vida.

Ninguém, há anos, tinha visto um. Um dia todos simplesmente desapareceram. O que sabiam era que o líder tinha fugido de Maranea com uma namorada e que não tinham uma boa fama. “Mais sem confiança que a palavra de um Mikai”, “Parece jura de Mikai”, e muitas outras frases como essa eram ouvidas.

Vitta foi até as duas jovens, que imediatamente cessaram o assunto, abaixaram a cabeça e retornaram a esfregar o chão.

— Tem um Mikai aqui?

As duas mulheres se entreolharam, apreensivas por terem sido pegas, mas por fim, a morena confirmou:

— Esse é o motivo de termos feito essa parada em Corvos.

Então ali era a Ilha dos Corvos! Vitta tinha escutado muitas coisas sobre aquela ilha, nenhuma agradável. Tinham uma reputação ainda pior do que Sidarta — porque a maioria dos Mestiços viviam ali.

— Vocês sabem onde fica o quarto dele? É que todas as cabines estão ocupadas e imagino que ele esteja sozinho?

A mulher morena balançou a cabeça.

— Não é ele, senhorita, é ela.

Ela indicou onde ficava a cabine e, depois de agradecer, Vitta foi procurá-la. Ela finalmente conheceria um Mikai! A sensação era semelhante à de quando ela foi conhecer a Hanamura, a mais famosa Vitalli de Samlia, e vidente pessoal do rei.

Vitta parou do lado de fora da porta. Ela respirou fundo, ajustou a postura e então bateu.

Uma batida na porta e uma cabeça cheia de cachos escuros apareceu no vão aberto.

— Você é a Mikai? — A garota perguntou.

Adhara assentiu.

A garota entrou, com uma bolsa de tecido nas mãos.

— Vamos ser companheiras de viagem — ela disse, com um sorriso. — Sou Marieta Vitalli, mas pode me chamar de Vitta.

— Adhara.

A garota olhou em volta.

— A maioria das cabines estão cheias de Vitalli.

O Clã Vitalli era o maior em questão de números, todas as famílias tinham muitos filhos. Certa vez, Catalina tinha dito que nascer Vitalli era como nascer formiga em um formigueiro.

Assim que terminou de ajustar as coisas dentro de um baú, Adhara foi para o convés, e Vitta a seguiu.

Um garoto e uma garota, ambos loiros, provavelmente do Clã Hester, estavam ali. O garoto estava sentado no chão com o rosto entre as mãos, parecia prestes a vomitar.

— Aposto que a cidade vai estar linda para a festa de Unificação. Será a maior em 200 anos; nove dias de comemorações, e o próprio príncipe herdeiro estará lá.

— Você já esteve em Maranea? — Adhara perguntou interessada.

— Claro, você não?

Adhara negou com a cabeça.

Tudo o que ela sabia sobre a cidadela, tinha descoberto em livros que Diaser tinha em casa, e que fazia questão de manter trancado. Ela nunca entendeu o porquê de ele ser tão contra ela saber sobre sua origem, mas nenhuma das atitudes dele nunca tiveram sentido para ela.

“Atenção, todos no convés dirijam-se às suas cabines.”

Adhara olhou para a praia, que já estava vários metros atrás deles. Ela ouviu uma frase certa vez, que dizia: **você amará seu lar quando o tiver que deixar**. Ela sempre pensou que talvez essa frase estivesse certa, mas, enquanto partia, ela não sentiu nada disso, sentiu-se apenas livre. A mesma liberdade que alguém que esteve preso por muito tempo devia sentir.

Horas mais tarde, Adhara acordou no quarto, semiescuro que se movia. A luz do lampião que tinha acendido antes de deitar, havia sido apagada.

Ela torceu o nariz com um forte cheiro que empestou a cabine. Vitta estava sentada em sua cama, amassando folhas dentro de um pilão. Ao perceber que Adhara estava acordada, ela levantou o rosto, sorriu e, então, pediu desculpas pelo mal cheiro, mas disse que precisava reabastecer seu potinho de infusão.

Adhara virou para o outro lado na cama e fechou os olhos.

Quando acordou novamente, foi por sons de vozes e passos vindos do corredor. Vitta roncava em sua cama. O odor de ervas ainda não havia se dissipado por completo.

O resto da viagem, Vitta passou contando sobre sua família. Ela tinha três irmãos mais velhos e uma irmã pequena, de nove anos. Eles viajavam muito, sempre se mudando; seu pai era um Carroceiro. As coisas mudaram desde que sua irmã caçula nasceu: resolveram se assentar; ao menos, mãe e filhos ficavam em casa, o pai continuava a viajar. Ele fazia vendas e trocas de objetos. Segundo ela, *qualquer* objeto que se procurasse, ele tinha. Sua mãe era uma Herbalista, conhecia quase todas as ervas e era muito procurada por isso.

Elas ouviram vários passos no corredor. Vitta se levantou e saiu para ver o que era. Um segundo depois ela voltou, com um sorriso de “*adivinha?*” Adhara

entendeu no mesmo instante. Eles estavam chegando à Maranea. A Mikai correu para fora da cabine, com a Vitalli em seu encaço.

MARANEA

Adhara viu a estátua do Rei Abram, muito maior do que os desenhos faziam parecer, ao lado do píer. O Rei Abram foi o primeiro rei que assinou o Tratado da Unificação; era conhecido por ter sido justo e compassivo. No topo de sua cabeça, havia um diadema de ouro com o símbolo de todos os Clãs.

Havia mais dois navios menores atracados, e mágicos desembarcando, vindos de todos os cantos de Samlia.

Já no píer, Adhara viu carruagens saindo. Um homem alto, de barba rala e cinza, apresentou-se como cocheiro, enviado para levá-la. Ele pegou sua bolsa e guardou em um baú na parte de trás da carruagem, em seguida abriu a porta para ela.

Adhara subiu e fechou a cortina, para impedir que o frio entrasse.

O cocheiro subiu no seu lugar e, agitando as rédeas, os cavalos se puseram a galopar.

A Hospedaria Trovão era um prédio de madeira escura, de três andares, no fim de um beco estreito. Muito diferente da estalagem em que ela tinha trabalhado durante toda sua vida.

O cocheiro abriu a janelinha que ficava entre ele e o passageiro e entregou-lhe um saco marrom.

— A senhora Badica pediu para eu lhe entregasse.

A irmã de sua mãe. Fora ela quem convidara Adhara para os festejos. Ao abrir o saquinho viu que havia diversas moedas.

— Não posso aceitar.

Ela tentou devolver, mas ele se recusou.

— Acredite, é melhor aceitar senhorita, essa é a única hospedaria por aqui e não é nada barata.

Adhara pensou no único *ding* de prata escondido dentro da bota. Era tudo o que restara do seu último pagamento.

Um senhor, que cumprimentava dois jovens na entrada, dispensou-os e foi até a carruagem. Ele tinha tufo de cabelos brancos e vestia roupas com furos de traças.

Ele parou ao lado da janelinha com um sorriso amarelo.

— Oh! Uma Badica, em minha humilde hospedaria! Sua presença me honra. Sou Ferraz, seu criado. — Ele abriu a porta, com um floreio que ela pensou ser desnecessário.

Ela desceu, ficando vários centímetros menor que o senhor alto e magricela.

— Sou Mikai — corrigiu.

O sorriso dele diminuiu consideravelmente e ele franziu a testa, afastando-se para olhar o brasão na carruagem. Em seguida voltou a sorrir, embora tivesse perdido toda a efusão de instantes atrás.

— Faz muito tempo que não vejo um Mikai.

O cocheiro apareceu, carregando suas coisas.

— Diga a ela que lhe pagarei de volta cada moeda.

Ele assentiu e então partiu.

Assim que a carruagem desapareceu, ela voltou-se para o dono da hospedaria.

— O senhor tem um quarto vago? — perguntou.

— Infelizmente não tenho nenhum nesse momento. Devido às comemorações, todos estão ocupados. — Então seus olhos claros iluminaram. — Mas se você não se importar em dividir...

— Não me importo. — Ela disse rapidamente.

Hazza andava de um lado para o outro do quarto, esperando que aquele calor, que ele sentia percorrer suas veias como veneno toda vez que estava prestes a perder o controle, diminuísse. Só assim suas garras se retraíam. Ele sabia que não devia ter socado aquele outro Ranu, mas foi mais forte que ele. Hazza tinha

jurado a si mesmo que o que quer que dissessem sobre ele, não o afetaria mais; mas afetava. Era como se houvesse escrito em sua testa, e que todos que o viam só enxergassem aquilo. Não importava o quão duramente ele tentasse mostrar que era diferente do seu pai, não importava para ninguém. Ele continuaria sendo julgado e condenado.

Seu pai podia estar em uma prisão, mas era ele quem pagava por aquilo, todo dia.

Ele grunhiu.

— Você não pode perder o controle desse jeito de novo, Haz — Nirsa disse. Se ela não tivesse se colocado entre ele e o Ranu, ele não teria parado em apenas um soco. Teria esmurrado o rosto arrogante cada vez mais forte, cada soco sendo como jogar palha seca no fogo.

— Ele falou do meu pai...

— Eu sei, mas, se aceitar as provocações, eles vão continuar. Tudo o que querem é te ver trancafiado naquele lugar. Não pode dar esse prazer a eles.

Hazza sabia que ela estava certa, mas ele não conseguia fingir que não ouvia o que diziam quando passava, os olhares de desdém.

— Você precisa de um Controle, está perdendo a racionalidade. Pode acabar fazendo uma besteira ainda maior, e então eles vão levá-lo, para sempre dessa vez.

Ele não queria ouvir nada daquilo. Sabia exatamente o que aconteceria se não conseguisse se controlar, ou se não encontrasse seu Controle. Seria trancafiado na

prisão de Reids, na Ala dos Ranu Mentais, junto com seu pai.

— Haz...

— Não é uma decisão minha, você sabe disso!

Aquelas quatro paredes o estavam sufocando, ele sentia que precisava de mais espaço, de ar fresco. Saiu do quarto quase esbarrando no dono da hospedaria e em uma garota, que ele mal notou.

Ouviu os passos de Nirsa indo atrás dele.

Logo que passaram pela porta da hospedaria, o estalageiro foi explicando como tudo funcionava ali: o café da manhã era incluso no aluguel do quarto, porém o restante das refeições eram por fora, assim como a lavagem das roupas. Ele a levou até uma porta ao lado da recepção. A porta se abriu, revelando uma escada de madeira.

Eles subiram até o segundo andar e chegaram até um longo corredor, iluminado por lamparinas. Enquanto o atravessava, Adhara ouviu vozes alteradas vindo de um dos quartos.

A porta foi aberta e um rapaz, quase da altura da porta, de cabelos escuros tocando os ombros, saiu. Ele passou por Ferraz e ela, mal notando a presença de

ambos e saiu pisando duro. Uma garota de cabelos curtos saiu do quarto logo em seguida.

— Espero que ele encontre logo seu Controle, mas são poucos os abençoados pela deusa que conseguem e não terminam seus dias no Reids — falou.

O homem a levou até o quarto de número 209 pintado em vermelho, quase no final do corredor, e bateu à porta.

Enquanto esperava que abrissem, ele disse:

— Já estava quase esquecendo, o aluguel é pago adiantado. São três dings de ouro.

Adhara achou aquele preço injusto. Não era o que ela ganhava em meses de trabalho. Mesmo assim, pegou a bolsinha, tirou as moedas, e entregou ao homem. O Sr. Ferraz, ficou olhando para as moedas, analisando-as contra a luz, em seguida, tirou um objeto pequeno e dourado do bolso e olhou-as através de sua lente.

— Está tudo certo.

Ele bateu novamente na porta.

— Ela deve ter saído, mas por sorte eu tenho a chave mestra. — Ele tirou o cordão do bolso, que tinha um pingente: uma chave de prata.

Inseriu-a na fechadura e, com um clique, a porta se abriu.

— Precisa de mais alguma coisa, senhorita?

Adhara negou com a cabeça.

O quarto era do mesmo tamanho da cabine do navio, só que ainda mais simples. Havia duas camas cobertas

com lençóis amarelados, uma mesa e um tapete verde.

Ela colocou a mala na cama e sentou-se ao lado. O colchão afundou sob seu peso.

Alguns minutos depois, quando estava quase adormecendo, a porta foi aberta e alguém entrou segurando um candeeiro, seus olhos arregalaram quando viu quem era: a garota Vitalli.

Vitta sorriu assim que viu Adhara. Ela vestia uma camisola branca.

— Não acredito que vamos ser companheiras de quarto novamente.

Vitta fechou a porta e colocou a lamparina sobre a mesinha, antes de sentar-se em sua cama.

Elas ficaram em silêncio um instante, então a Vitalli tirou um cordão de prata com pingente de pedra vermelha debaixo do travesseiro.

— Que bonito — Adhara disse.

Vitta suspirou.

— É um Catalisador, na verdade. Se eu tiver uma visão e não estiver usando-o, pode me deixar doente. — Ela deu um sorriso que não chegou aos olhos. — É melhor dormirmos, o dia vai logo amanhecer.

Na manhã seguinte, começariam os festejos.

Vitta, quase instantaneamente, adormeceu. Adhara não teve a mesma sorte, ficou revirando de um lado para o outro da cama. Parte dela temia que tudo aquilo desaparecesse quando fechasse os olhos, que ainda estaria na ilha limpando o vômito de Diaser do chão.

Capítulo 2

As ruas estavam cheias de barracas e tendas, com aromas diferentes e uma variedade de Mágicos, com uma variedade de trajes de suas regiões e Clãs. Adhara viu um homem com um turbante na cabeça entregar uma moeda a um comerciante de tecidos.

Vitta tinha se convidado para passear pela cidade com Adhara, que não estava acostumada a ter companhia para nada.

Elas estavam passando em frente a uma barraca onde se vendia pergaminhos, quando um garoto alto e pálido se virou e olhou para Vitta. Ele abriu um sorriso e foi até onde elas estavam paradas. Assim que Vitta o viu, sorriu largamente.

A semelhança física entre eles deixava claro sua ligação de sangue.

— Não sabia que já tinha chegado. Mamãe mandou minhas meias? Quase não tenho mais nenhuma para usar — ele perguntou.

— Se as lavasse, teria — retrucou Vitta.

Porém, ela remexeu na bolsa a tiracolo e tirou um par de meias marrons. Ele as pegou depressa e enfiou dentro da própria bolsa. Parecia um acessório Vitalli típico.

— Você é a melhor irmã do mundo. — Ele bagunçou os cabelos dela, que fez uma careta.

Vitta os apresentou brevemente e, depois de medi-la com escrutínio, Zacharias, saiu.

A Vitalli explicou que o irmão estava passando um tempo com uma tia deles, em um vilarejo perto. Ele queria ser bibliógrafo como o irmão mais velho, e estava sendo aprendiz do tio. Dali alguns meses, estaria de mudança para Algort — capital —, para tentar ser aceito como aprendiz na biblioteca da cidade.

Horas depois, elas já haviam percorrido quase todas as barracas, Vitta comprou algumas ervas para reabastecer seu estoque. Estavam experimentando alguns braceletes, quando uma mulher alta, de cabelos escuros e uma expressão séria, surgiu. Algo na expressão dela pareceu incrivelmente familiar para Adhara.

— Que prazer tê-la em minha barraca, senhora Kalisa — disse o dono da barraca.

Ao ouvir aquele nome, Adhara soube exatamente de quem se tratava: a irmã de Catalina.

A mulher ignorou os cumprimentos do homem e olhou Adhara de cima a baixo.

— Fisicamente, você e Catalina são como água e vinho, mas posso senti-la quando olho para você.

Adhara desviou o olhar para Vitta, que já estava entretida com os anéis.

— Era curiosa sobre como você seria. — Kalisa falou.

— Não tão curiosa, já que esperou quase dezoito anos para me conhecer — retrucou.

A mulher sorriu, altiva.

— Essa petulância com certeza é herança de sua mãe. À propósito, como ela está?

Então ela não sabia?

Por muito tempo, Adhara tinha cogitado se Catalina teria voltado para sua família, o lugar que ela realmente pertencia. Ao que indicava, não.

— Se um dia eu a vir novamente, te aviso.

Kalisa finalmente demonstrou alguma reação, franzindo as sobrancelhas escuras.

— Não entendo.

— Ela foi embora quando eu era pequena.

Quando Adhara começou a entender as coisas, ouvia constantemente a mãe reclamando de como detestava tudo aquilo, de que a casa de três compartimentos em que viviam era nada, comparada à mansão Badica na qual ela devia estar morando.

Uma manhã, Adhara acordou e ficou sabendo que ela havia partido no meio da noite, sem deixar sequer uma carta. Diaser ficou completamente abalado. Começou a beber todos os dias, e não parou desde então. Aos dez anos, Adhara teve que começar a trabalhar, já que o pai nunca estava em condições e ambos precisavam comer.

— Sempre soube que isso aconteceria, Catalina sempre foi impulsiva. Conhecia um rapaz e jurava que era amor eterno, depois de alguns dias estava entediada,

então encontrava outro... até que ela conheceu o Mikai, mas com ele foi diferente. Em poucos meses, ela já estava falando em casamento. Nossos pais obviamente não aceitaram. Uma Badica com um Mikai. Então, ela fugiu com ele. Já tinha planejado tudo.— Ela fez uma careta, como se a lembrança a desgostasse. — Uma vez fui até a Ilha procurá-la, vi o lugar lamentável em que viviam. Ela disse que estava grávida de você e que não estava feliz. Falei que ela poderia voltar comigo, que cuidaríamos de você, mas ela não aceitou.

Tudo o que ela disse se assemelhava com a mulher egoísta que Adhara conhecera. Alguém que sempre colocava seus próprios desejos acima de todos.

— Fico feliz que ela não aceitou. A melhor decisão que ela pôde tomar foi ter ido embora.

E com isso Adhara saiu, Vitta teve que correr para acompanhá-la.

O passeio continuou até a praça do Enforcamento. Era ali onde os criminosos condenados à morte eram pendurados. Havia três forcas, em um semicírculo. Vitta disse que os condenados de crimes mais graves, como assassinato e traição, ficavam ali por vários dias, tendo seus corpos devorados aos poucos por abutres, e só quando restavam apenas ossos e roupas eram retirados.

No centro da praça, um mestiço cercado de alguns poucos curiosos, gritava:

— *15 Mestiços desapareceram em um ano. Isso não é coincidência. Estão nos matando...*

A frase dele foi interrompida por um guarda que o agarrou pelos ombros e saiu o arrastando, enquanto ele continuava a berrar. Outros guardas rapidamente dispersaram quem estava ali.

— Não pode ser verdade, não é?

Adhara não duvidava que fosse, tinha visto o ódio que os Mestiços recebiam, inclusive seu pai, os tratava como se fossem nada.

O passeio seguiu para outro beco.

De repente, Vitta parou de andar. Ela seguiu o olhar da Vitalli, para ver o que a tinha feito parar, e viu uma pequena casa de madeira, onde estava escrito “Madame Meia-noite”

— Que ver um pouco do seu futuro? — Ela remexeu as sobrancelhas.

— Não.

Adhara podia sentir o olhar questionador de Vitta sobre ela. Devia ser uma das poucas coisas que alguém recusava. Ver o seu próprio futuro.

Capítulo 3

A casa era pequena, tinha cortinas amarelas e uma mesinha de madeira com algumas plantas e velas. Também havia um gato preto de olhos castanhos. Ele miou assim que elas entraram. Havia um olho branco pendurado por uma tira de couro em seu pescoço.

Uma mulher apareceu. Ela tinha a pele escura como a noite. Era alta e esguia, com um cabelo volumoso.

— Vitalli e Mikai juntos — ela disse, com seus olhos vagando por onde as duas garotas estavam paradas.

— Você é a Madame Meia-noite? — ela perguntou.

A mulher negou com a cabeça, suavemente.

— Essa era minha mãe. Mantive seu nome porque já é conhecido; além disso, por que gastar moedas trocando a placa, se isso atrai clientes? Meu nome é Olhos do Mundo, em que posso ajudá-las?

Vitta se adiantou.

— Quero que veja minha sorte. Como sabe, não podemos ver o nosso próprio futuro.

A mulher meneou a cabeça.

— Uma benção da deusa, eu acredito. Muito tempo seria perdido esperando, e nenhum vivendo.

Antes de Olhos do Mundo entrar em uma outra sala com Vitta, ela se virou para a Mikai. Havia algo de inquietante em seus olhos, eles não se focavam em nada. Então, como um estalo, Adhara descobriu o que era: *Ela era cega!*

A sala era como qualquer outra de um Vitalli que ela já tinha visto. Uma mesa pequena coberta com uma toalha branca e uma bola de cristal. Elas eram dadas às filhas mulheres pelos pais, na infância, e durante toda a vida o cristal se ligava com a sua dona. Algumas adquiriam o dom de enxergar o futuro no cristal, como Olhos do Mundo. Outras, como Hanamura, podiam ter visões sem precisar dele.

A vidente indicou uma poltrona acolchoada para ela se sentar. Olhos do Mundo começou a tocar no cristal para que ele sentisse sua energia.

— Em breve você terá que tomar decisões que mudarão para sempre o rumo de sua vida. Terá que escolher entre seu sangue e o que você acredita.

Ela começou a mexer a cabeça de um lado para o outro. Vitta percebeu que ela estava *tomada*. Não era raro, mas também não muito comum que uma visão puxasse uma Vitalli, deixando-a em um estado de transe.

Isso significava que o que quer fosse que ela estava vendo, era grande.

— Vejo fogo, sangue e perda. Muitos gritos, ela está no meio disso tudo.

— Não estou entendendo.

Mas Olhos do Mundo havia voltado. Ela piscou algumas vezes e tirou as mãos do cristal, como se ele estivesse pegando fogo.

— Não posso retirar minhas palavras. Depois de ouvido, não pode ser esquecido. Mas tenha cuidado, sua intuição foi dada pela deusa por um motivo. Use-a.

Aquela primeira noite, quando Adhara desceu para jantar no salão, Vitta não quis ir, disse que tinha uma maçã na bolsa e que não estava com fome. Ela ainda estava estranha com o que quer que a Visão tivesse dito para ela, fez todo o caminho de volta até a hospedaria em silêncio.

O salão estava repleto de Mágicos, falando alto e comendo.

Adhara sentou na única mesa que estava vazia.

Ela estava devorando um pedaço suculento de bife, quando viu dois homens usando trajes pretos, com o brasão de Samlia no peito, entrarem no salão. Eles se sentaram em uma mesa recém desocupada, próxima à

que Adhara estava. Uma criada, de cabelos já prateados, presos em uma touca, foi atendê-los. Ela voltou para seu bife e cortou outro pedaço grande de carne.

— Tudo isso é muito suspeito — o guarda falou.

A mulher apareceu, carregando uma jarra de vinho e eles se serviram.

— Não entendo por que esse ataque agora, há anos estamos em paz — o outro falou, dando um gole na bebida e fazendo careta.

— Nunca houve paz com mestiços, nós apenas os deixamos viver. Se quer saber, acho que quem estiver por trás disso, está certo.

Eles pararam de falar quando a criada aproximou-se, com uma bandeja de madeira com a comida. Assim que ela se retirou, ele continuou:

— O rei enviou alguns guardas para investigar, mas, até agora, nenhuma pista. Não sei por que ele perde tempo com eles. Quem se importa com a morte de Mestiços.

Nesse momento, o homem de barba olhou para Adhara. Ela baixou os olhos para o próprio prato o mais rapidamente que conseguiu, e entornou o copo de água que estava ali perto.

Ela deduziu que eles perceberam que ela estivera ouvindo, porque não falaram mais sobre o assunto.

Vitta estava sentada na cama, pensando em tudo o que Olhos Do Mundo havia lhe dito. A escolha que ela teria que fazer, ela temia por isso. Sentia que algo se aproximava, mas não conseguia dizer o quê. Era como um lago turvo, onde não se podia enxergar o fundo. Com um suspiro, ela tirou o catalisador e o colocou sobre a cama ignorando a voz de sua mãe na cabeça que implorou para ela nunca fazer isso.

Fechando os olhos, se esforçou para se concentrar em algum ponto no futuro. Era como mergulhar, descer até a parte mais funda e escura. Primeiro, ela ouviu gritos que pareciam vir de longe. Em seguida, sentiu cheiro de fumaça. Ela tentou ir mais profundamente, se concentrando mais. Viu rostos borrados correndo de um lado para o outro, apavorados. Havia chamas vermelhas por todos os lados.

Ela se sentiu sendo puxada de volta à superfície pelos efeitos físicos de não estar com o catalisador. Uma fraqueza que debilitava seu corpo e nublava sua visão.

Vitta, com muito esforço, pegou o cordão e o colocou de volta. Ela teve que se deitar e esperar que os efeitos passassem. Geralmente durava algumas horas, e quando voltava a si era como se nada tivesse acontecido.

Adormeceu tão profundamente que não viu quando a Mikai voltou para o quarto.

Adhara ouviu um barulho alto e vozes alteradas quando estava próxima ao refeitório na manhã seguinte. Ao chegar lá, viu um Ranu arremessando uma cadeira do outro lado da sala, em direção a um homem que ela sabia que trabalhava ali. O homem conseguiu desviar-se antes da mesa acertá-lo. A cadeira bateu contra a parede e se espatifou.

Várias pessoas estavam ali com olhos curiosos, se apertando contra a porta.

— Não foi ele, senhor, por favor. Deve ter sido uma brincadeira de mal gosto. — O dono da Hospedaria estava falando calmamente, mas suas mãos estavam tremendo.

O Ranu não parecia ouvir. Ele apanhou uma segunda cadeira, que estava caída no chão, e estava se preparando para arremessar novamente no homem encolhido contra a parede.

— Senhor, por favor...— a voz do estalageiro foi morrendo, assim como sua esperança de que conseguisse impedir o que estava prestes a acontecer.

Adhara viu como os músculos do Ranu enrijeceram quando ele jogou o ombro para trás, se preparando para arremessar. O criado, no outro lado do salão, se encolheu contra a parede de madeira engordurada. Os olhos arregalados de horror e as mãos sobre a cabeça.

Antes que algum pensamento atravessasse sua mente, ela gritou: Pare!

Seu grito foi seguido por um silêncio mortal e o Ranu se virou para trás e olhou exatamente em sua direção.

Seus olhos eram cinzas como o céu em uma tempestade. Seu rosto estava distorcido em uma carranca, e a respiração saía rápida e superficial, fazendo seus ombros subirem e descerem.

Adhara ouviu pés se afastando.

— Você — ele rugiu.

O quê?

Neste momento, homens usando uniformes apareceram. Eram guardas. Três deles. Usavam o mesmo uniforme que os dois que estavam ali na noite passada, e pareciam intimidadores com suas espadas. Um deles, que parecia ser o mais jovem entre os demais, tinha a mão no cabo da espada.

— Sempre você, Hazza. Realmente gosta de ficar na solitária, não é? — um guarda alto, com cabelos brancos e dentes amarelados, disse com um sorriso.

O Ranu grunhiu e, em um movimento incrivelmente rápido, o guarda sacou a espada e encostou sua ponta reluzente no peito do Ranu.

— Você não consegue conviver com outros Mágicos, não é? Acho que vou ter que trancá-lo na sua cela até encontrar um Controle para você. Só assim saberemos que você vai se comportar.

— Colocaram algo na minha sopa, eu fiquei irritado...

— E atacou.

Ele balançou a cabeça.

— Não machuquei ninguém — retrucou.

O homem olhou em volta, para os pedaços da cadeira que tinha quebrado e para o criado, que continuava tremendo.

— Eu sei. Chegamos bem a tempo.

O Sr. Ferraz se aproximou, mantendo uma distância segura, do Ranu, e respeitosa, dos guardas.

— Senhores, tudo não passou de um mal-entendido. Fizeram, como ele disse, uma brincadeira de mau gosto, e sabemos como eles ficam nessa época do mês. — Tentou apaziguar o Sr. Ferraz.

O guarda olhou para o homem baixinho que era o dono da Hospedaria, e imediatamente o dispensou com o olhar.

— Vamos ter que levá-lo mesmo assim. Ele precisa *gastar* toda essa energia irritada.

A expressão no rosto do Ranu de alguma forma dizia que aquilo não seria um bom passeio.

O Ranu olhou do guarda para Adhara, e então novamente para o guarda, e estendeu os pulsos. O mais jovem, finalmente, largou a espada; tirou uma corda do bolso e amarrou os punhos do Ranu. O guarda de cabelos brancos, que parecia nutrir uma aversão pessoal por ele, empurrou-o para fora.

Depois que eles saíram, Adhara ouviu um garoto Ranu dizer “*Aquele filho de assassino teve o que mereceu*”. As conversas continuaram, animadas, como

se nada tivesse acontecido, e ela viu o senhor Ferraz puxar uma cadeira, sentar-se e soltar um longo suspiro.

— Você está bem?

— Estou, essa não é a primeira vez que esse tipo de coisa acontece. E esse guarda pertenceu à Legião Vermelha, o que significa que não é boa coisa. — Ele deu um sorriso. — Estou velho demais para emoções tão fortes.

Depois de mais um suspiro, ele se levantou e chamou uma criada para arrumar a bagunça que o Ranu deixara.

A prisão de Reids ficava fora dos limites da cidade. Era uma torre de pedra. Hazza conhecia bem aquele lugar, reconhecia as paredes, o odor acre de mijo e fezes. Viu o feno, que alimentava os animais, empilhado no canto da parede, e um pedaço de pano fino que tinha para dormir em cima.

Ele foi empurrado para dentro da cela, e Alistair entrou, acompanhado por mais dois guardas. Eram sempre os mesmos. Ele ouviu trancarem a cela com a chave.

— Você nunca aprende, não é? — perguntou Alistair desenrolando o chicote. — Mas como poderia, sendo filho de quem é. Seu pai tentou fugir outra vez, está trancafiado na solitária comendo sua própria merda.

O Ranu sentiu a familiar fagulha de raiva esquentar seu sangue.

— Acho que ele já está ficando irritadinho — o outro guarda disse, com seu sorriso lembrando o de um Sanguíneo antes de atacar.

O terceiro guarda tentou empurrar Hazza, que instintivamente se agachou e jogou o peito contra o homem. Isso bastou para que o chicote de Alistair estalasse no ar, antes de acertar suas costas. Todo o corpo de Hazza se tensionou, e ele rosnou para os três homens. Conseguiu acertar uma cabeçada em um deles, que caiu como um saco de batatas. O segundo guarda pegou sua espada e apontou para o peito do Ranu.

— De joelhos — ordenou.

Hazza apertou os dentes, mas abaixou um joelho no chão duro, e em seguida o outro.

— Sabe o que eu adoro em vocês, Ranu? Essa raiva que queima por dentro — Alistair disse, enrolando o chicote novamente. — Aposto que você está louco para enfiar seus dentes na minha garganta, do mesmo jeito que ele fez com a puta, sua mãe.

Ele estava certo. Hazza queria fazer exatamente aquilo! Cravar as presas na carne dele e rasgá-lo até que não fosse mais nada além membros e sangue espalhados pelo chão, e em seguida fazer o mesmo com os outros dois; mas não fez, porque agora tinha uma coisa que antes não tinha: esperança.

— Não vai falar nada? — ele perguntou.

O guarda que tinha levantado o acertou com um soco no rosto. O Ranu se desequilibrou e caiu de lado. Ele recebeu chutes, chicotadas e socos por horas seguidas, até que eles estivessem sem forças.

Vitta não estava no quarto quando Adhara acordou, também não estava no salão de refeição. Mais tarde, naquele mesmo dia, Adhara estava terminando de amarrar as botas, quando bateram à porta do quarto. Imaginou que fosse Vitta que tivesse esquecido as chaves. Mas não era Vitta, e sim o seu irmão. Ele queria vê-la, mas Adhara explicou que não a tinha visto desde que acordara.

Ele franziu a testa.

— E você nem ao menos foi procurá-la? Perguntar se alguém a tinha visto?

Ela não gostou do tom que ele usou.

— Ela já é crescida, sabe cuidar de si mesma.

Ir procurar Vitta. Aquilo realmente tinha passado pela cabeça de Adhara, mas, por algum motivo, ela não o fez.

— Espero que sim, já que está claro que não sabe escolher amizade — retrucou.

Adhara apertou os dentes.

— Não somos amigas, somos colegas de quarto.

Com um último olhar de desprezo, ele disse:

— Certo.

Enquanto ele se afastava, uma faísca de arrependimento ameaçou invadir Adhara, mas a raiva que estava sentindo por ele insinuar que ela devia ter ficado de olho em Vitta, a expulsou. Ela não tinha obrigação de vigiar ninguém.

Mais tarde, Adhara ouviu vozes vindo do corredor e foi ver quem era. Assim que abriu a porta, ela viu Vitta com o irmão. Ele tinha a mão no braço dela, e uma ruga de preocupação entre os olhos, mas, assim que viu Adhara sua expressão mudou, e ele a lançou um olhar gelado, falou alguma coisa para a irmã e então saiu, pisando duro.

Assim que entraram no quarto, Vitta pediu desculpas pelo comportamento do irmão.

— Ele é superprotetor com tudo, mas exagera quando o assunto é Debby e eu, não é nada pessoal.

Adhara sabia que era pessoal sim, mas ficou em silêncio. Talvez, se tivesse uma irmã, teria agido da mesma forma.

— Até a próxima vez, Ranu — Alistair disse quando o levou até os portões de ferro e o desamarrou.

Hazza foi solto assim que o sol surgiu no céu. Suas costas ardiam com o contato da camisa com a pele, que

já estava em processo de cicatrização. Os cortes feitos em seu rosto, já tinham, quase todos, se fechado; ele podia sentir o formigamento pelo rosto enquanto se curava.

Ele foi até o ponto de encontro em que Nirsa sempre o esperava. Ela saiu da carruagem e correu para ajudá-lo. Ele mancava, o pé esquerdo estava torcido, mas, graças aos deuses, não quebrado.

— Isso tem que acabar, Haz! — ela falou, com ferocidade. — Vou encontrar seu Controle, nem que eu tenha que correr o mundo para achá-lo.

Eles estavam juntos havia mais de dois anos, mas eram amigos havia muito mais tempo; cresceram no mesmo vilarejo, Ramal. Ela foi a única que nunca o julgou por ser filho de quem era, pelo que seu pai fez. Ele lembrou da vez em que perguntou a ela o porquê de ela não o fazer.

— Todos nós teremos nossos próprios pecados para carregar, não é justo carregarmos o de outros só porque temos o mesmo sangue.

A partir daquele momento, eles nunca mais se separaram. Eram parceiros físicos, mas, muito mais do que isso, eram grandes amigos. Mesmo que não estivessem juntos, ele sabia que ela estaria ali, como estava naquele momento. Assim como ele estaria para ela.

Capítulo 4

Naquela noite, o príncipe Suarme prestigiaria a festa, já que o rei se encontrava debilitado para fazer uma viagem longa como aquela. Uma tenda tinha sido montada para ele e sua comitiva, com a melhor visão para as atrações que teria. Assim que a comitiva chegou, os moradores formaram um corredor, todos querendo ver o príncipe herdeiro. Primeiro surgiram garotas, trajando vestidos finos e dançando, com movimentos tão suaves que nem pareciam tocar o chão. Em seguida, uma mulher de armadura vermelha; em seus flancos, dois lobos, um branco como a lua e o outro negro como a noite. A procissão seguiu com homens fortes, usando o mesmo uniforme vermelho.

Finalmente, ele chegou, em uma carruagem negra. O cocheiro desceu rapidamente e foi abrir a porta para ele. Um homem com seus trinta e poucos anos, magro, com cabelos pretos lustrosos, desceu. Todos que estavam ali começaram a aplaudir, mas ele rapidamente silenciou todos com um aceno de mão.

Assim que a comitiva do príncipe foi instalada na tenda, as apresentações começaram.

A primeira, foi uma pequena encenação do Tratado de Unificação. Homens, fantasiados como os Cinco Magiciannis eu deram início aos Clãs, contavam de maneira cômica como tudo aconteceu: o rei parando a briga entre os clãs, pedindo a paz e assinando o tratado.

No final da apresentação, os atores deram as mãos e se curvaram em agradecimento, enquanto o público ria e aplaudia.

Outras apresentações continuaram, como uma mulher que conseguia comandar serpentes e dançava com elas, imitando seus movimentos lentos e hipnóticos. No meio da apresentação, Vitta desapareceu. Ela deve ter dito alguma coisa; Adhara não entendeu, porque tinha os olhos vidrados na mulher, assim como todos ali.

A dançarina agradeceu os aplausos e foi em direção ao príncipe, que ria com sua corte.

Ele se afundou no trono, quando uma das serpentes envolta do pescoço da mulher moveu-se em sua direção. Ela fez uma reverência profunda, e então saiu.

Uma hora havia se passado e Vitta não tinha voltado, então, Adhara saiu para procurá-la.

Ela estava passando por entre alguns Ranu, que riam e pareciam já embriagados, quando sentiu uma mão em seu cotovelo, puxando-a com força para trás.

— Venha Controle. — Era o Ranu que tinha causado confusão na hospedaria.

Ela percebeu que ele tinha um olho arroxeadado e o lábio inferior cortado.

Adhara não fazia ideia do que ele podia querer falar com ela, mas tentou lutar para que ele a soltasse.

Ela olhou os outros dois Ranu. Uma garota que tinha quase sua altura e cabelos dourados, quase brancos e curtos. E um cara, que não parecia muito com um Ranu, mas que deveria ser; eles geralmente não andavam com quem não fosse de seu Clã.

— Se é sobre a outra noite...

— É sobre as futuras noites.

Ela bateu na mão dele para que a soltasse.

— Se não me deixar ir eu vou gritar.

Adhara pôde ver que ele estava ficando irritado, embora tentasse controlar.

— Vai ser difícil lidar com você. —Falou soltando ela.

— Por que, em nome dos deuses, você precisaria lidar comigo?

Ele coçou a barba e olhou em volta.

— Porque é meu Controle.

— Sou o quê?

Então ela se lembrou das palavras do senhor Ferraz sobre os Ranu e seus Controles, mas ela não entendia o que isso significava.

— Você é meu Controle.

Adhara podia sentir a irritação dele. Foi estranho, como uma onda quente percorrendo seu corpo, como se ela própria a estivesse sentindo, mas não era ela.

— Se eu não tiver um Controle, os guardas vão me aprisionar toda lua crescente. Acreditam que eu sou

perigoso. Eu vou ficar preso em uma jaula, como um animal.

Enquanto ele falava ela podia sentir um desconforto rastejando dentro de suas veias, como se ela fosse ser enjaulada e presa.

— Não posso te ajudar.

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, ela lhe deu as costas e saiu, andando rápido.

Adhara andou, até que parou perto da caravana da trupe itinerante que tinha se apresentado. “*Trupe dos Anões*”, estava escrito na lateral. Ela ouvia vozes vindo lá de dentro, eles comentavam sobre os aplausos e o quanto deviam ter cobrado, já que era um grande evento. Ela estava se afastando, quando ouviu um grito e, instantes depois, uma jovem mulher abriu a porta da caravana, com a expressão horrorizada.

— Por favor, alguém ajude — ela gritou.

Adhara foi até onde ela estava. A garota, que devia ter uns quinze anos, agarrou os braços dela com força.

— Estão mortos, todos eles.

Adhara pediu que a garota ficasse ali, que ela veria o que aconteceu, porque talvez fosse apenas uma pegadinha que estavam pregando nela. Trupes deviam fazer isso. Ela entrou na caravana e se aproximou da mesa, onde estavam as perucas que foram usadas no show, a coroa falsa e garrafas de bebidas. Então, ela viu os atores que participaram da apresentação, com as cabeças penduradas e os olhos e nariz sangrando.

Ela cobriu a própria boca e estava se virando para sair, quando um guarda entrou. Era o de cabelo branco, que havia prendido o Ranu.

— Pela deusa, o que aconteceu aqui?

Não era uma pergunta dirigida a ela.

O guarda a mandou sair, mas não antes de perguntar o que ela fora fazer ali e, em pouco tempo, vários outros guardas apareceram e, como sempre acontecia, também os curiosos, como abutres que farejavam o cheiro de carniça.

— É verdade o que estão dizendo? — Vitta perguntou aparecendo ao seu lado. — Os atores foram assassinados?

Adhara assentiu.

Vitta ficou em silêncio e, de repente, começou a inspirar, o que fez Adhara franzir a testa.

— Está sentindo esse cheiro? É de Rosa do Pântano. É um veneno muito poderoso, tem efeito em questão de segundos se a cura não for administrada, mas ele só é encontrado em um único lugar. No pântano Reshvaror.

Veneno?

— Esse veneno... faz os olhos e nariz sangrarem? — Adhara perguntou.

— Como sabe disso?

— Porque eu os vi, seus narizes sangravam, de todos eles.

Adhara.

Ela ouviu seu nome. Olhou para trás e viu Kalisa, acenando para que fosse até ela. Ela estava acompanhada por um homem bem vestido.

Kalisa queria perguntar à Adhara como ela encontrou os atores. Ela deu a mesma explicação que tinha dado para o chefe dos guardas. A Badica, então, apresentou o homem ao seu lado como sendo general da Legião Vermelha, o exército particular do rei. O homem, de expressão sisuda, tinha várias pequenas cicatrizes por todo o rosto.

— Falarei com o príncipe para que reforce a guarda.

O homem que tinha sido apresentado como Arken, bufou:

— Foram apenas mestiços que morreram.

Adhara olhou para Kalisa esperando o que ela ia dizer, mas ela ficou em silêncio.

Assim que voltou para onde Vitta estava, a Vitalli perguntou:

— O que ela queria?

— Saber porque eu estava com os atores quando os guardas chegaram.

Vitta assentiu, mas tinha uma expressão especulativa nos olhos.

— Ela é irmã da mulher que me trouxe ao mundo.

A Vitalli abriu a boca, impressionada.

— Já teve especulação de que ela seria a futura rainha, que o rei estava tratando com o pai dela de um casamento.

A expressão no rosto de Adhara deve ter deixado transparecer que ela não queria falar daquele assunto, porque Vitta ficou em silêncio.

Os guardas começaram a dispersar todos que estavam ali e dar por encerrada a festa. Todos estavam chocados com o ocorrido, Adhara viu a garota que fazia parte da trupe ser levada pelos guardas. Ela parecia tão assustada, como tinha estado quando gritou por ajuda.

Zacharias voltou com elas para a hospedaria, por precaução.

Um anúncio foi feito, na manhã seguinte, informando que a guarda já tinha um suspeito preso, e que o motivo teria sido vingança; que não havia motivo para preocupação e que os festejos deviam continuar.

Adhara imaginou que o suspeito em questão fosse a jovem camareira. Ela foi a única naquela sala que sobreviveu, certamente porque não tinha permissão de comer ou beber as mesmas coisas que os atores.

Tendo passado sua vida cercada de Mestiços de caráter duvidoso, Adhara tinha adquirido alguma habilidade em reconhecê-las, por isso sabia que a garota que tinha visto não era uma assassina. Que tinham cometido um erro.

Capítulo 5

Adhara estava com Vitta no salão, quando uma garota na mesa vizinha, com quem Vitta já tinha falado algumas vezes, começou a tossir e agarrar a garganta. Um garoto que estava com ela se precipitou em sua direção para ajudar, no mesmo instante em que ela tombou para o lado e caiu no chão.

— Ajude aqui!

Quem estava ali aproximou-se para ver o que estava acontecendo. A garota se debatia agarrada a garganta, então uma nesga de sangue começou a surgir em uma de suas narinas.

— Ela foi envenenada — Vitta disse, empurrando quem estava na frente, e se agachando junto à garota.

Com um último suspiro, os olhos da garota se arregalaram, e a luz que tinha foi desaparecendo, como uma brasa se apagando aos poucos.

Arquejos foram ouvidos em volta, todos chocados com o que tinha acontecido. O garoto que estava com ela levou as mãos à cabeça e abriu a boca, sem expelir nenhum som, em desespero silencioso.

Adhara foi até a mesa onde a garota estivera sentada e pegou seu prato, com o resto de um pedaço de carne, ela levou até bem próximo do nariz e sentiu um sutil odor acre, que passava despercebido pelo aroma do óleo de gergelim.

— Rosa do Pântano? — Vitta perguntou surgindo ao lado dela.

A Mikai assentiu.

As duas se encararam, ambas com a mesma sensação de que algo estava muito errado. Seis mortes com o mesmo veneno, e quem tinha sido acusada de cometer os assassinatos estava presa. Não poderia ter sido ela.

Todos foram retirados do salão, para que não contaminassem a cena quando os guardas chegassem, o que não demorou muito. Adhara ficou encostada na janela, do lado de fora, observando tudo. Ela viu o guarda de cabelos brancos pegar o prato de alumínio e levar até o nariz, como ela mesma tinha feito. Ele fez uma careta e o colocou de lado, baixando os olhos para o corpo da garota, que já começava a ganhar um tom amarelado.

O corpo foi coberto com um lençol.

Sinto muito pela Sibily

Adhara olhou para onde estava Vitta, com o amigo da garota morta. Ele estava agachado no corredor, com as mãos cobrindo os olhos. Estava chorando, mas tentava

não fazer barulho. Vitta, agachada a seu lado, tentava confortá-lo.

As portas do salão foram abertas e dois homens saíram, carregando o corpo, coberto por um lençol branco; em seguida saiu o homem de cabelo prateado.

— Entrem, quero falar com os três.

Adhara olhou para Vitta, que segurava o pulso do garoto, enquanto ele encarava os homens, que saíam da hospedaria e colocavam o corpo de Sibily dentro do baú na parte de trás da carruagem.

Passaram-se alguns instantes até que fizessem o que o guarda tinha mandado.

Alistair exigiu saber como tudo aconteceu, e cada um contou o que tinha visto e sabia, em seguida foram dispensados. Mas, antes de sair, Adhara se voltou para ele e perguntou:

— Isso significa que a garota presa não matou aqueles atores, não é?

O guarda que andava atrás dela a fitou com desdém, mas não respondeu.

LONGE DALI, EM UMA SALA NO CASTELO

O ambiente era escuro, iluminado apenas pela luz do candelabro. Um Mestre das Poções fazia uma infusão, pisando folhas e misturando ervas, quando a porta foi aberta e uma mulher entrou. Ela era jovem e usava um fino vestido de seda, seus braços e pescoços adornados

por belas joias, mas a mais preciosa de todas estava em sua cabeça: uma coroa dourada cravejada de pedras.

O Mestre das Poções se curvou profundamente.

— O que eu lhe pedi, já está pronto? — a rainha perguntou.

O homem, ainda curvado, estendeu a mão e pegou um simples vidrinho, com um líquido vermelho dentro e lhe entregou.

— Tem certeza de que é indetectável?

— Nenhum dos mestres em todo o reino seria capaz de detectar, majestade.

A mulher sorriu, satisfeita.

— Sua dedicação e talento estão se provando mais a cada dia. Até agora ninguém foi capaz de chegar até nós sobre os ataques contra os Mestiços.

— Ninguém realmente se importa com aqueles imundos para fazer as perguntas certas, minha senhora.

Ela colocou um saco de moedas em sua mesa, repleta de formulas, e guardou a poção que lhe foi entregue dentro do vestido, no vão entre os seios.

Capítulo 6

O rei havia decretado que os festejos fossem cancelados, para preservar a segurança de todos. Ele havia mandado o comunicado ser pregado em toda a cidade.

— Devia imaginar que isso aconteceria — Vitta murmurou olhando para o pergaminho na parede da hospedaria.

Adhara voltaria para a Ilha antes do imaginado, antes mesmo do desejado.

Sem ter visto de onde teria surgido, Kalisa apareceu à sua frente.

— Poderia dar um minuto para nós? — Não era uma pergunta, embora ela tivesse feito parecer que fosse.

Vitta murmurou um “é claro” e se afastou.

A Mikai esperou que a Badica começasse.

— Com os festejos cancelados, deve estar pensando em voltar para a Ilha, mas estive pensando no que me disse, que não me importei com você durante toda sua vida, e quero mudar isso. Quero que passe um tempo aqui em Maranea comigo.

O choque daquelas palavras deixou Adhara momentaneamente sem fala e desconfiada.

— Por quê?

— Para conhecer melhor minha única sobrinha.

Adhara franziu as sobrancelhas. Ela já tinha ouvido mentiras o suficiente na vida para saber reconhecer uma.

— Está mentindo, por que quer que eu fique?

Kalisa lançou um olhar reprovador à sobrinha.

— Desconfiada como Catalina. Mas está certa, esse não é o único motivo que eu quero que fique, embora também seja verdade que quero lhe conhecer melhor.

Ela pegou a sobrinha pelo cotovelo e a levou para um canto mais afastado, longe dos ouvidos curiosos.

— Houve um ataque na Ilha. Trinta e dois Mestiços foram mortos, pelo mesmo veneno que matou os atores e a menina Vitalli.

As lembranças de Adhara a levaram até a conversa que ouvira entre os guardas outro dia. Era sobre isso que estavam falando. Sobre o ataque na Ilha.

— Diaser...

— Não, apenas Mestiços.

Mas não tinha como saber que ele não era um Mestiço.

— Não posso ficar. Preciso ter certeza de que ele está bem.

Diaser não era um bom pai, mas ele era a única família que ela tinha.

Kalisa negou.

—Você não irá.

— Ele pode estar em perigo, pode acontecer um outro ataque.

— E você também estará em perigo se for.

Adhara fez uma careta,

— E por que isso te importaria agora? Nunca se importou em dezoito anos. Então, pode continuar assim.

Os olhos de Kalisa esfriaram e endureceram.

— Você não tem permissão para deixar Maranea. Tomarei medidas extremas se tentar.

Assim que Kalisa saiu, Vitta voltou. A curiosidade em seus olhos era óbvia, mas ela não fez perguntas.

Capítulo 7

Adhara estava lavando o rosto para descer para jantar, quando ouviu vozes vindo do corredor. De repente, a porta foi aberta e ela viu Vitta com os lábios em uma garota que a abraçava pela cintura. Ambas murmuraram alguma coisa e então a garota saiu, e a Vitalli entrou, com um sorriso, que morreu assim que viu Adhara e soube que ela tinha visto.

— Eu pensei que já estava no salão.

A Mikai ficou em silêncio e Vitta continuou:

— Quis te contar, mas tive medo de que fosse me afastar. De que não quisesse ser minha amiga, por eu ser assim.

Adhara tinha crescido em um lugar sem nenhuma restrição. O que às vezes era muito para uma criança. Duas garotas se beijando não era nada comparado a tudo que já tinha visto. E ela não via por que poderia ser, para qualquer um.

— Minha família sabe e me apoiam, mas os outros me chamariam de aberração.

A Mikai não tinha o hábito de consolar alguém. Ela nunca teve amigos. Por isso, apenas colocou a mão no ombro de Vitta. Não se incomodava por ela não lhe ter

contado. Havia muito que ela também não compartilhava de si mesma.

Depois de um momento, Adhara perguntou se Vitta queria descer para jantar, mas ela negou. Talvez precisasse de um momento sozinha.

Assim que ela chegou no salão, viu Hazza. Ele tinha o braço envolto em uma garota miúda, com várias marcas de desenhos nos braços e pescoço. Embora ela fosse pequena, Adhara jamais poderia chamá-la de frágil. Ela estava sorrindo de alguma coisa que alguém tinha dito, quando parou e olhou exatamente para onde ela estava. O sorriso desapareceu no mesmo instante.

Adhara desviou o olhar e foi sentar-se em uma mesa vazia ali perto.

— Quero falar com você. — A voz grave feminina fez Adhara levantar os olhos e encontrar a pequena garota Ranu tatuada à sua frente.

Adhara não podia imaginar o que aquela garota poderia querer conversar com ela...Na verdade podia, sim.

Ela indicou para que a Ranu se sentasse.

A garota puxou a cadeira e sentou-se.

— Sou Nirsa, namorada do Hazza. Ele disse que você não aceitou ser o Controle dele.

Seu hálito cheirava a hidromel.

— É verdade.

— Por que você não quer?

Adhara considerou muita ousadia dela ir até ali exigir explicações.

— Isso é problema meu!

— Não, não é. Porque não afeta só você. Afeta o Hazza também. Ele precisa de um Controle — ela disse, sua mão fechada em punho em cima da mesa.

Adhara leu a palavra L.U.T.A.R. tatuada em seus dedos.

— Nem mesmo sei o que é ser Controle de alguém.

Nirsa soltou um suspiro exasperado.

— É Controlar a parte fera que habita em um Ranu. Alguns Ranu, passam a vida sem encontrar o seu.

— Não entendo.

— Quando você aceita ser o Controle, você tem um parceiro para a vida. Suas mentes se ligam e você pode sentir o que ele sente, medo, ternura, paixão.

— Não posso ser isso ou fazer isso.

Adhara assustou-se quando a Ranu se levantou rápida e bruscamente, derrubando a cadeira no chão e com um som estrondoso. Seu punho acertou o tampo da mesa, fazendo a madeira oscilar.

Nesse momento, um Mestiço se aproximou. Ele colocou a mão no braço dela acariciando levemente e pediu que se acalmasse. Foi como ver água sendo chocada em uma brasa.

— Eles vão prendê-lo naquele lugar se ela não aceitar! Você sabe que aquele guarda o odeia, Cass. Todas as torturas e abusos que fazem com ele.

Cass acariciou o alto de sua cabeça, o que não era difícil, já que a cabeça dela alcançava seu peito; mas o que surpreendeu Adhara foi a Ranu ter permitido.

Ela não conseguia imaginar qualquer outra pessoa fazendo aquilo e continuando com todos os dedos.

— Por que não ver com seus próprios olhos, antes de decidir. — ele disse olhando para Adhara.

O Mestiço tinha começado a levar Nirsa de volta à mesa, quando Adhara se levantou e foi atrás deles. Cass e Nirsa olharam para trás.

— Eu quero ver com meus próprios olhos.

Ela ignorou o brilho esperançoso nos olhos da Ranu. Ela faria uma tentativa, apenas isso. E não achava que fosse mudar de ideia.

Assim que chegaram na mesa, Nirsa foi se sentar ao lado de Hazza, e Cass chamou Adhara para se sentar na cadeira vazia perto dele. Ela tentou ignorar os olhares dos três sobre ela.

Eles ficaram sem dizer nada por quase um minuto, e ela estava começando a se arrepender de ter ido até ali, quando Cass começou a falar sobre a primeira vez que viu Nirsa. Ela estava em Sidarta para conseguir um tipo de cerveja que eles fabricavam e tentou roubar uma, mas ele viu e gritou para ela parar. Ela parou imediatamente e eles souberam o que significava.

— Ela foi meu passaporte para deixar aquele lugar. — Cass disse com uma expressão tensa.

— E como permitem que você fique aqui?

— O Controle pode estar onde o Ranu estiver. Nenhuma lei, nada, nem ninguém pode impedir isso. — Ele respondeu.

Quando ela olhou para onde Hazza estava, ele estava olhando para ela, como se soubesse exatamente o que ela estava pensando, de novo.

— Eu vou fazer isso, mas apenas pra que não seja preso. Não preciso de todo o resto.— explicou.

Sua resposta foi recebida com silêncio e, em seguida, suspiros de alívio. Cass, que estava ao seu lado, fez um aceno de aprovação.

Eles ficaram falando sobre a cerimônia de ligação que teria. Ao perceber o nervosismo de Adhara, Cass garantiu que não era nada demais, apenas uma mera formalidade.

— Você não se importa de ser o Controle de alguém? — ela perguntou em voz baixa, para que apenas ele ouvisse.

Ele pareceu parar para pensar.

— Às vezes, geralmente quando brigamos. Eles são cabeça quente. Você nem imagina o quanto, mas eu posso contar com a Nirsa para tudo, e ela pode contar comigo.

Devia ser bom, ter alguém com quem você pudesse contar sempre. Mas Adhara estava bem sozinha. Ela garantiu a si mesma.

Assim que o jantar acabou, eles se levantaram.

— Preparada para a cerimônia? — Nirsa perguntou.

— Agora?

Os Ranu se olharam entre si.

— Algum problema com isso?

Se ela tinha que fazer, qual era o motivo de esperar mais.

— Nenhum.

Eles saíram da hospedaria e ela pôde ver o rosto desconfiado do Sr. Ferraz, quando ele passou pela recepção. Adhara não podia culpá-lo, sabia que parecia perdida e indefesa em torno daqueles Ranu. Ela olhou para Cass que, de alguma forma, era o que mais se parecia com ela; ele olhou para trás e deu um sorriso encorajador.

Ao entrarem no bosque, o barro era mais mole e ficou mais difícil para Adhara manter o equilíbrio, o que não parecia ser um problema para os Ranu. Hazza, que andava atrás, ofereceu seu braço para ela se apoiar, mas Adhara recusou. Se eles conseguiam, ela também podia — pensou. Era só tomar cuidado.

Chegaram em uma clareira pequena, e no meio dela havia uma cabana de pedras. Musgos cresciam nela, tornando-se tão parte da casa quanto as próprias pedras. A porta de madeira era pequena, e a maioria dos Ranu precisou baixar a cabeça para entrar, mas não foi o caso de Adhara.

A cabana tinha um lampião sobre uma mesa, e havia apenas duas cadeiras no cômodo. O lugar não parecia habitado.

Uma porta foi aberta e uma senhora, com cabelos brancos que chegavam à altura dos joelhos, apareceu. Ela usava um vestido envelhecido de mangas compridas, e tinha uma expressão calorosa no rosto.

— De quem devo estar orgulhosa dessa vez?

Hazza soltou a mão de Nirsa e deu um passo à frente. A velha senhora sorriu e estendeu a mão para tocá-lo no rosto brevemente.

— Mostre-me, onde seu Controle está?

Todos os olhos se voltaram para Adhara, que estava espremida entre dois Ranu. Ela deu um passo à frente e o sorriso no rosto da mulher sumiu.

— Uma Mikai.

Hazza soltou um murmúrio à meia voz, que silenciou a anciã. Ela olhou para ele e assentiu.

— Por favor, se aproxime.

Adhara foi até onde eles estavam e a mulher pediu que ela e Hazza dessem as mãos. Ela estendeu as mãos e o Ranu as segurou. Adhara ficou vendo suas mãos desaparecerem completamente dentro das dele.

— Estão prontos? — E então olhou para Adhara. — Esse é um pacto para a vida inteira. Está consciente disso, conseguirá cumprir seu voto?

Adhara franziu o cenho.

Por que ela tinha falado daquele jeito?

— Eu cumprirei.

A cerimônia se iniciou e Adhara certificou-se de que seus pensamentos ficassem fixados no que estava

acontecendo naquele momento. Nas palavras da anciã, em uma língua que ela não compreendia.

— Você aceita ser o Controle dele? — a mulher perguntou. — Depois de aceitar não tem como voltar atrás. Suas mentes serão ligadas, seus pensamentos serão um só.

Aquele mesmo tom de desconfiança estava começando a irritar Adhara.

— Eu... aceito — ela respondeu rapidamente, com a voz trêmula, tentando não pensar no que estava fazendo.

Adhara olhou para Hazza, quando foi a vez dele. Ele disse, sem nenhuma dúvida:

— Aceito.

Quando terminou, Adhara descobriu que tinha que fazer uma marca para selar a ligação. Nirsa seria quem faria, ela mandou que Adhara se sentasse em uma cadeira e escolhesse o lugar onde queria a marca. Adhara ficou olhando para eles por um tempo, esperando que alguém dissesse que tudo não passava de brincadeira.

— Eu tenho realmente que fazer? — ela perguntou.

Ela pôde sentir a exasperação no ar. Ela sentou-se em uma cadeira ali e olhou em seus braços, procurando um lugar discreto onde fazer a tatuagem. Por fim, resolveu fazer na parte interna do pulso. Ela tirou o bracelete do seu Clã e indicou o lugar exato onde a marca teria de ser feita.

— Faça o menor que conseguir.

Ela ficou olhando quando a ponta do punhal tocou sua pele. Para Adhara, olhar tornava tudo menos assustador. Ela engoliu o primeiro gemido quando a lâmina cortou sua pele. Como as pessoas enchiam o corpo com aquilo, ela se perguntava. Pouco a pouco, o desenho começou a ganhar forma, duas luas crescentes, como dois Cs com as costas unidas.

Adhara não sabia quanto tempo tinha passado até Nirsa dizer que tinha terminado.

— Pronto, o que achou?

Adhara olhou para o pulso e teve que admitir que tinha ficado bom, e o bracelete a cobria.

— Está bem. Já posso ir?

— Só um instante. — Ela abriu uma caixinha que estava no chão ali perto e tirou um vidrinho transparente, derramou um pouco na mão e passou por cima da marca. Adhara sufocou um grito. — Agora já pode ir.

Assim que ela passou pela porta, ouviu passos atrás dela e, quando olhou, viu que era Hazza.

— Estou indo para a hospedaria.

Ele assentiu.

— Eu sei. Vou te levar.

Ela estava preparada para dizer que não precisava, que conseguia chegar lá sozinha, mas quando olhou procurando a trilha pela qual viera, não achou.

Eles fizeram o caminho até a hospedaria em silêncio. Ele sempre um passo atrás, com as mãos nos bolsos.

Apenas quando estavam na entrada que ele abriu a boca:

— Obrigado, pelo que você fez.

Adhara ficou surpresa com aquele agradecimento.

— Tudo bem.

Capítulo 8

Naquela madrugada, Vitta e Adhara pegaram seus pertences e desceram para a recepção para esperar a carruagem. Kalisa estava muito enganada se esperava que ela fosse ficar ali de braços cruzados, enquanto não tinha notícias de seu pai.

Zacharias apareceu, carregando uma única grande mala de couro. Ele sentou-se em uma cadeira ao lado de Vitta e passou o recado da tia, desejando que ela tivesse uma boa viagem.

Adhara aproveitou e foi pagar o aluguel ao Sr. Ferraz, que pareceu estranhamente surpreso quando ela colocou as três moedas douradas sobre o balcão.

— Também está partindo senhorita?

Ela assentiu e ele enrugou a testa.

— Mas a Sra. Badica reservou um quarto para seus próximos dias, ela me informou que a senhorita ficaria mais uns dias.

Adhara cerrou os dentes.

— Ela se enganou.

Ele não discutiu e pegou as moedas.

— Espero que em sua próxima visita lembre-se da minha humilde hospedaria.

Não havia nada em Maranea que ela pudesse esquecer.

Meia-hora depois, a carruagem que haviam pedido chegou. O cocheiro desceu para pegar suas malas, e nesse momento outra carruagem se aproximou. Ela trazia o símbolo Badica impresso. Kalisa saiu de dentro da carruagem, trajando uma capa verde escura de veludo, e com uma expressão nem um pouco amigável.

Adhara conseguia ouvir os cochichos de Mágicos ali perto, questionando-se o que uma Badica fazia ali; mas ela sabia a resposta.

Kalisa foi até onde ela estava.

— Pensei que tinha sido clara na nossa última conversa.

— Cristalina.

— E ainda assim não me ouviu. Serei mais sucinta, para que não haja engano. Você está proibida de deixar Maranea.

— Não pode me obrigar a ficar aqui!

O brilho de desafio cintilou nos olhos negros.

— Sim, eu posso. Mandei guardas para o píer e eles têm ordens para prendê-la caso tente embarcar. E Reids não é tão agradável como aqui para se passar algumas noites.

A Badica desviou o olhar da sobrinha para os irmãos Vitalli, que não haviam se afastado e ouviam tudo, com as cabeças baixas.

— É melhor se apressarem, o navio não espera.

Adhara sentiu o estômago embrulhar ao ouvir aquelas palavras. Kalisa olhou para o lenço que a Mikai tinha amarrado na cabeça para entrar escondida no navio e disse:

— Era um péssimo disfarce, de qualquer forma.

Ela entrou na carruagem e foi embora.

— Por que não pode deixar Maranea? — Zacharias perguntou desconfiado.

— Minha Ilha foi atacada, o mesmo veneno usado nas mortes aqui.

Zacharias e Vitta se entreolharam, mas, nesse instante, o cocheiro chamou. Estava na hora de irem. Adhara teve aquele sentimento já conhecido de solidão.

— Devem ir agora. Darei um jeito de sair daqui.

Vitta olhou, pesarosa.

— Não tem como. O único jeito é pelo mar, e os guardas não vão deixá-la embarcar.

A Vitalli não conhecia Adhara muito bem. Não sabia que ela não desistiria até encontrar uma forma de sair dali. Não importava se teria que atravessar nadando.

— Vou dar um jeito.

A certeza em sua voz fez Vitta franzir a testa, preocupada, mas antes que tivesse a chance de dizer alguma coisa, o irmão colocou o braço envolta dela e disse:

— Boa sorte com o seu... plano. — Então a levou até a carruagem.

Ela ficou observando, parada no meio da rua, eles partirem, com Vitta acenando da janela. Só então, Adhara pegou sua mala e voltou para dentro da Hospedaria. O Sr. Ferraz não pareceu surpreso ao vê-la, e ela sabia o porquê.

— Foi você quem avisou a ela, não foi?

Ele não respondeu, mas seu encolher de ombros foi o bastante.

Adhara sentiu vontade de jogar a mala nele. “*Velho fofoqueiro!*”, ela quis gritar. Ele pareceu pressentir, porque deu um passo para trás.

Respirando fundo, ela foi em direção às escadas.

— Senhorita Mikai, senhorita Mikai — ele chamou.

Ela parou e olhou para trás.

— Seu quarto mudou. Agora é no terceiro andar — falou.

Vendo a expressão confusa no rosto dela, ele saiu de trás do balcão e se aproximou, com um sorriso que seria radiante, não fosse pela arcada dentária apodrecida.

— A senhora Kalisa reservou um dos meus melhores quartos, para a senhorita.

Adhara ficou encarando o homem à sua frente, querendo ter certeza de que tinha realmente escutado direito.

— O quê?

Ela ouviu o próprio grunhido na voz. Estava a segundos de gritar ou morder alguém. Fazer qualquer coisa. Odiava aquela sensação de estar encurralada.

Kalisa a tinha cercado. Primeiro não permitindo sua partida, e então decidindo onde ela deveria ficar.

— Eu prefiro meu antigo quarto.

— Como disse? — A confusão estava estampada em seu rosto.

— O senhor me ouviu.

Logo a confusão desapareceu no rosto dele.

— Lamento, mas o quarto já foi ocupado — disse.

— Faz menos de uma hora que eu saí dele.

Ferraz meneou a cabeça.

— Os quartos são muito disputados, não ficam vagos por muito tempo — alegou, encolhendo os ombros novamente.

Ele estava mentindo, Adhara sabia disso. A maioria dos hóspedes estavam indo embora, depois do cancelamento dos festejos. Devia ter dezenas de quartos vazios.

Adhara seguiu o Sr. Ferraz até uma porta, de número 304. Ele pegou a chave no bolso e abriu-a.

O quarto era apenas um pouco maior que o anterior, com uma cama de ferro no meio, lençóis limpos e uma banheira no canto.

Adhara colocou a bolsa no chão e suspirou.

— Muito melhor, não é? — o homem velho disse.

Ela não respondeu.

Assim que ele saiu, ela trancou a porta.

Hazza estava deitado na cama olhando para o teto, quando sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

Uma careta cruzou seu rosto.

— O que foi? — Nirsa perguntou.

— A garota, ela está irritada — ele disse, sentando-se.

Os lábios da Ranu se partiram em um sorriso.

— Ela parece ser do tipo mal-humorada, é melhor se acostumar.

Ela olhou para ele com um olhar de “boa sorte” e o beijou brevemente nos lábios.

— Vou dormir em casa hoje e pegar minhas coisas. Amanhã passo por aqui para me despedir.

Nirsa havia deixado de partir na caravana com outros Ranu, para ficar mais um dia com ele.

Hazza levantou e apanhou a calça no chão.

— Vou ver a garota. Ela precisa de mim.

— A “garota” tem um nome, não esqueça. E já está tarde, ela deve estar dormindo.

Ele não havia esquecido o nome dela. *Não tinha como esquecer.* Pensou com irritação. Não era irritação com ela. Era com o fato de precisar ter um Controle. Alguém que podia controlá-lo com uma mera palavra, como um animal adestrado.

— Ela ainda não está na cama. — Ele tinha certeza, podia sentir a ansiedade dela.

— Garotas não gostam de serem incomodadas tarde da noite. — Ela apertou os olhos pensando e continuou, com um sorriso malicioso. — Tem uma ou outra vez que perdoamos tal incômodo.

Hazza podia imaginar muito bem onde ela perdoaria o incômodo.

Depois de se vestir e despedir-se de Nirsa, Hazza foi até a hospedaria. Ele sabia onde era o quarto que ela dividia com a garota Vitalli. Ele bateu à porta algumas vezes, mas ninguém atendeu. Inspirou fundo, mas o cheiro dela estava sumindo.

O que estava acontecendo?

Hazza sabia que seria difícil tê-la como Controle.

— Ela não está mais aí.

O Sr. Ferraz disse, surgindo atrás de Hazza, então abrindo um sorriso para o Ranu. Eles se conheciam há muitos anos.

— Fico feliz que a encontrou. Você precisava.

Hazza lembrou de algumas vezes em que quase destruiu a hospedaria dele; quando Nirsa vinha para Maranea ele ficava as vezes ali com ela.

— Mas ela é... Tem um gênio...difícil. A senhora Badica alugou um dos meus melhores quartos e ela não gostou — ele falou e observou Hazza, com apreensão.

Ranu não gostavam de ouvir críticas a seu Controle. Muitas vezes, Hazza teve que segurar Nirsa porque insultaram Cass por ele ser Mestiço.

— E onde fica esse novo quarto?

— 304, eu sempre lembro. — Ele bateu o dedo indicador na têmpora.

Hazza foi para o terceiro andar e parou em frente à porta do quarto de número 304.

Toc, toc, toc.

Ele ouviu passos vindo lá de dentro e, num instante, a porta estava aberta. Adhara apareceu, com os cabelos molhados. Ela vestia um vestido velho marrom. Estava descalça, e a marca ainda oculta pelo cataplasma.

— O que está fazendo aqui? Pensei que todos tivessem ido embora.

— Moro aqui.

Ela assentiu.

— Certo.

Ele apontou para trás dela.

— Quarto novo?

Ela suspirou.

— Não por escolha.

— Soube que a senhora Kalisa impediu você de embarcar.

Adhara apertou os lábios, obviamente não querendo falar do assunto. Mas Hazza não era do tipo cheio de tatos, que entendia quando alguém não estava querendo falar. Ele insistia e pressionava até descobrir. Nirsa muitas vezes brincava dizendo que ele não descendia dos Lobos, mas sim dos ogros. Talvez ela estivesse certa.

— Muito amorosa sua tia.

Adhara estreitou os olhos.

— Como sabe que ela é minha tia?

Hazza se arrependeu brevemente de ter falado.

— Posso sentir semelhanças no seu sangue e no dela, antes eu não conseguia, mas agora eu posso — explicou.

Ela pensou se deveria sentir-se irritada com aquilo, afinal parecia haver muitas coisas que ela não sabia sobre ser Controle de alguém. Mas sentia-se exausta demais para isso.

— Ainda não me disse o que veio fazer aqui?

— Queria saber se estava precisando de alguma coisa.

— A única coisa que estou precisando no momento é saber se meu pai está bem, ver ele.

Hazza coçou a cabeça e, olhando de um lado para o outro no corredor vazio, entrou no quarto. Adhara fechou a porta assim que ele passou.

— Tem um jeito, mas é...

— Faça qualquer coisa. Me diga!

Aquilo fez o instinto de Hazza saltar.

— O que está acontecendo?

Ela ficou quieta um instante, mas então seus ombros caíram com um suspiro de desistência.

— Houve um ataque na Ilha. Foi encontrado o mesmo veneno que matou a garota Vitalli e os atores, muitos Mestiços morreram.

— Mesmo veneno... por isso ela não permitiu que você fosse?

Aquilo devia ter mais a ver com Controle do que preocupação sincera.

— Ela acredita que estarei mais segura aqui, mas todas essas mortes dizem o contrário. Agora me fala, qual é esse jeito de eu sair daqui.

Hazza olhou para ela e viu a real preocupação em seus olhos castanhos-escuros.

— Você pode acabar presa.

Ela hesitou um instante, mas concordou com um aceno.

— Eu *preciso* saber se ele está bem.

A força na voz dela, quando disse isso, o surpreendeu. Ele pensou no garoto que fora uma vez, quando tentou salvar o próprio pai. As situações eram completamente diferentes, mas similares de alguma forma.

Ele afastou o pensamento, como se fosse fogo na sua mente.

— Conheço alguém que pode te ajudar. Passo amanhã aqui para levar-te lá.

A cozinha estava fechada, foi interditada pelos guardas pelo risco de novos envenenamentos, e boa parte das pessoas que trabalhavam lá foram levadas para serem interrogadas. Então, depois de comer uma

das maçãs de Vitta, foi esperar por Hazza na recepção. Assim que chegou lá, viu-o entrando.

Ele foi rapidamente em sua direção.

— Vamos logo, enquanto o Sr. Ferraz não está.

Adhara olhou para a mesa onde ele sempre estava e não o viu. Aquilo lhe pareceu um começo propício.

Eles alugaram uma carruagem na rua que os levaria até Sidarta. Era uma vila a alguns quilômetros do Norte de Maranea. O cocheiro os deixaria na entrada. Hazza disse que nenhum cocheiro em sã consciência entraria lá. Não importava o quanto pagassem. Era um lugar cheio de Sanguíneos, que faziam qualquer coisa por um pouco de sangue.

A carruagem parou assim que o condutor viu a placa.

Sidarta.

Adhara e Hazza tiveram que andar mais de dez minutos até avistar a vila. Era uma pequena vila, esquecida no meio do nada, com becos escuros e estreitos.

Por onde passavam, Sanguíneos lançavam olhares desconfiados, não estavam acostumados com estranhos ali; e quando recebiam, não era sinal de boa coisa. Eles usavam farrapos sujos, e a maioria parecia extremamente desnutrido.

Eles tinham entrado em um beco que fedia a putrefação, e descobriram de onde vinha o odor quando viram um cachorro no estágio final de decomposição, com restos de órgãos expostos. A carne tinha sido

arrancada. Adhara cobriu a boca e o nariz. Ela se assustou quando olhou para cima e viu um homem alto, com ossos saltados na clavícula, bem à sua frente.

— Visitante, que surpresa. O que posso fazer por vocês? Conheço lugares aqui — ele disse, com um olhar cheio de intenções duvidosas. — Por algumas gotas de sangue, consigo o que quiserem — Ele se inclinou para frente com os olhos. — Mas o pagamento é adiantado, é claro.

Hazza empurrou Adhara para trás de si e deu um passo em direção ao homem, que se encolheu contra a parede ao ver toda a envergadura do Ranu.

— Suma já daqui — ordenou Hazza. — Ou o único sangue que terá nas mãos será o seu próprio.

O homem tinha uma expressão de dor, e estendeu as mãos, em súplica.

— Só uma gota, que mal fará?

Hazza grunhiu.

Um grunhido selvagem, que fez o homem afundar ainda mais contra a parede e proteger a cabeça com as mãos.

— Vamos sair daqui — Adhara disse, empurrando o braço do Ranu.

Ele começou a andar e ela o seguiu.

Hazza parou em frente a uma porta no final do beco. Ele bateu algumas vezes até ouvirem “Calma. Um homem precisa de um tempo para suas necessidades.”

Demorou mais vinte minutos para que a porta fosse aberta. Uma mulher saiu descabelada, vestindo a blusa, não rápido o suficiente para que evitasse que Adhara e Hazza vissem seu seio molenga saltitando, com seus passos apressados. Um homem jovem em seus dezenove anos ou vinte anos, ela chutou, apareceu na porta. Ele tinha cabelos da cor do carvão e olhos no mesmo tom, e um nariz que parecia ter sido quebrado algumas vezes.

— Ranu e uma... — Adhara sentiu uma respiração pesada em seu pescoço. — Não reconheço seu Clã.

— Temos um trabalho para você. — Hazza disse.

O Sanguíneo olhou para ele com um sorriso nada simpático, mas que diferentemente dos outros que ela tinha visto ali, tinha todos os dentes.

— Ramon. Esse é meu nome. — Ele deu de ombros. — Gosto quando me chamam por ele.

Ramon deu um passo para o lado e fez sinal para que entrassem na casa.

A casa era um quarto minúsculo e escuro — com apenas um espaço entre as telhas que clareava o espaço. Tinha um cheiro desagradável, que fez Adhara enrugar o nariz. Havia uma cama no canto, os lençóis estavam bagunçados e tinha marcas de suor. Havia uma mesa com duas cadeiras, e um sofá com o estofamento gasto e a espuma amarela aparecendo.

— Então, o que vocês querem?

— Duas passagens para a Ilha Corvos, o mais depressa possível — o Ranu respondeu.

Adhara olhou para Ramon.

— Para aquele lugar a passagem é um pouco mais cara, e tem um extra pela urgência. Posso perguntar primeiro como você pensa em me pagar?

Adhara tinha levado sua bolsinha com moedas. Ela ainda estava quase cheia. Ela tirou cinco moedas de ouro e estendeu para ele.

— Como eu disse, o preço é mais caro.

Ela fez menção de pegar mais moedas, mas ele balançou a cabeça.

— Não me refiro a moedas.

— O que você quer?

Ramon olhou para ela de cima a baixo, em avaliação.

— Eu nunca trepei com alguém assim como você, que cheira tão bem. — Ele fungou em seu cabelo. — Que tem todos os dentes.

Adhara se afastou.

— De jeito nenhum!

Ele deu de ombros e fez menção de devolver-lhe as moedas.

— Sangue, eu dou um pouco de sangue, e também pode ficar com as moedas.

O Sanguíneo parou um instante e ela pôde ver alguma coisa maquinando na mente dele.

— Não é o que eu preferia, nem você, se soubesse o que está perdendo; mas sangue puro têm suas vantagens, aceito.

Ramon, entrou em uma porta estreita do outro lado da sala e voltou instantes depois. Ele tinha um envelope com um símbolo impresso, que ela não reconheceu.

— Isso vai garantir a passagem de vocês. Agora meu sangue. A não ser que tenha mudado de ideia? — ele falou, como se esperasse que isso acontecesse.

Adhara estendeu o braço.

— Pode pegar.

Ramon sorriu e foi até a mesa. Ali, pegou uma faca, que parecia começar a enferrujar, e um frasco transparente. *Aquilo não parecia muito limpo*, Adhara pensou.

— Não tem uma forma de tirar meu sangue sem que eu corra o risco de contrair alguma doença?

Hazza, que tinha permanecido em silêncio o tempo todo, aproximou-se de Adhara, ele pegou a mão dela e mostrou uma garra comprida.

— Vai doer um pouco.

Ela fez uma careta e viu o sangue brotar. Ramon estava perto com os olhos brilhantes, ele abriu o frasco. Hazza virou a palma dela para baixo, para que o sangue pudesse pingar dentro. Ela contou uma, duas, três gotas, então o Ranu fechou os dedos dela, impedindo o sangue de continuar caindo.

— Três gotas de sangue? Apenas isso? — reclamou Ramon.

— Isso, já é muito para você. — Ele soltou a mão de Adhara, que rapidamente a fechou e colocou atrás de si.

Ramon pareceu considerar aquilo.

— Tem razão. Isso vai me garantir algumas trocas...interessantes.

Hazza apenas virou-se e saiu da casa a passos largos.

Quando estavam indo embora, Adhara viu algumas crianças brincando, elas usavam roupas feitas com saco de aniagem, e corriam pelas ruas enlameadas descalças, escalavam paredes e subiam pelos telhados. Aquele parecia o lugar errado para elas crescerem, não estavam ali porque tinham feito algo errado, mas porque nasceram sendo quem eram.

Assim que chegaram ao local marcado para encontrar o cocheiro, ele não estava lá.

— Ele nos deixou — ela amaldiçoou.

Hazza caminhava tranquilamente, como se fizesse aquilo todo dia. Caminhar por horas a fio. Talvez ele fizesse, ela não sabia. Já Adhara, sentia dor em suas pernas. Ela olhou para o pulso, onde já tinha se livrado do cataplasma. Tinha ficado contente pela primeira vez por ter aceitado ser o Controle de Hazza, se não fosse por isso, nunca teria ido até ali, e ficaria presa em Maranea sem saber o que estava acontecendo com Diaser.

— São apenas você e seu pai? — Hazza perguntou, depois de um tempo ambos em silêncio.

Ela assentiu.

— Sem mãe, nem irmãos?

— Minha mãe foi embora quando eu era pequena e não tenho irmãos; não que eu saiba.

Ficaram alguns minutos em silêncio.

Hazza olhava para frente quando disse:

— Também sou filho único. Mãe morta e pai preso. — Ele inspirou fundo antes de continuar. — Meu pai é um Ranu Mental. Quando eu tinha onze anos, ele teve um surto de raiva e bebedeira dilacerou minha mãe; foi preso, e vai ficar lá até o fim de seus dias.

Adhara não soube o que dizer. Todas as palavras que pensou não pareciam certas.

Eles continuaram o trajeto sem mais nenhuma troca de palavras. Ela não era uma grande conversadora e sabia bem disso.

Já era começo do fim da tarde quando eles chegaram em Maranea.

Capítulo 9

Adhara queria correr para o quarto e tirar aquelas botas, que estavam machucando seus pés. Ela passou pela recepção e estava indo em direção às escadas, quando parou, ao ver Zacharias conversando com o Sr. Ferraz ali perto. *O que ele estava fazendo ali?* Ele deveria estar bem longe de Maranea aquela hora.

Ao vê-la, Zach soltou um suspiro resignado; disse alguma coisa para o estalageiro, que lhe deu um meio sorriso, então, foi na direção dela.

Assim que ele se aproximou, a primeira coisa que ela perguntou foi o que ele estava fazendo ali. Ele disse que Vitta tinha lhe pedido para que ele a ajudasse a fugir de Maranea.

— Por que ela pediria isso?

— Ela viu que você estava sozinha e triste.

Adhara começou a negar, mas desistiu.

— E você vai me ajudar a fugir?

— Depende de seu plano não ser muito estúpido. —

Ele cruzou os braços. — Então, tem um plano?

Ela cerrou os dentes, para evitar a resposta ácida que estava na ponta da língua, quando a mão do Vitalli

serpenteou entre eles e agarrou o pulso de Adhara virando para cima, expondo a marca.

— Você é um Controle?

Puxando seu braço de volta, ela cobriu a marca com a mão.

— Você sabe o que é ser um Controle, não é?

Ela quis revirar os olhos.

— É claro que eu sei.

Zach a olhava como se ela fosse uma estúpida.

— Também sabe que ele sente tudo o que você sentir? Que você deu uma permissão clara para seus pensamentos e emoções mais íntimas?

— Isso não é da sua conta! Obrigada por ter vindo, mas posso ir embora daqui sem sua ajuda.

Ela começou a seguir em direção às escadas, quando ouviu um pigarrear atrás de si, e olhou para trás.

— Eu não tenho onde ficar essa noite — Zach disse.

— Isso é uma hospedaria, tem muitos quartos aqui.

Ele suspirou.

— Por que não pensei nisso antes? É claro, eu pensei, mas então lembrei que não tenho moedas. O pouco que tinha comprei a passagem até aqui.

Com o silêncio dela, ele continuou:

— Esse é o momento que você diz algo semelhante a “você pode ficar no meu quarto essa noite, já que não tem um lugar para dormir por minha causa”.

Adhara estava com pouco dinheiro e precisaria dele para conseguir ir para casa. Não podia deixar ele jogado

ali, principalmente porque ele tinha ido ali para ajudá-la, mesmo contra sua vontade, obviamente. E ele era irmão de Vitta.

— Você vai dormir no chão.

Quando chegou no andar do quarto de Adhara, Zacharias fez um pequeno discurso sobre toda injustiça e desigualdade entre os Clãs. E, assim que viu o quarto, seus olhos arregalaram. Ele pegou sua mala grande e entrou dando uma boa olhada na cama, passou a mão no tecido azul e incólume, e inspirou o cheiro agradável de flores.

— Preciso tomar um banho, posso?

Ela assentiu e saiu para o corredor enquanto ele se banhava.

Depois de um tempo, ele abriu a porta informando que já estava pronto.

Adhara pegou uma coberta e lhe entregou.

Adhara acordou na manhã seguinte com Zacharias encarando-a com seriedade. Ela demorou alguns segundos para ver o objeto que ele tinha nas mãos: o pedaço de madeira que o Sanguíneo havia lhe entregado. Ela levantou-se em um pulo.

— Me devolva isso!

Ela foi na direção de Zacharias para tomar dele, mas ele apenas desviou e o ergueu no alto.

— Primeiro me diga, como conseguiu isso?

Ela cerrou os dentes.

— Não vai dizer, então deixa eu adivinhar. Você foi estúpida o suficiente para ir até Sidarta fazer negócios com Sanguíneos. — Ele entendeu seu silêncio como confirmação. — E eu pensei que você não podia ser mais estúpida.

— E o que você tem a ver com isso?

— Graças aos deuses, nada. Porque se eu fosse pego pelos guardas fazendo negócios com Sanguíneos, eu passaria um bom tempo na cadeia; infelizmente não tenho nenhum parentesco com pessoas influentes.

Ele lhe devolveu a passagem.

Querendo que ele fosse logo embora, ela foi até sua bolsinha e pegou algumas moedas, que imaginou que fosse o suficiente.

— Com isso você pode ir embora.

Ele olhou para a mão dela aberta e pegou as moedas.

— É o que eu mais quero — ele falou, pegando a bolsa que tinha levado com ele.

Assim que ele saiu, fechando a porta atrás de si, ela se sentou na cama, avaliando o que ele disse. O Ranu seria preso se fosse pego ajudando-a a fugir de Maranea. Kalisa não a mandaria para cadeia, seria vergonhoso demais que a sobrinha fosse presa. Mas ele seria. Ela lembrou da expressão dele, quando o guarda o levou

daquela vez. Com um suspiro, ela decidiu que seria melhor que ele ficasse. Ela podia se cuidar sozinha. Seu pai era problema apenas dela.

Adhara juntou as coisas mais importantes dentro de uma única bolsa, daria muito na vista se ela saísse carregando a mala. Ferraz avisaria Kalisa imediatamente, e tudo iria por água abaixo; e ela de jeito nenhum teria outra chance como aquela.

Ela já tinha terminado de arrumar tudo e esperou que chegasse a hora.

Quando a lua já estava surgindo no céu, ela soube que seria a hora de ir.

Ela encontrou uma criada no corredor e lhe perguntou se tinha uma saída sem ser a entrada principal. Ela não pareceu achar uma pergunta estranha, e lhe ensinou uma saída que sairia em outra rua.

Adhara saiu na rua da casa de Olhos Do Mundo. Estava tudo escuro naquela hora, exceto por alguns lampiões em casas aleatórias. Ela seguiu, escondendo-se nas sombras, até chegar na praça do Enforcamento; ali sempre tinha uma carruagem para alugar. Ela reconheceu o homem que a tinha levado até Sidarta e foi até ele.

— Preciso que me leve até esse lugar. — Assim que ela falou o lugar, o cocheiro começou a recusar. — Te dou duas moedas de ouro.

Ela tirou as duas moedas da bolsa e viu os olhos do homem ampliarem, e soube que tinha conseguido.

— Suba depressa.

Adhara segurou o sorriso, e estava subindo na carruagem, quando ouviu alguém gritar para esperar. Ela reconhecia aquela voz, percebeu. Quando olhou para trás, viu Zacharias correndo em sua direção.

— Como me achou aqui?

— Vi você saindo da hospedaria escondida e a segui.

— Por quê?

— Preciso de uma carona.

Ela negou com a cabeça.

— Não vamos para o mesmo lugar.

— Só precisa me deixar em Sedir, de lá consigo condução para casa.

A viagem até o vilarejo de Sedir era de pouco mais de uma hora, e foi feita em silêncio, mas, assim que a carruagem parou, ele foi quebrado por Zacharias:

— Você ainda pode desistir — ele disse.

— Mas eu não vou.

SEDIR

Sedir era uma cidade mercantil, todo tipo de transação ilegal, desde compra de produtos saqueados em alto mar, até a venda de crianças acontecia ali.

— Que lugar encantador. — Zacharias murmurou.

Havia tochas espalhadas nas paredes das casas e homens indo de um lado para o outro carregando caixotes e baús. Um navio estava aportado.

Adhara desceu da carruagem e entregou as duas moedas prometidas ao cocheiro.

Zach também desceu e eles seguiram em silêncio por um beco, até que pararam em frente à uma taverna, de onde sons altos de gaitas de fole e risadas vinham. Adhara resolveu entrar, para ver se conseguia alguma informação. O que ela sabia de piratas era que eles adoravam bebidas e mulheres, e aquele parecia o lugar certo para encontrar isso.

Logo que puseram os pés na taverna, foram recebidos pelo forte cheiro de álcool, charutos e alguma outra coisa desagradável.

Uma mulher carregando uma bandeja, e usando um decote que não deixava muito para imaginação, foi até eles.

— Forasteiros no meu bar. — Ela os olhou de cima a baixo. — O que posso fazer por vocês, crianças?

Zacharias olhou para Adhara esperando-a responder.

— Tenho uma passagem para Corvos, para hoje à noite.

A mulher olhou em volta.

— Pode provar?

Adhara tirou o pedaço de pergaminho do bolso e mostrou a ela, que analisou com cuidado antes de lhe devolver.

— A maioria desses homens trabalham no Cauda Negra, basta segui-los que encontrará o porto. Sentem e

peçam alguma coisa, ou terão que esperar lá fora, e eles vão demorar.

Alguém gritou, chamando a taberneira.

Adhara e Zacharias foram sentar-se em uma mesa, próxima a uns homens que tinham no colo mulheres seminuas e risonhas.

Um rapaz foi pegar o pedido deles. Ele tinha os ombros curvados e ela percebeu que suas mãos tremiam quando ele foi entregar a comida. Assim que saiu, ela ficou observando-o entrar em um cômodo protegido por um pedaço de pano vermelho de, e a taberneira que os tinha atendido, entrar logo atrás.

Adhara deixou de prestar atenção quando o cheiro da carne chegou ao seu nariz. Zach e ela comeram tudo rapidamente e com tanta voracidade que os fez engasgar. Adhara teve que dar um gole em sua bebida para ajudar a descer; mas, em vez de água, sentiu um gosto amargo na boca, então olhou para o copo.

Zacharias lhe disse que era uma cerveja que os Sanguíneos produziam ali.

— Sanguíneos por aqui?

Ele assentiu.

— O rapaz que nos atendeu é um. Ele estava tremendo porque devia estar sem sangue há muitos dias.

Adhara olhou para onde o tinha visto entrar, e viu a taberneira saindo e colocando um lenço no pulso. Ela desviou os olhos e tomou um gole da sua cerveja.

A música continuava animada, enquanto mulheres dançavam no colo dos homens, que riam e enfiavam as mãos debaixo dos vestidos delas, que por sua vez soltavam gritinhos.

Duas horas tinham passado e os homens continuavam bebendo, rindo e bolinando as mulheres. Provavelmente Kalisa já devia estar sabendo sobre sua fuga e Hazza também. Ela sentiu a mão se fechando e batendo com força na mesa. Com o susto derrubou um pouco da sua bebida, mas, quando piscou, viu que sua mão continuava imóvel. Aquilo não tinha sido ela, tinha sido Hazza.

“Garotas, como sempre é um prazer, mas temos trabalho a fazer.” Um dos homens disse ao se levantar.

Adhara olhou para Zacharias, que estava debruçado sobre a mesa, dormindo. Ela puxou o braço dele, que imediatamente levantou a cabeça atordoado, com o olhar confuso que pareceu muito com o da irmã. *Está na hora.* Ela murmurou para ele, que limpou os olhos, apanhou a mala e se levantou.

Assim que os homens, que eram em torno de seis, saíram da taberna, eles foram atrás. Nas ruas, mal dava para enxergar o que tinha à frente. Eles tinham acabado de virar uma esquina, quando foram agarrados por trás. Adhara teve os braços presos em suas costas.

— Quem são vocês, e por que estavam nos seguindo?
— uma voz feminina perguntou, saindo da escuridão com uma tocha na mão.

Adhara viu uma mulher tirar o chapéu tricórnio e longos cabelos negros surgirem.

— Nós estávamos indo para o porto. — Zacharias disse.

A mulher se virou para ele.

— Por quê?

Foi Adhara quem respondeu:

— Temos passagem.

O homem que a segurava apertou ainda mais.

— Prove. — A voz era grossa, rabugenta.

Adhara mandou que ele a soltasse, para que pudesse pegar a passagem. A mulher assentiu, autorizando. Ela pegou a caixinha e abriu.

— O que está fazendo com uma relíquia Mikai? De quem roubou isso?

Adhara olhou para ela.

— Não roubei de ninguém. É minha.

Mesmo com a pouca luz, ela viu os olhos da mulher arregalar.

— Pensei que eu fosse a única Mikai fêmea que existia, viajo pelos mares há anos e nunca encontrei mais ninguém.

Seu nome era Mado. Era capitã do Cauda Negra. Um navio grande com caravelas marrons, que tinha aportado ali aquela tarde. Ela o comandava desde os catorze anos, quando o pai morreu e ela assumiu seu lugar. Mado os levou até o bordo, e convidou Adhara para ir até sua

cabine, ela estava fascinada por encontrar uma igual. Adhara também estava, por isso aceitou.

A cabine dela era luxuosa, com tapetes e quadros pendurados nas paredes, uma mesa com caixas de madeira cheias de joias e moedas em cima. Ela indicou uma poltrona vermelha no canto e, assim que Adhara se sentou, fez o mesmo.

Mado contou que sua mãe era mestiça e seu pai um Mikai. Que depois da morte dela, seu pai começou a levá-la em suas viagens no mar, e ela nunca mais passara mais que algumas horas em terra firme.

Zach olhou em volta, vendo os homens preparando o navio para zarpar. Tinha sido uma sorte a Mikai encontrar alguém de seu Clã, porque aqueles homens não pareciam nada confiáveis para se fazer uma viagem. Eram piratas, não viviam sob a leis de Samlia.

Guardas à vista. Alguém gritou lá de cima do mastro.

Então a correria começou, todos eles se apressando para fazerem o navio zarpar. Zacharias sabia que eles não estavam ali por causa de pirataria. Não, eles estavam ali por causa *dela*. Aquela garota atraía mais confusão do que cem Ranu Mental, e para qualquer um que estivesse a cem metros dela.

Ele se levantou e foi em direção à cabine da capitã, mas um homem grande com braços marcados de tatuagem o parou, dizendo que ninguém ali entrava sem a autorização da capitã. Zach fingiu voltar para o lugar, mas então passou correndo pelo homem, ignorando os gritos para não ir.

Ele não bateu antes de entrar. Não havia tempo, mas percebeu que devia ter feito, quando a capitã sacou a espada e apontou na direção dele.

— Como ousa entrar aqui sem ser convidado?

Adhara foi na direção dele, logo perguntando o que tinha acontecido.

— Guardas, eles estão aqui. — ele disse, ofegante.

Mado abaixou a espada.

— Não precisam se preocupar, tenho um acordo com eles — tranquilizou, mas ao ver a expressão ansiosa dos dois, perguntou: — Ou será que devo me preocupar?

Adhara contou sobre sua fuga, apenas o suficiente para ela entender o que aconteceria caso fossem pegos.

— Tenho uma ideia.

Mado olhou ela de cima para baixo.

— É uma sorte você não ter formas muito femininas.

Quando os guardas subiram a bordo, Adhara sentiu sua pulsação martelando nos ouvidos, e pôde ver Zacharias fingindo organizar algumas cordas espalhadas pelo chão. Ela ajeitou o chapéu para ocultar ainda mais seu rosto, e foi para trás de um dos homens que enchiam um quartinho ali com barris de bebida e grãos.

Ela viu o guarda de cabelo prateado andar pelo deck, olhando tudo à sua volta.

— Verifiquem cada pedaço de madeira que há. Vou falar com a capitã — ele ordenou aos seus homens.

Os guardas começaram a vasculhar todo o convés, olhando dentro de barris e caixotes com frutas. Dois deles chegaram até mesmo a passar por Adhara empurrando-a para o lado. Um guarda foi conversar com Zacharias e perguntou se ele não tinha visto uma garota e um garoto embarcar. Ele negou com a cabeça.

O guarda saiu da cabine de Mado carregando uma caixinha, que Adhara sabia estar cheia de joias. Ele perguntou se não tinham encontrado nada e, quando os homens disseram que não, eles desceram.

Depois de finalmente conseguir respirar, com o perigo afastado, Adhara foi se sentar em um canto do navio. Aquela não era a forma que ela queria voltar para a ilha, na verdade tinha desejado não mais voltar, mas as coisas não tinham dado certo.

Sentada ali, com o balanço do navio, ela adormeceu.

Zacharias estava sentado no chão do deck, por isso viu quando a torre do templo surgiu ao longe. Era a maior construção de sua cidade. Um lugar que sua mãe passava muito tempo. Ele estava em casa. As famosas árvores verdejantes, pelas quais Micelia era conhecida, balançavam com a brisa que soprava do mar.

— Essa é sua parada rapaz. — um dos piratas falou.

Ele viu o pequeno píer surgir alguns metros à frente, e olhou para onde a Mikai dormia. Como ela conseguia dormir cercada de piratas? Ele não conseguia entender. Tinha certeza de que só não a tinham atacado porque ele estava ali.

— Podem seguir viagem. — murmurou, irritado.

Estava no meio do mar, em um navio com um bando de foras da lei que, no melhor dos casos, eram ladrões e saqueadores e, no pior, assassinos. Vitta não tinha um gosto muito bom. De todas as garotas por quem ela podia se apaixonar, por que justo por ela? Nem era assim tão atraente. Não era feia, mas, não conseguia enxergar nada de especial nela.

Adhara acordou com voz de um homem dizendo que estavam chegando em Corvos. Assim que ela abriu os olhos, assustou-se ao ver que ele estava a centímetros do rosto dela.

— Você fica uma gracinha dormindo.

Ela torceu o nariz para o odor de rum forte que sentiu.

Só depois que ele se afastou com uma risada, foi que ela se levantou. E então, avistou a ilha; a praia, como sempre, estava repleta de pássaros negros, os corvos que deram o nome a ilha.

O sol começava a surgir atrás da colina.

Assim que o navio atracou, Adhara foi até a cabine pegar sua bolsa e agradecer a Mado por sua ajuda.

— Pertencemos ao mesmo Clã, isso é o mesmo que família. — Mado disse.

Assim que Adhara voltou para o convés, viu Zacharias encostado na grade de proteção. O que foi uma grande surpresa, porque ele devia ter descido em Micelia, que tinha ficado algumas horas atrás.

— Não devia ter desembarcado em Micelia? — perguntou ao se aproximar.

Ele deu de ombros.

— O navio vai ficar atracado durante algumas horas, e prometi à Vitta que não te deixaria até que estivesse bem, então, vai ter que me aguentar por mais algumas horas.

Não tinha sido totalmente desagradável a companhia dele nesse último dia.

O dia já começava a clarear, quando Adhara desceu na praia onde, em vez de areia branca, havia pedras escuras. Ali era onde as crianças costumavam brincar, procurando conchas, enquanto suas mães limpavam os peixes que seriam vendidos na feira durante todo o dia.

Adhara entrou no beco da rua de sua casa e engoliu em seco. Aquela rua sempre cheirava a cavalo molhado, ela tinha esquecido daquele odor. Ela pôde ver Zacharias enrugando o nariz.

Quando andaram mais um pouco, ela viu a única padaria da Ilha, da senhora Josephinna, com uma placa grande escrita à mão: *Fechado sem previsão de retorno*. Adhara imaginou que aquilo podia ter a ver com ataque

que Kalisa dissera. Eles seguiram mais adiante e então Adhara ficou de frente para sua casa. Era pequena, de madeira com a porta pintada de vermelho.

Adhara empurrou a porta que fez um rangido alto, familiar, antes de abrir. Seu coração estava estranhamente quieto com o silêncio que a recebeu. Ela deu o primeiro passo, insegura, para dentro da casa escura. Sabia o que encontraria, mesmo sem ver nada: dois batentes ruidosos que a levariam até a sala, com uma mesinha arranhada e um vaso de flores murchas em cima.

Ela subiu os batentes e foi abrir a janela para clarear a casa.

— Pai?— ela chamou.

Não houve resposta. Ela parou em frente à porta do escritório de Diaser. Ele sempre dissera para ela não entrar ali sem a permissão dele. Ela encarou sua própria mão na maçaneta, como se fosse de outra pessoa. O vazio daquela sala fez a esperança de Adhara desmoronar um pouco. Não havia ninguém ali e, pela situação do cômodo, já fazia algum tempo.

Adhara ouviu a madeira do assoalho ranger, olhou para trás e viu Zacharias.

— Ele não está — foi tudo o que ela disse.

Capítulo 10

Hazza havia sido acordado com o som de batidas na porta e a voz conhecida de Alistair, o guarda que o perseguia, dizendo que era para ele abrir a porta, caso contrário a derrubaria. Hazza ficou sentado na cama olhando para a porta maciça e desejando que ele o fizesse. Ele provavelmente apenas deslocaria um membro. Hazza tinha mais ou menos a ideia do porquê de estarem ali.

Ele vestiu uma calça que tinha jogado no chão e foi abrir.

— Por que demorou tanto, Ranu? — Alistair exigiu assim que ele apareceu.

— O que está acontecendo? — perguntou.

Ele viu alguém descendo da carruagem. Era uma mulher. Ela usava uma capa verde. Ao se aproximar, viu que era Kalisa, e soube que estava certo em suas suspeitas.

— Você é o Ranu, de quem minha sobrinha é Controle, não é?

Hazza congelou.

— O que houve?

Ela lhe contou, embora não precisasse, sobre a fuga da sobrinha. O que significava que ela não devia estar ciente de sua ajuda na fuga. Uma fuga em que ela o havia deixado para trás. Ele não imaginava nenhum outro Controle agindo daquele jeito com seu Ranu.

— Como sua Controle, você está ligado a ela. Poderá encontrá-la mais rápido do que qualquer outro, antes que algo lhe aconteça.

Os instintos de Hazza ficaram alertas. O cheiro de problema que o alertou desde que ele havia conhecido a garota.

— Preciso que você a encontre e a traga de volta.

Hazza fez uma careta.

— Não é assim que as coisas funcionam. Ela tem controle sobre mim, não o contrário.

— Você só tem que trazê-la de volta. Não importa o que precisar fazer, se tiver que amarrar e amordaçá-la, faça isso.

Depois que Kalisa entrou na carruagem e saiu, Alistair continuou ali com o sorriso de desprezo.

— Que eu saiba, a senhora tem apenas uma irmã, que fugiu com um Mikai anos atrás. — Ele riu com desdém. — Uma Badica com um Mikai... e como se não pudesse piorar, viveram com aqueles mestiços naquela ilha fétida. Acho que você não podia ter um Controle melhor, afinal de contas.

Hazza agarrou a maçaneta da porta, sentindo que poderia transformar aquele pedaço de ferro em pó, ou os

ossos do homem à sua frente. Para evitar qualquer uma das coisas, ele fechou a porta com força. Ele ainda ouviu quando o guarda disse “é um animal, como o pai dele”.

Um vaso ali perto não teve tanta sorte, porém. O punho do Ranu o acertou com uma força que o estilhaçou em centenas de pedaços.

Ele lembrou de cinco anos antes, tinha acabado de perder a avó que havia cuidado dele desde que tudo acontecera. O olhar dos outros Ranu sobre ele dizia explicitamente que sabiam quem ele era: filho de um Ranu Mental; e não importava o que ele fizesse, nunca seria aceito por ninguém ali, e foi exatamente o que aconteceu. Ele foi abusado verbalmente, fisicamente e, quando cansaram, o ignoraram como se ele não fosse nada. Até que *e/le* acreditou na mesma coisa.

Hazza cerrou o punho.

Adhara não sabia o que estava procurando. Remexia nas gavetas intocáveis de Diaser, que ele mantinha trancadas com cadeado, mas que, dias antes de ela embarcar para Maranea, ela descobrira onde ficava o esconderijo das chaves. Ali devia ter alguma pista de onde ele podia estar. Qualquer coisa.

Passada mais de uma hora, Adhara se deu por vencida. Ali não tinha nada que desse uma pista sobre o

paradeiro dele, apenas cartas com mais de vinte anos e documentos que ela não fazia ideia do que significavam, mas que não pareciam ter nenhuma importância para ajudar na localização dele. E ela não sabia onde mais procurar.

Olhando pela janela, que irradiava a luz do começo do dia, ela viu a senhora Josephinna na sala de sua casa, servindo-se de uma xícara de chá. Ela estava sempre ali.

Adhara se levantou rapidamente e foi à casa vizinha.

Ela bateu à porta dela, chamando seu nome. Ali ninguém abria a porta para qualquer um. Não era seguro. Ela estava pensando em escalar até o segundo andar, onde tinha uma janela que, em uma de suas poucas visitas, viu que o ferrolho estava quebrando, quando a porta foi aberta.

A senhora Josephinna era uma mulher magra, ossuda, que tinha os cabelos sempre presos, fazendo-a aparentar ser mais velha do que era.

— O que faz aqui, menina? — ela perguntou, espantada, olhando de Adhara para Zacharias. — Entrem antes que alguém os veja, rápido.

Ela olhou de um lado para o outro da rua e, praticamente, arrastou Adhara para dentro. Zacharias foi logo atrás, tropeçando nos próprios pés.

Eles subiram pela escada, que rangia a cada passo e cheirava a mofo, e chegaram à sala de estar. Havia um sofá cheio de roupas e uma máquina de costura no canto.

— O que está fazendo aqui, não recebeu o recado do seu pai? — ela disse, indo até a janela e fechando as cortinas.

— Recado? Do que está falando?

Josephinna indicou uma poltrona verde, com o estofado saindo pelos cantos.

— Ele lhe escreveu uma carta, há alguns dias. Eu mesma entreguei ao mensageiro, você não a recebeu?

Adhara negou com a cabeça. Diasser havia escrito para ela? Ele havia dito que não faria isso se ela fosse.

— O que dizia essa carta?

— Tudo o que ele me disse foi que você tinha que recebê-la, e que ela dizia para você ficar em Maranea. Depois disso não o vi mais. Pensei que estivesse bebendo na estalagem.

Zacharias e Adhara trocaram um olhar.

Josephinna entregou duas xícaras de cerâmica floridas e lhes serviu um pouco de chá. Zacharias ergueu sua xícara e cheirou a bebida.

— Não está envenenada, senhor, pode tomar. É apenas um simples chá de ervas.

Ele comprimiu um sorriso constrangido e deu um pequeno gole na bebida.

— Você viu algo de estranho?

Aquela era a última esperança de Adhara.

— Houve uma noite, ouvi vozes vindo da casa, mas nada mais que isso e foi apenas por um momento. Foi um pouco antes do ataque.

O coração de Adhara murchou um pouco, mas parte de si ficou grata por ele não estar ali quando o ataque aconteceu.

Josephinna contou que uma carga de mantimentos, foi deixada na praia e todos correram para pegar sua parte. Muitos não viam comida há dias, logo comeram ali mesmo. Poucos instantes depois, caíram no chão, sangrando pela boca e ouvidos, essa foi a sorte de todos os outros. Do contrário, o número de mortos não seria muito maior.

Os mortos foram queimados, porque não sabiam se era contagioso.

Assim que voltaram para a casa, Adhara foi logo maldizendo Kalisa por não ter lhe entregado a carta que Diaser havia mandado. Zacharias pegou a bolsa no chão e pendurou no ombro, dizendo que tinha que ir embora.

Adhara assentiu e abriu a boca para lhe agradecer por tudo o que ele tinha feito, mas antes que pudesse, Zacharias a cortou:

— Não fiz por você, fiz por minha irmã.

Capítulo 11

CAVALIR

Ao abandonar Samlia, duzentos anos atrás, depois da assinatura do tratado de Unificação, o líder do Clã Cavaleira, Zergati, enfrentou grandes dificuldades junto com seu povo. Renegados por todo o continente, eles passaram fome, frio e acometimento por doenças.

Certa vez, enquanto andava disfarçado por uma das cidades, ouviu chamarem seu Clã de covardes por que não viverem debaixo da bota de um rei. A partir daquele dia, em vez de deixar seu povo morrer de fome, eles começaram a saquear fazendas e povoados. Em um desses saqueamos, um fazendeiro que tentou impedir foi morto. Foi aí que começou a fama de serem assassinos e saqueadores.

Ao longo dos anos, o pedaço de chão com tendas se tornou uma grande cidade. Ninguém mais passava mais fome, o que era mais do que se podia dizer de muitas das cidades do continente.

Em um salão circular os Cavaleiros estavam reunidos.

Dois homens entraram, empurrando um terceiro. Ele foi levado até um trono de espinhos e forçado a se

ajoelhar diante dele. Um jovem usando tapa-olho, que estava próximo ao trono, aproximou-se do homem. Ele usava o mesmo uniforme que os outros cavaleiros, as duas únicas diferenças estavam na fita vermelha que tinha amarrada no braço direito e nas mãos, que estavam sem luvas.

— Senhor Mikai — o jovem o cumprimentou se agachando para ficar da altura dele.

O homem levantou a cabeça com certo esforço. Estava fraco, não comia há dias, mas era a primeira vez, em anos, que estava sóbrio.

— Sabe o porquê de estar aqui, não sabe?

O Mikai assentiu.

MICELIA

Zacharias atravessou o canteiro de ervas de sua mãe e entrou na casa de pedras, com janelas que precisavam ser limpas. Ele podia ouvir as vozes que vinham lá de dentro, sua mãe cantarolando uma cantiga de ninar, que costumava cantar para eles quando eram crianças. Ele também conseguia ouvir o som baixo de flauta que vinha do quarto de Vitta. *Ela era péssima*. Pensou, com bom humor.

Assim que ele entrou na casa, os sinos, junto com as orelhas de porco que sua mãe havia pendurado para afastar maus agouros, soou.

Ele sentiu o cheiro de ervas doces, aroma comum ali. Fazia meses que não tinha estado em casa, mas parecia que nada havia mudado, e ele gostava disso.

Som de passos nas escadas o fizeram olhar para cima, e ele viu a irmã caçula, Debby, correndo. Ela parou no último degrau.

— Zach! — a garotinha gritou, e voltou a correr, para em seguida se atirar nos braços dele.

Ele sorriu e girou por um momento, antes de beijar sua bochecha e a colocar de volta no chão.

— Por que você demorou tanto para voltar? Eu tenho tanta coisa para te contar! Adivinha só, papai me trouxe uma bola de cristal, e mamãe está me ensinando a ver as linhas do destino. — Ela agarrou a mão dele. — Venha, deixe eu te mostrar.

Ela tentou arrastá-lo, e ele já estava pensando na desculpa que daria para a pequena, mas não foi preciso, porque nesse momento sua mãe apareceu na entrada da cozinha, com os cabelos presos em uma touca no alto e enxugando as mãos no avental. Assim que o viu, Bernadette andou apressadamente em direção ao filho e o abraçou com força.

— Por que não voltou com sua irmã? — ela perguntou quando finalmente o soltou. — Seu pai estava ansioso para vê-lo antes de partir.

Zach deu de ombros.

— Tinha coisas para resolver.

Coisas que ele tinha feito a pedido de Vitta. Não havia muitas coisas que ele não fizesse por sua família.

— Estive tão preocupada quando soube daquelas mortes. Sua irmã me contou. Rosa do Pântano. Ela é muito difícil de se encontrar.

Quando ele conseguiu desvencilhar-se da mãe, foi até o quarto de Vitta. Havia um filtro do sonho roxo pendurado na porta, assim como também havia na sua e nas dos outros irmãos. Ele empurrou a porta, que estava apenas entreaberta, e a viu sentada no chão, olhando para sua bola de cristal como se esperasse que alguma coisa acontecesse.

Ao som da porta sendo aberta, ela levantou o olhar, e sorriu assim que o viu, correndo para abraçá-lo.

Zach contou tudo o que tinha acontecido, nos mínimos detalhes, como sabia que ela gostava.

— Deve estar sendo difícil para ela, com o pai desaparecido, o ataque à sua ilha. Obrigada por tê-la ajudado.

Ela gostava mesmo daquela garota. Pensou irritado.

Vitta deu um beijo em sua bochecha, em agradecimento. Disse que tentou ver o que estava acontecendo pela bola de cristal, mas que nada aparecia.

Ela era tão compassiva em se preocupar com alguém que claramente não se importava com ela. Ele queria dizer isso a ela, para parar de ser tão gentil com aquela garota, mas, simplesmente não conseguia. A irmã não

tinha mais nenhuma amiga desde que assumiu suas predileções a elas. Aquelas idiotas.

A Mikai tinha sido sua única amiga em muito tempo e embora ela fosse... ela, não tinha a repellido, como geralmente faziam quando descobriam.

Naquela noite, Bernadette preparou a comida favorita dele para o jantar: batatas recheadas com molho. Enquanto todos jantavam e conversavam, sobre os recentes acontecimentos em Maranea, sobre a amizade de Vitta com a Mikai, Debby vez ou outra interrompia a conversa para mostrar alguma coisa em sua bola de cristal. Bernadette se inclinou de lado em direção ao filho, e disse que ela tinha começado com isso há alguns meses.

Uma batida na porta sobressaltou todos na mesa. Aquela casa ficava bem distante das demais. Não era comum receberem visitas àquela hora da noite, não era nenhuma data comemorativa. Debby levantou da cadeira em um pulo cheio de energia e correu para atender. Ela voltou segundos depois, acompanhada pelo guarda Alistair.

Todos se levantaram imediatamente.

— Boa noite — o guarda disse.

Ele fez um pequeno aceno para Bernadette, que retribuiu, embora não conseguisse disfarçar a curiosidade estampada em seu rosto.

— Algum problema, senhor?

O olhar do homem varreu a sala de jantar e parou em Zacharias.

— Aqui está você, mas eu não vejo sua amiga. — Ele olhou em volta. — Presumo que ela não esteja aqui.

Zach assentiu.

— Presumiu certo.

O homem enrugou o queixo e tirou uma das luvas pretas que usava. Ele caminhou até a mesa de jantar, parando precisamente ao lado de Zach, que enrijeceu quando seu cotovelo roçou no braço do homem.

— Um jantar típico de um Vitalli. — Ele pegou o recipiente com as batatas recheadas que ainda restavam e cheirou dentro. — Batatas recheadas? O cheiro está bom.

Bernadette se adiantou.

— Junte-se a nós, por favor, será um...

Suas palavras foram interrompidas pelo som da tigela se espatifando no chão. Os pedaços marrons caíram em várias direções, duas batatas estouraram, derramando a carne de dentro.

Bernadette arfou e olhou para o guarda.

— Isso foi desnecessário, senhor. — A voz dela tinha perdido a gentileza de instantes atrás

Ele sorriu e puxou a cadeira da cabeceira — onde o dono da casa deveria sentar —, e sentou-se nela; fazer aquilo era um enorme desrespeito à casa e à família.

— Sentem-se todos, não estavam jantando?

Zacharias sentou-se com a postura rígida, que não tocava o encosto macio da cadeira. Ele olhou para Vitta, que tinha a mandíbula cerrada, os dedos agarrados nas bordas da cadeira e os olhos baixos, em seu prato.

— Onde estão os outros ...rebentos?

Por um instante, Zach pensou que a mãe não fosse responder. Ela usou a mesma expressão que usava quando os filhos faziam alguma pergunta que ela se recusava a responder.

— Meu filho mais velho está trabalhando na Biblioteca de Audora, e o do meio está treinando para entrar para a Legião, em Albernath.

O guarda retorceu os lábios, e então assentiu.

— Ao menos um deles parece estar pensando à frente, buscando um futuro. — Os olhos dele fixaram em Zach. — Você, pensa no seu futuro?

Ele viu sua mãe franzir a testa.

— Claro — Zach disse.

— E o que pretende se tornar?

Zacharias era alguém que sempre seguia as regras. Um aluno esforçado, sempre tirando as melhores notas. Seus outros irmãos sempre diziam que ele não tinha um osso impulsivo ou irresponsável no corpo, mas não era totalmente verdade; e Zach percebeu isso naquele momento.

— Diga a que veio, senhor, ou nos deixe terminar o jantar.

Vitta olhou para o irmão, primeiro com surpresa, mas depois um fino sorriso se formou em seus lábios. Ele sabia que, se não fosse a situação presente, ela estaria dizendo algo sobre como estava orgulhosa dele.

O guarda parou de sorrir e então se levantou.

— Você sabia que está sendo procurado por ter ajudado a Mikai a fugir?

Um frio correu pelo estômago de Zacharias.

Bernadette levantou-se da cadeira, quase a derrubando. Sua boca estava aberta e seus olhos arregalados.

— O que está acontecendo aqui? — A voz dela estava elevada, como quase nunca acontecia.

O guarda ignorou a pergunta e prosseguiu. Ele foi até onde Zacharias estava e o levantou da cadeira pela camisa. Zach era mais alto que ele, mas seu físico era muito menos intimidador.

— Você está preso por ser cúmplice da Mikai — falou, com uma satisfação malévola. — Guardas!

Zacharias ouviu o ofego de sua mãe e a voz de Debby dizendo:

— Mamãe, por que vão levar ele embora? Ele acabou de chegar.

Dois guardas entraram na casa, e Zach foi jogado para eles. Ele não resistiu, nem mesmo quando o fio foi apertado em suas mãos com mais força do que o necessário, marcando sua pele clara com um tom que se aproximava do roxo.

— Levem-no para a carruagem.

Pelo canto do olho, ele viu Vitta se movendo. Ela parou na frente dos guardas, que bloquearam seu caminho.

Ela abriu a boca, provavelmente para dizer algo que a colocaria em problemas, assim como ele estava. Mas ele foi mais rápido que ela.

— Posso me despedir da minha irmã? — perguntou aos guardas que o seguravam.

Eles soltaram seus braços e o empurraram para frente. No próximo segundo ela já estava com os braços envolta do pescoço dele.

— É tudo culpa minha, eu vou consertar isso — Vitta murmurou.

Quando Zach estava para responder, os guardas o agarraram novamente e o arrastaram para fora da casa. Ele não olhou para trás. Não quis olhar para sua mãe. Ela devia estar muito desapontada com ele.

Capítulo 12

Já havia anoitecido. Adhara preparava um ensopado de legumes, a única coisa que havia encontrado na dispensa. Ela tinha trocado de roupa e preparado a bolsa para partir na manhã seguinte, bem cedo. Se Diaseer tinha escrito uma carta para que ela não voltasse para casa, devia ter algum motivo.

Ela estava experimentando o ensopado, quando sentiu que estava sendo observada. Ao olhar para trás, viu um homem trajando vestes negras de couro. Estava parado ao lado da porta, portava uma espada na bainha, presa a seu quadril.

— Você é a filha do Mikai.

Ela recuou um passo batendo com o corpo na quina da mesa.

— São vocês que estão com ele? Ele está...?

— Vivo, mas não por muito tempo, já que ele se mostrou completamente inútil.

Adhara tentou não deixar transparecer seu alívio com aquelas palavras. *Ele ainda estava vivo, era tudo o que importava*, pensou.

— Meu Comandante ficará interessado em saber da sua existência.

— Por que o levaram? O que querem? Nós não temos nada a oferecer...

O Cavaleiro fez um som de desprezo.

— Seu pai quebrou um acordo que foi feito.

Ela estava prestes a perguntar que acordo foi que ele se referia, quando um rugido ecoou através das paredes.

— Fique longe dela!

Ela olhou para a porta e viu Hazza. Ele era maior que o portal da porta e teve que se abaixar para passar.

— Se afaste dele! — o Ranu disse, sem tirar os olhos do homem.

Adhara fez menção de se afastar, mas antes que pudesse dar um passo, viu um brilho prateado, piscou, e a espada estava ao lado de seu rosto.

— Se der mais um passo, eu fatio seu pescoço.

Ela sentiu a lâmina fria deslizando pelo seu pescoço. Houve uma físgada de dor e ela sentiu algo molhado escorrer. Uma sensação começou a tomar conta de seu corpo, como se a estivesse enchendo com o que logo percebeu ser fúria, mas não era dela. Aquela fúria era muito mais perigosa do que a sua já tinha sido alguma vez.

Ela olhou para o lado e viu Hazza, em postura de ataque.

— Hazza... não.

Ele emitiu um som engasgado e se movimentou, sentindo a ordem de suas palavras lhe atravessar. Adhara viu, pelo canto do olho, a respiração dele

lentamente acalmando, os ombros subindo e descendo em um ritmo mais controlado, e pôde sentir em seu próprio corpo a fúria se acalmando, assentando.

— Muito bem, cachorrinho — o homem falou.

O pequeno fio de controle que o segurava no lugar arrebentou, e Hazza rosnou mais alto e se agachou, pronto para atacar.

Adhara não teve tempo de gritar quando o Ranu saltou na direção do homem, ela sentiu a espada se movendo, afastando-se de seu pescoço, raspando em seu ombro e sendo lançada na direção de Hazza. Ele conseguiu se mover um segundo antes, caindo agachado logo atrás da ponta da espada.

— Vocês sempre agindo pelo instinto, como bestas desgovernadas.

— Não temos o mesmo sangue frio de vocês, Cavaleiros. — retrucou Hazza.

Adhara olhou surpresa. *Um Cavaleiro?* Ela tinha escutado histórias sobre eles: O Clã Renegado. Deixaram Samlia para trás há dois séculos. E sobreviviam saqueando cidades.

Ela deu um passo para atrás e teve certeza de que não emitiu nenhum som, mas, então, ouviu a voz do homem de espada:

— Mova-se mais uma polegada e eu cumpro minha ameaça anterior.

— O que você quer de nós? — ela perguntou com raiva.

Adhara notou um pequeno movimento de cabeça dele antes que respondesse:

— Eu? Nada, mas meu Comandante talvez encontre alguma serventia para você.

Ela não queria pensar em quais “serventias” ela poderia ter.

— O que isso significa?

A panela, que estava no fogo virou derrubando o líquido e fazendo barulho. O som foi uma distração, no exato momento em que o Cavaleiro se virou em uma reação instintiva, Hazza saltou sobre ele, arrancando a espada de suas mãos e jogando no chão, ela caiu aos pés de Adhara, que imediatamente a pegou.

Hazza levantou um dos braços, e Adhara sabia exatamente o que ele faria: enterraria suas garras na jugular do Cavaleiro, e a rasgaria.

— Pare! — ela gritou.

A mão dele parou no ar e, por um ínfimo de segundo, tudo o que ela ouviu foi o som da respiração dele, alta e pesada.

— Preciso de algumas respostas dele.

O Ranu a olhou, questionando se ela tinha certeza do que estava fazendo. Era tão fácil saber o que ele estava pensando, como se estivesse vendo os próprios pensamentos.

Zacharias ainda sentia o amargo do vômito na boca pelo balanço do navio. Agora estava dentro de uma carruagem a caminho da prisão. O piso de madeira fedia a estrume de cavalo e urina. Ele olhou pela pequena abertura da fechadura, e tudo o que viu foi o breu do lado de fora.

Ouviu o relincho de um cavalo e sentou-se, com um solavanco que sentiu.

Zach olhou para o céu, através das grades. Ele estava sendo levado para Reids, uma prisão que tinha a fama de não ser muito gentil com Magiciannis. Porque a maioria dos presos eram Mestiços. Zacharias nunca tinha se imaginado sendo preso, e naquele momento se encontrava ali, tudo por causa da Mikai de quem ele nem mesmo gostava.

Batendo a mão no teto da carruagem, ele chamou a atenção do cocheiro. O homem, de barba preta e comprida, abriu uma janelinha do tamanho de um livro de bolso.

— Estou com sede, faz horas que não bebo água — ele disse.

— Isso não é problema meu — retrucou, com desprezo.

— Preciso de um pouco de água. — sua boca estava seca.

Zach se esforçou e segurou nas barras de ferro para conseguir ajoelhar. Aquela cabine era pequena demais para alguém da sua estatura alta.

— Chame o seu chefe.

O homem jogou a cabeça para trás e riu.

— Se acredita que ele terá mais compaixão, então é mais estúpido do que eu imaginava, Vitalli.

Não era compaixão que Zacharias queria naquele momento. Apenas água.

— Chame-o.

Zacharias sentou-se novamente, seus tornozelos estavam doendo, suas pernas precisavam ser esticadas. Um soco no teto da jaula fez ele saltar e bater com a mão em um prego que tinha ali; ele sentiu a fisgada de dor, mas evitou emitir qualquer ruído.

— Resolveu contar onde sua amiga fugitiva está?

Ele ficou um segundo em silêncio, segurando a mão, que começava a sangrar. Percebeu que sua única chance seria usar o conhecimento que acreditavam que ele tinha sobre o paradeiro da Mikai, a seu favor.

— Na verdade, estou com muita sede para lembrar de alguns detalhes.

O guarda franziu a testa.

— E você faria isso, nos diria onde ela está?

— Não devo a ela nenhuma lealdade, muito pelo contrário.

Ele não falaria sobre a ligação de Vitta com ela. Não precisaria colocar sua irmã naquela confusão toda, mesmo, em partes, tendo sido ela a começar, apaixonando-se por aquela garota.

— Então, vão me dar um pouco de água ou não?

Alistair manteve os olhos fixos em Zacharias, antes de tirar seu cantil e jogar dentro da cela.

Zach se arrastou pelo chão, pegou o cantil e bebeu rápido se engasgando.

Não foi fácil prender o Cavaleiro no tronco no meio da sala com ele lutando, mas, finalmente, conseguiram.

— Onde meu pai está?

O Cavaleiro a encarou com as narinas infladas, mas não disse nada.

Adhara olhou para Hazza, em uma ordem silenciosa que ele logo entendeu. O Ranu se aproximou do Cavaleiro e, com o punho fechado, acertou um soco na sua mandíbula.

— *Onde. Ele. Está?* — perguntou novamente.

O Cavaleiro cuspiu uma bola de sangue, mas continuou em silêncio.

Hazza desferiu outro golpe, dessa vez acertando o estômago.

— *Você nunca* conseguirá chegar, sem mim. — ele falou, com a respiração entrecortada.

Hazza o acertou novamente mais forte do que antes.

— Responda minha pergunta e isso acaba.

Um fulgor de pura lealdade brilhou nos olhos dele, que disse:

— Torture-me o quanto quiser, mas nunca trairia meu Senhor. — O tom fervoroso de suas palavras deixava claro que ele não revelaria nada. Não importava a que nível de tortura fosse infligido.

Hazza se preparou para acertar novamente o Cavaleiro, mas Adhara o impediu.

— Pare. Ele não vai dizer nada.

O Ranu continuou com o punho levantado.

— Se ele receber o incentivo certo, aposto que vai.

Mas ela sabia que ele não contaria. Aquela certeza deixou apenas uma opção.

— Você disse que eu poderia ter alguma serventia para o seu Comandante. Poderia me levar até lá?

O Cavaleiro mostrou surpresa por um breve momento.

— Não posso levá-la a lugar algum assim. — Ele indicou as cordas que o prendiam.

— Não tão depressa. Prometa que vai me levar até onde meu pai estar.

Ela sentiu a inquietação emanando de Hazza. Inquietação e raiva. Mas ela sabia que ele ficaria quieto, porque era daquilo que ela precisava naquele momento.

— Cavaleiros não fazem promessas vãs.

Ela não sabia daquilo, mas ficou contente em ter proposto. Ele cumpriria a promessa que fizesse, assim como ela sabia que ele não trairia seu senhor, ela tinha certeza daquilo.

— Você tem minha palavra.

Adhara assentiu.

Hazza a agarrou pelo braço e praticamente a rebocou até o outro lado da sala.

— Há outros jeitos de encontrar seu pai.

Ela balançou a cabeça.

— Nenhum que seja tão rápido, e ele não tem muito tempo.

— Então vou com...

— Esse é um problema meu. Eu vou sozinha.

Ele sabia que Adhara não mudaria de ideia, mas não estava nem um pouco feliz. Antes de sair — ela não o queria ali quando o Cavaleiro estivesse solto —, ele tentou mais uma vez convencê-la a não fazer aquilo, ao menos não sozinha. Mas ela recusou, afirmando que conseguiria, e que sabia tomar conta de si mesma.

O Ranu resmungou e fez cara feia, mas ela sentia, em algum lugar dentro de si que era ligado com ele, que ele acreditava que ela podia conseguir.

Depois de ser levada ao continente em um pequeno barco a remo. Adhara fez toda a viagem, que durou seis dias, no lombo de um cavalo. O Cavaleiro parou algumas vezes para que pudesse esticar as pernas e comer, o que ele conseguisse matar. Ele tinha razão sobre Adhara nunca conseguir encontrar o lugar por conta própria. A estrada era difícil e várias vezes saíram da trilha. Ele tomava muito cuidado para não deixar nenhum rastro.

Capítulo 13

Azzamar estava na sala de treinamento. Aquele era o único lugar onde podia pensar, sem ninguém para distraí-lo, sem todas as obrigações como Comandante e senhor daquela cidade. Todos sabiam que quando ele estava lá dentro não podia ser incomodado.

Ele girou a espada no ar, os punhos torcendo com a habilidade de anos de treinamento. Ele sempre achara relaxante o assobio do aço rasgando o ar. Quantas noites ele precisara daquele som para, só então, conseguir ir para cama e dormir. Agora o que o mantinha acordado era uma decisão que precisava ser tomada, logo. O Mikai. Os Cavaleiros não perdoavam facilmente a quebra de um acordo, e a sentença era a morte.

Ele empurrou sua mão para frente e espetou o boneco de madeira no coração.

Azzamar puxou a espada de volta e girou, se agachando e espetando o boneco novamente, dessa vez na coxa. Se aquele pedaço de madeira fosse de carne e ossos, ele teria alguns minutos de vida.

Ele treinou por mais uma hora. Cavaleiros não se cansavam com facilidade. Por isso, mesmo depois de mais de duas horas de treino ele nem sequer transpirava

ou ofegava, seus músculos pareciam revigorados, ao invés de doloridos. Sua mente estava levemente mais clara sobre a decisão que tomaria.

Ele ouviu algo se mover atrás dele, e seus dedos apertaram o cabo de sua espada. O som do atrito da seda o deixou a par de quem era no mesmo instante. Com um movimento rápido, ele girou os calcanhares até ter um queixo pontudo sobre a ponta da lâmina da espada.

— Fui bem específico sobre *ninguém* me interromper — ele disse, cerrando os dentes.

O olhar de Hyunda deixava claro que ela se considerava a exceção de qualquer comando que ele dava. Ela havia sido esposa de seu pai, a terceira. Havia perdido o título de Senhora quando o antigo Comandante morreu. Ele sabia que ela desejava reavê-lo. Aquele conhecimento o enchia de náusea. Deitar-se com a mesma mulher que seu pai não era algo que o animasse, mas não parecia incomodar Hyunda.

— Perdoe-me — Ela fez uma pequena reverência. —, mas o General chegou e disse que precisa lhe falar imediatamente.

O Comandante franziu a testa.

Carius era o braço direito de Azzamar, e seu amigo mais próximo. Ele havia liderado as buscas pelo Mikai, mas não tinha voltado com o restante do grupo.

Azzamar baixou a espada e foi até o salão a passos largos.

Carius estava de costas para a porta, mas virou-se assim que o ouviu se aproximar. Ele fez uma reverência.

— O que aconteceu?

— Meu senhor, encontrei o que estávamos procurando. — E olhando para uma serva que estava ali perto, disse: — Tragam-na.

Segundos depois, uma criada voltou, segurando uma garota pelo braço. Ela era pequena, em comparação à serva. Também não parecia com nenhuma das prostitutas do bordel da cidade que as vezes ele frequentava. No entanto, havia algo de familiar em seu rosto.

— Quem é ela?

Carius foi até a garota e arrastou-a até que ela ficasse frente à frente com o Comandante.

— Essa, meu senhor, é a filha do Mikai.

Azzamar não era facilmente surpreendido, mas tinha que admitir que, naquele momento, estava. Então os rumores eram verdadeiros. Além de covarde, o Mikai também era um mentiroso. Ficava cada vez mais fácil dar-lhe a sentença que ele merecia.

— Onde está meu pai? — A garota perguntou a Azzamar.

Carius a sacudiu.

— Mostre algum respeito pelo meu Senhor. — Ordenou.

O general era muito fiel aos costumes e tratamentos. Embora tenham sido criados juntos, ele jamais tratou

Azzamar informalmente. Nem mesmo na infância quando treinavam com espadas de madeira enquanto corriam pelo palácio.

A Mikai apertou o punho e depois soltou, lentamente.

— Gostaria de ver meu pai, foi por esse motivo que concordei em vir, não se esqueça.

Azzamar olhou para Carius, que baixou a cabeça.

— Ela estava com um vira-lata Ranu, meu senhor. Ele dificultou meu trabalho.

O Comandante assentiu e caminhou pelo salão, foi até o trono de espinhos gigantes, que seu avô havia mandado construir. Era um lembrete para cada comandante após ele, de que a busca por poder podia ser sangrenta. O pai de Azzamar não viveu exatamente sob esse lema, ele sempre queria mais do que quer que fosse. Azzamar, ao contrário, estava feliz com o que tinha.

Ele entregou sua espada para a criada que aguardava ali.

— Leve a senhorita Mikai a um dos quartos da ala Leste e forneça-lhe o que ela precisar.

A Ala Leste era usada pelas mulheres do palácio. Ele tentava ter o Controle de tudo o que acontecia em Cavalir, mas nem sempre isso era possível. Seus Cavaleiros, que cresceram saqueando e tomando coisas que queriam, faziam o mesmo com as jovens criadas.

— Quarto?

Ele ouviu o tremor na voz dela e soube o que ela deduzira. Todos em Samlia conheciam as histórias sobre o Clã desgarrado que eles haviam se tornado.

— Não somos tão selvagens como imagina, nós recordamos como receber uma convidada adequadamente.

— Convidada ou prisioneira? — retrucou.

Ele meneou a cabeça.

— Você mesma disse que concordou em vir.

— Porque não tinha outra opção! Mas isso não me faz menos prisioneira do que qualquer outro em seu calabouço.

Azzamar pensou por um instante.

— Isso significa que prefere dormir com os outros prisioneiros? Tenho certeza de que os homens lá ficarão mais do que felizes em compartilhar o chão duro com você.

Aqueles homens a devorariam no primeiro piscar de olhos. A maioria deles não viam uma mulher fazia anos e se satisfaziam uns com os outros.

— Quero que me dê sua palavra de Cavaleiro que no quarto estarei segura. — questionou ela.

— A partir de hoje é minha convidada, ninguém ousará tocá-la.

Aquilo ainda não era o suficiente para ela.

— Preciso que jure.

Ele a encarou por mais alguns instantes, então prometeu:

— Tem minha palavra que ninguém lhe fará mal.
Adhara assentiu ainda hesitante.

Havia tochas presas nas paredes, iluminando os corredores. A criada, uma mulher corpulenta, andava depressa e mandou que Adhara se apressasse também, que os corredores dali eram como os becos escuros das ruas, talvez até mais perigosos.

Adhara parou diante de uma porta, no final do corredor. A criada imediatamente pegou um molho de chaves dentro do avental e a destrancou. O cômodo tinha um forte odor de mofo, como se não tivesse sido aberto por anos. A criada acendeu um lampião e o quarto ganhou cor. Era um cômodo pequeno, com uma cama, uma cadeira próxima da janela e cortinas grossas.

Quando a mulher saiu, Adhara imediatamente trancou a porta, verificou a trava da janela e colocou a cadeira junto da porta. Era uma atitude débil, ela sabia. Se alguém realmente tentasse entrar ali, entraria. Mas ela se sentiu mais confortada e um pouco mais segura colocando aquelas barreiras.

Adhara abriu os olhos devagar e encarou o teto de madeira. Aquele não era o teto de sua casa, nem da hospedaria. Ela sentou-se imediatamente, fazendo o quarto girar. *Estava em Cavalir*, lembrou. Esse pensamento fez com que ela praticamente saltasse da cama. Olhou para a porta e notou, aliviada, que a cadeira continuava no lugar.

Sons de gritos e metais a sobressaltaram e a fizeram ir até a janela. Ela se aproximou do vidro, hesitante, e afastou a cortina. Ela não tinha visto nada da cidade quando chegou. Naquele momento, viu que o lugar era maior do que tinha imaginado. Ela viu um chafariz com o formato de um cavalo sobre as duas patas traseiras, cuspidando uma água marrom pela boca.

Acerte ele querido!

Adhara olhou para baixo e viu um grupo de pessoas, vestidas com simplicidade, formando um círculo em volta de dois homens que lutavam com espadas. Um deles era um Cavaleiro — Adhara reconheceu pela vestimenta negra —, o outro, usava calças grandes demais para seu tamanho, e uma camisa que talvez, ela imaginou, outrora tivesse sido branca. O Cavaleiro avançou com a espada para cima do homem, que foi acertado no ombro. Quase que imediatamente, o sangue começou a brotar na camisa.

— Desista, não tem chance contra mim — aconselhou-o, com soberba.

Mas o homem apenas segurou o cabo da espada com mais força e saltou na direção do seu rival. Uma mulher alta de cabelos avermelhados usando um vestido que fazia seus seios quase saltarem para fora, o incentivava. Algo na forma como ela observava a luta fez Adhara perceber que ela sabia que ele não ganharia, mas que não permitiria que ele desistisse.

A espada do homem foi empurrada para frente, mirando o peito do Cavaleiro, mas, antes que pudesse encontrar seu alvo, o Cavaleiro se esquivou e então, com um golpe certo enterrou a ponta da espada no joelho do homem. Adhara desviou o olhar por um segundo e, quando voltou a olhar, o homem estava caído no chão. Vivo, mas pela forma como ele encarava o chão, parecia preferir ter sido acertado por um golpe mortal.

Ela se afastou da janela e ouviu uma batida na porta.

Ela andou até lá e afastou a cadeira. A porta foi aberta e Carius entrou, seguido pela mesma mulher que a havia levado até ali na noite passada.

— Meu senhor, a espera no salão — ele disse.

— Verei meu pai agora?

Ignorando sua pergunta, ele dirigiu-se a criada:

— Cuide para que ela não se atrase, nem se perca.

Logo que Carius saiu, a criada colocou uma bacia de água sobre a mesinha próxima a cama e disse que era para que Adhara lavasse o rosto. O que ela realmente estava precisando, tinha passado todo o dia anterior sem o fazer.

Depois de lavar o rosto, Adhara viu uma roupa similar à que os Cavaleiros usavam, só que menor.

— Vou ajudar a senhorita a se vestir.

Ela negou.

— Não quero me vestir. Me leve até o Comandante.

— O general ordenou que...

Ela ignorou o que a criada dizia e foi até a porta. Estava ansiosa demais para perder tempo trocando de roupa.

Ao se aproximar do salão, ela ouviu várias vozes falando ao mesmo tempo. Quando chegou junto à porta, encontrou o salão cheio de Cavaleiros. Azzamar estava em pé, frente a eles; embora fosse bastante jovem, mais até do que muitos homens ali, não se podia negar que ele era o líder.

Carius saiu do meio das pessoas e foi até ela. Ele a olhou de cima a baixo e cerrou os dentes.

— Siga-me — resmungou, por cima do ombro, ao se afastar.

Enquanto entrava no salão, Adhara viu os Cavaleiros se retirando, com a ordem de Azzamar. Eles eram fortes e imponentes. Ela parou na frente do Comandante. Na outra noite, em meio a todo seu nervosismo, ela deixara passar muitos detalhes; o fato de que ele era incrivelmente alto, era um deles.

— *O que está fazendo aqui?*

Ela reconheceu aquela voz no mesmo instante em que a ouviu e, virando-se para trás, viu Diaser entrar no salão acompanhado de dois cavaleiros. Uma sensação de alívio a percorreu e aqueceu seu peito. Ela correu até ele, verificando brevemente que ele estava fisicamente bem, embora mais magro do que ela recordava e sua barba tinha crescido bastante.

Adhara parou na frente dele.

— Pai...

Todo seu alívio teve uma morte brusca quando a mão dele desceu contra seu rosto, com uma força que a derrubou, que ela nunca esperava que ele tivesse. Foi um momento congelado no tempo. Ela viu o que ia acontecer, então piscou e sentiu o impacto, junto com o choque. Diáser nunca tinha batido nela ou até mesmo gritado. Ele estava sempre bêbado e inconsciente para isso.

— Devia ter feito o que mandei e ficado em Maranea, sua menina burra! Você é exatamente como sua mãe! — esbravejou.

Capítulo 14

Azzamar podia ver na expressão da garota que aquela agressão tinha sido um ato isolado. Ela devia ter tido sorte. Nenhum Cavaleiro chegava à vida adulta sem ao menos uma surra que o deixasse no mínimo um dia de cama. Azzamar havia levado dezenas delas, suas costas tinham as marcas. Seu pai não era um homem cruel — crueldade tinha um significado diferente para eles ali em Cavalir —, mas ele não relevava desobediência.

A Mikai piscou e ergueu os olhos para ele. A marca da mão estava estampada em vermelho na sua pele morena.

— Seu pai não tem nenhuma serventia para mim, deixarei que ele vá embora... se você concordar em assumir seu lugar.

Ela fixou os olhos nele. Ele ainda podia ver toda a confusão. Era a segunda vez que diziam que ela teria serventia para ele.

— E que serventia eu poderia ter?

Vitta tinha acabado de ver, em sua bola de cristal, Zacharias, na cela da prisão. O guarda disse que ele seria solto caso Adhara se entregasse, então, tudo

desapareceu. Ela rapidamente pegou uma bolsa dentro do guarda-roupa e começou a jogar roupas dentro.

De repente, a porta foi aberta e sua mãe entrou. Bernadette não havia dito nada até aquele momento, mas ela sabia que era apenas uma questão de tempo.

— Você quer mesmo fazer isso?

Vitta havia colocado seu irmão naquela situação, o mínimo que poderia fazer era tirá-lo dela. Ela encontraria Adhara e pediria que ela voltasse a Maranea.

— Eu preciso, foi culpa minha ele ter sido preso.

Sua mãe era uma mulher gentil, mas ela não negaria a realidade.

Vitta lhe contou seu plano.

Bernadette sentou-se na cama junto à mochila da filha, e tirou, do bolso do avental, um Localizador. Era uma espécie de bússola que apontava para quem você queria encontrar. Eram bastante raros. Não eram mais fabricados. Aquele mesmo, era herança de família.

— Pense em quem você quer encontrar, pense firmemente.

Vitta pegou o objeto antigo e já um pouco enferrujado e olhou por alguns instantes, embora, de certa forma, não o estivesse enxergando.

— Eu sei que não quer que eu vá, mas...

— Você sabe o que vai acontecer. Você sente o cheiro do sangue tanto quanto eu.

Vitta sentia.

— Não sabemos de quem será o sangue.

Sua mãe lhe lançou o olhar de quando sabia que ela estava sendo propositalmente obtusa.

— Basta haver sangue para ser uma tragédia.

Bernadette conhecia muito bem a própria filha, que tinha um grande coração, assim como uma grande teimosia. Vitta pensou que a mãe só podia culpar a si mesma, havia herdado dela aquele traço de personalidade.

— Vou pedir aos deuses que guiem seus passos.

A menção dos deuses fez a expressão no rosto de Vitta fechar.

Houve um tempo em que ela acreditou que os deuses sempre ouviriam suas preces, que a ajudariam quando ela clamasse, mas desde que tinha cinco anos, ela parou de acreditar. Quando era apenas uma criança, prostrada de joelhos pedindo a todos os deuses que pudessem ouvi-la que salvassem sua irmãzinha. Um ser idêntico a ela, que um dia, simplesmente, não levantou mais da cama. Levou bastante tempo até descobrirem que seu próprio dom a tinha deixado doente. Ela piscou os olhos e teve um vislumbre da última vez que viu a irmã. Ela estava enrolada com sua coberta favorita, que Bernadette tinha costurado para ela, com desenhos de estrelas, já que ela as amava. Estava tão pálida, tão assustada. Tinha estendido a mão para Vitta e pedido para que ficasse com ela, pois estava com medo.

Afastando aquela lembrança da mente, ela retrucou:

— Os deuses não se importam conosco, mãe.

Azzamar tomou conta de tudo o que se referia a partida do Mikai. Pediu a Carius que montasse uma pequena guarda, pelo tempo que achasse conveniente na ilha para a proteção dele. Embora soubesse que os ratos, como ele, eram os mais difíceis de matar.

Quando lhe foi perguntado o porquê de ter sobre a filha estar viva, ele bufou e disse:

— Não tinha certeza de que é mesmo minha filha, a mãe dela é uma vadia que dormiu com quase todos aqueles Mestiços da ilha.

A semelhança física entre os dois era mais do que suficiente para que não houvesse dúvidas em qualquer um.

— Seria uma benção dos deuses se eu não tivesse seu sangue covarde em mim. — Então, ela virou as costas e saiu do salão.

Azzamar admirou a força da Mikai e disse:

— Tem sorte que ela seja, ou estaria pendurado em uma forca agora mesmo.

Ele ordenou que o levassem imediatamente e o vendassem, para que não lembrasse do caminho e não pudesse voltar, embora soubesse que ele não o faria. Cavalir não foi feita para covardes.

Azzamar encontrou a Mikai no corredor, olhando por uma janela que tinha vista para toda a cidade. Sua

postura era rígida, e tencionou ainda mais quando ele se aproximou.

— Tudo está pronto para a partida dele, quer se despedir antes que vá? — perguntou.

— Não. Não quero.

Ele assentiu em concordância.

Alguns segundos se passaram antes que ele voltasse a falar.

— Fui generoso com sua condição, espero que seja com a minha.

Ela nem mesmo se preocupou, as palavras de Diaser ecoavam na sua mente.

— Qual seria?

— Que cumpra o acordo que nossos pais fizeram anos atrás, e case comigo para que meu Clã volte a ser reconhecido.

Adhara piscou, incerta se tinha escutado corretamente. Ela tinha quase certeza que não.

Ele se aproximou mais da janela e olhou para baixo, as pessoas andavam de um lado para o outro, cuidando de seus afazeres diários e ao longe do horizonte, se apertasse os olhos, podia ver o rio que atravessava Cavalir.

— De que acordo está falando?

— Meu pai sempre quis ter de volta o título de Clã. Um dia ele ficou sabendo que o líder do Clã Mikai fugiu para a ilha dos Corvos e decidiu ir conhecê-lo. Acabaram tornando-se amigos. Diaser Mikai disse que havia uma

forma de recuperarmos o título. Um casamento com um membro de Clã. Mas qual iria aceitar isso? As histórias sobre nós já haviam passado do real para contos de terror que contavam para assustar as crianças. Foi então que o Mikai contou que teria uma filha. Que assim que completasse a idade de dezesseis anos o casamento aconteceria. Mas quando meu pai voltou lá, Diaser contou que o bebê tinha nascido morto. Meu pai morreu acreditando nisso.

— Então por que o pegaram?

— Ouvi uns rumores sobre uma suposta Mikai. Quando o trouxeram para cá, ele negou que tivesse uma filha.

Não surpreendia a ela.

— E você ainda quer recuperar o título?

— De jeito nenhum. Só quero realizar um desejo do meu pai.

Adhara assentiu.

— Você cumpriu sua parte o deixando ir e eu vou cumprir a minha, me casando com você.

Hazza entrou na sala de Kalisa. Ela estava reunida com um homem. Sua postura era rígida, mas ele conseguia ver que era mantida com certo esforço. O

guarda que o tinha acompanhado até ali, fez um som para chamar sua atenção.

Kalisa olhou para a interferência quase com alívio. Ela saiu de trás da mesa e se dirigiu ao homem.

— Tenho problemas para resolver agora, por que não nos reunimos mais tarde?

O homem assentiu.

— Que seja mais tarde, então.

Logo que ele saiu, ela pediu para que o guarda fechasse a porta, deixando-os a sós.

— Vejo que não está com a minha sobrinha.

— Não, senhora, não estou.

— Então onde ela está?

Hazza havia se questionado dezenas de vezes, e decidiu que seria melhor contar a ela sobre os Cavaleiros. A Mikai não estaria segura com eles e, quanto mais demorassem para recuperá-la, mais difícil seria.

— Os Cavaleiros. Foram eles que pegaram o pai dela, eles a levaram também.

Vitta estava em Maranea há um dia e não tinha conseguido descobrir nada sobre o paradeiro de Adhara. Ao que parecia, ela não tinha sido encontrada ainda. As poucas moedas que tinham sobrado, do tempo que

passou em Maranea, estavam acabando, e as pessoas ali não davam informação de graça.

Ela estava saindo da hospedaria quando viu um Ranu. Ela estava prestes a ir na direção da casa da Olhos do Mundo, quando a agulha de seu Localizador começou a se movimentar de um lado para o outro. Ela começou a andar, indo na direção que a agulha indicava. Alguns passos depois, a agulha parou, e ela ouviu um rosnado que a fez estancar.

O Ranu estava bem na sua frente. O que aquilo significava? Será que aquela coisa velha estava quebrada? Ela achava que não. Sua mãe cuidava muito bem de seus objetos. Então, se o Localizador estava apontando para ele, devia ter algum motivo.

— Espere — ela chamou. — O que é que você tem a ver com Adhara Mikai?

Ao ouvir aquele nome o Ranu se virou e encarou Vitta. Com os olhos castanhos perscrutadores.

— Quem quer saber?

Vitta engoliu em seco. Ela não tinha conversado com muitos Ranu na vida. Eles podiam parecer bem intimidadores.

— Sou amiga dela. Preciso encontrá-la. Meu Localizador me trouxe até você. — Ela indicou a bússola.

O Ranu olhou atentamente para o objeto que ela segurava.

— Isso daí é mesmo um Localizador?

Vitta assentiu, fechando a mão envolta do objeto.

— Então você vai gostar de saber que eu também estou à procura dela.

Foi a vez de Vitta ficar desconfiada.

— E por que está à sua procura?

— Porque ela é meu Controle.

Vitta arregalou os olhos e em seguida soltou um suspiro de alívio. Os Ranu e seus Controles tinham uma forte ligação, com isso e com a ajuda de seu Localizador, seria muito mais fácil encontrá-la, e então tirar Zach da prisão, e não permitir que ele fizesse mais nada por ela. Nunca mais.

— Você tem alguma ideia de onde ela pode estar?

— Ela foi com um Cavaleiro, mas ninguém sabe especificar para onde fica.

— Vamos encontrá-la mais rápido se usarmos meu Localizador e sua Ligação.

Adhara estava andando pelo quarto, do qual não saiu nos dois dias anteriores. Sua comida era levada e deixada na porta. Diaser tinha partido, o que era bom. Ela tinha conseguido seu objetivo. Ele estava em segurança. E o melhor, longe dela. Adhara se sentia culpada por se sentir daquele jeito, mas não conseguia evitar, o pai era como um peso em seus ombros. Uma carga extra que ela não precisava.

Uma batida na porta a fez parar de andar de um lado para o outro. Ninguém batia para entrar ali, não as criadas, pelo menos. Elas simplesmente anunciavam sua presença e entravam.

Outra batida.

Inspirando fundo, ela foi abrir a porta. Era Azzamar, apenas alguns centímetros menor que a porta.

— Posso entrar? — ele perguntou.

Ela não o queria em seu quarto. Não confiava o suficiente nele.

— Ou posso lhe mostrar o palácio, mas preciso conversar com você.

Relutante, ela fechou a porta atrás de si e o seguiu.

Eles caminharam por alguns instantes em silêncio. Fazia frio ali, e seu simples vestido não era quente o suficiente, mas não reclamaria.

— O casamento foi marcado — ele disse, depois de um tempo.

Adhara assentiu.

— Devemos acelerar isso, as coisas estão prestes a ficarem feias.

Ela parou de andar, em frente a uma das portas do lado Oeste.

— Do que está falando?

— O rei está morrendo, é uma questão de tempo até que o príncipe herdeiro assuma e tente tomar Cavalir.

— Mas por que ele faria isso?

Azzamar suspirou.

— Mais terras, mais poder.

Era isso o que os homens sempre buscavam. Eles iam para guerras por isso.

Um pigarro e uma criada apareceram. Ela carregava objetos pesados, Adhara ficou com a sensação de que a qualquer momento os joelhos dela cederiam e ela desabaria no chão.

— Embora tenhamos deixado grande parte da nossa carga cultural para trás, ainda somos regidos por algumas tradições. — Ele indicou a jovem criada. — Vista-se e encontre-me na minha sala privada de treinamento, ela vai mostrar onde é.

Adhara foi até a mulher e ergueu uma espada que estava aninhada junto a algumas vestes escuras. A espada pesava bastante.

Por que eu vou precisar disso? Ela se questionou.

Azzamar havia saído da sala sem fazer alarde. Ela vestiu o uniforme folgado. A criada a levou até uma sala enorme, de portas de mogno e teto arredondado, com fissuras para entrar a luz do sol. A única luz que parecia haver ali.

Adhara viu um homem de costas, segurando uma espada que, com a luz do sol, parecia brilhar. Havia algo escrito nela, mas ela não entendeu a língua. Quando o homem se virou, ela viu que era Azzamar.

— Nossa tradição exige que a noiva prove que é merecedora do homem que a escolheu. Ela precisa lutar com outras candidatas para ter sua mão aceita.

Ela olhou para a espada que tinha na mão, e então para o Comandante.

— Você espera que eu lute com alguém, pela sua mão?

Ele concordou.

— Só assim meu povo poderá considerá-la digna de mim, e então aceitá-la como senhora de Cavalir.

— Você é o Comandante deles. Ordene que eles me aceitem e pronto.

— Eles me são leais e obedientes. O mínimo que posso fazer por eles é seguir uma tradição que lhes parece importante.

— Eu vou ser morta! Vocês devem saber manejar uma espada desde que aprenderam a andar.

— Você está certa. E é para isso que você vai treinar aqui, na minha sala particular.

Uma porta lateral, que ela não tinha visto, se abriu e Carius — ou cão de guarda, como Adhara o apelidara — apareceu, usando roupas similares às de Azzamar. Ele empunhava uma espada um pouco menor que a do Comandante.

— Meu senhor, ela mal consegue levantar a espada, quanto mais lutar com uma. Vai ser morta rapidamente e o acordo não será cumprido.

Embora fosse verdade, Adhara odiou aquele comentário. Ela ergueu a espada e a movimentou no ar, os músculos de seu braço protestaram, mas ela ignorou.

— Ela tem a sanguinária nos olhos e confio em você para lhe ensinar o melhor que puder. — Ao dizer isso, o Comandante saiu.

Carius ficou olhando para ela por alguns instantes, o desdém por seu físico era claro. Adhara era uma coisa mínima comparada com as mulheres que ela tinha visto no palácio, altas e encorpadas.

— Vamos começar.

Ouviu um som de metal cortando o ar e, em seguida, a ponta da espada estava raspando a garganta dela. Adhara engoliu em seco pelo ataque súbito, e deu um passo para trás.

— Outra vez, mas agora tente se defender.

Eles treinaram por mais de três horas, até Adhara mal conseguir ficar de pé. Todo o seu corpo doía. E na última meia-hora, tudo o que ela tentava fazer era tirar uma gota de sangue que fosse de Carius. Ele com certeza havia tirado muito dela. Ela não havia pedido uma pausa, significaria demonstrar fraqueza.

Zach observou os guardas comendo, do outro lado do corredor. Ele olhou para o próprio prato. Uma mistura cinza e gosmenta que ele não fazia muita questão de saber o que era. Ele já estava ali há vários dias. Onde a Mikai estaria naquele momento? Ele imaginou que onde

quer que estivesse, não podia estar pior do que ele. Ele afastou o pensamento da garota, que só havia levado problemas para ele e sua família.

Sua mãe, como ela estaria?

Ele suspirou. Desapontada, obviamente. Ela havia se esforçado tanto para que todos os seus filhos tivessem um bom futuro, e agora ele estava ali, preso. Como um criminoso.

Um guarda se aproximou dele com um pedaço grande de pernil.

— Não está gostando do seu almoço, Vitalli?

Zach fechou a cara e afastou o prato de si.

— Quase sinto como se estivesse hospedado em um palácio — retrucou.

O guarda riu e deu uma grande mordida no pedaço de carne. O estômago de Zacharias roncou alto e ele fez uma careta.

Adhara acordou com uma batida na porta. De início, teve receio de se mexer, devido aos cortes que sofrera na noite passada, mas, quando finalmente se moveu, erguendo o braço lentamente, testando, não sentiu dor alguma, apenas os músculos enrijecidos pelo esforço corporal dos treinos. Outra batida na porta, ela lembrou

que a havia trancado com a chave. Queria sentir que tinha alguma privacidade.

Ela se levantou e foi abrir a porta.

Era a criada, com a roupa de treinamento. A outra tinha ficado cheia de furos.

Quando chegou ao salão, encontrou o Comandante conversando com Carius. Ele não vestia seu usual uniforme, mas algo semelhante ao que ela estava vestindo, e empunhava uma espada. Adhara tinha certeza de que não havia feito nenhum barulho para indicar sua presença, mas os dois olharam para ela no mesmo instante em que pisou no salão.

Ela sabia que devia estar parecendo ridícula com aquela roupa, precisou amarrar a manga da camisa com barbante para mantê-la no lugar.

— Você é menor do que qualquer outra Cavaleira — ele disse.

Adhara apertou os lábios.

— Isso não é um empecilho.

O olhar dele se moveu para a mão dela.

— Talvez, mas se não aprender a empunhar uma espada logo, sua morte será.

Adhara olhou para sua mão e viu como apertava o cabo. Ela respirou fundo e diminuiu a pressão que os dedos exerciam, mas manteve a firmeza.

— Hoje você vai treinar comigo, quero ver o que já aprendeu.

Ela quis recuar, mas em vez disso, deu um passo à frente, erguendo a espada. Já não era tão pesada quanto Adhara achara no começo; não que fosse leve, mas ela havia aprendido a manuseá-la usando os movimentos para torná-la leve.

Carius se afastou do círculo no chão. Ele a tinha explicado que cada círculo é uma fase. Geralmente os Cavaleiros começavam do maior círculo, para o menor. Mas, como ela precisava de algo mais intensivo, começaria do menor.

O primeiro movimento quem fez foi Adhara, ela tentou acertá-lo no ombro, mas ele bloqueou o ataque dela e prendeu a espada em um xis entre os dois.

— Coloque força — ele disse.

Ela se esforçou mais, soltando um grunhido quando conseguiu desvencilhar as espadas empurrando-as para o alto, e então voltou a atacá-lo. Ele se defendeu sem esforço, o som das espadas ecoava nas paredes. Adhara gostou. A cada golpe que ela dava, ele ia lhe repreendendo. *Cruze a espada, mais forte, levante mais os braços.*

De repente, a espada foi arrancada de sua mão por um golpe tão forte que os joelhos dela cederam e ela caiu no chão com um baque alto, a espada do Comandante a poucos centímetros do seu rosto.

— Você não pode se perder em pensamentos. A única coisa na sua cabeça tem que ser o que você pode fazer

para perfurar seu adversário, apenas isso. Se distraia e você morre — grunhiu o Azzamar.

Ela ainda estava tentando respirar, quando ele virou as costas. Ela pegou sua espada e se levantou com um grito foi na direção dele; ele girou o corpo com tamanha velocidade, que a ponta da espada dele parou entre o vão dos seios dela.

Adhara parou, prendendo a respiração.

— Você sabe atacar. — Ele se afastou alguns passos.
— Veremos se sabe se defender.

Antes que ela tivesse tempo de protestar, ele girou a espada e a atacou. Adhara bloqueou o primeiro ataque e se afastou. Ele persistiu, avançando, atacando. Uma e outra vez, enquanto ela recuava até bater contra a parede. Suas espadas cruzadas novamente entre eles.

— Está aprendendo bem, mas não o suficiente. Você saiu do círculo todas as vezes. Se estivesse lutando com alguém em pouco espaço, já estaria morta.

— Eu só pretendo lutar uma vez — retrucou.

— Seria bom se pudéssemos escolher quando ou se precisamos lutar, mas não é assim que funciona.

Adhara estava perto dele, e pôde ver a diferença que tanto a intrigava em seus olhos: uma pequena cicatriz, indo de sua têmpora até quase dentro do olho. Finalmente compreendeu.

— Você é cego — ela murmurou.

O Comandante abaixou sua espada e a encarou.

— Parcialmente sim, algum problema?

Ela negou com a cabeça.

— Como eu disse, aqui lutamos por tudo. Não é só força de expressão. Quando o antigo Comandante morreu, tive que lutar para conseguir ficar com a liderança.

— Mas ela não era sua, por direito?

— As coisas não funcionam assim por aqui.

Uma batida soou na porta e só quando o Comandante se afastou, ela percebeu o quão próximos eles estavam.

Carius, que observava os dois a certa distância, disse que uma criada tinha um recado para Adhara. Ela fez uma reverência a Azzamar.

— Perdoe-me pela interrupção, Comandante, mas a senhorita Mikai tem visita.

Azzamar e Adhara se olharam.

Visita? Ali?

Hazza não suportava estar com as mãos presas. Ele sentia como se estivesse novamente naquela cela com o Alistair. Ele grunhiu quando um Cavaleiro o empurrou para que andasse mais rápido.

— Tente não arrumar confusão, não estamos aqui exatamente como convidados — a garota Vitalli murmurou.

Ele olhou para ela e lembrou que ela estava certa. Eles haviam sido capturados nos arredores da cidade. Tinham pegado carona com um traficante de poções até ali, fora sorte tê-lo encontrado. A localização da cidade não era muito conhecida. Tudo o que as pessoas para quem eles pediam informação diziam, era que ficava em direção aos Montes Gêmeos.

Vitta viu em sua bola de cristal que Adhara não era uma prisioneira, que ela estava hospedada na cidade, mas as imagens, eram pouco claras.

O Localizador era o único meio, ele indicava quem poderia levá-lo a encontrar sua Controle. E foi exatamente o que ele fez com o vendedor. Hazza o viu saindo de um bar, com um saco nas costas, e sentiu o odor de ervas perigosas. Ele não conhecia muito sobre ervas, mas sentiu o cheiro do veneno. Então o Localizador começou a apontar para ele.

— O senhor sabe onde fica Cavalir? — Vitta perguntou.

O homem esbugalhou os olhos, com especulação.

— Cavalir? Por que querem saber? Procuram a morte?

— Temos... negócios para tratar. — a Vitalli disse.

Ele olhou de um para o outro, mas pareceu pouco convencido, porém falou:

— Esse é meu caminho.

Então ele os levou até a carruagem. Pouco antes da entrada da cidade, foram abordados por Cavaleiros, que os pediram para descer. O vendedor foi separado deles.

Então eles estavam ali, no salão do Comandante, líder dos cavaleiros. Hazza podia sentir o cheiro dela cada vez mais perto.

A porta lateral de um salão com piso de pedras abriu-se, e ela apareceu. Usava o mesmo uniforme dos outros Cavaleiros. Ao seu lado, estava o famoso Comandante dos Cavaleiros não era como ele esperava. Esperava um homem de cabelos brancos, mas aquele não devia ter mais que a sua idade.

— Adhara! — Vitta praticamente gritou.

A Mikai se aproximou, quase relutante.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Seu tom de voz não era acolhedor.

Mas a Vitalli não pareceu ter notado, porque falou rapidamente:

— Eu precisava te encontrar. Aconteceu algo.

Adhara olhou para o Comandante, que saiu e ordenou aos Cavaleiros que soltassem os convidados dela, e os deixassem a sós.

Ela olhou para Hazza.

— Achei que tinha deixado claro que eu faria isso sozinha — disse, irritada.

— O compromisso entre o Ranu e seu Controle é perpétuo, mas, mesmo assim, você fugiu e me deixou lá.

— Não queria te colocar em problemas por me ajudar.
—Explicou com um suspiro.

— Mas colocou meu irmão. — Vitta falou.

— Como assim?

A garota Vitalli respirou fundo, mas um leve tremor nos lábios a dedurou.

— O Zach foi preso pelos guardas e levado para a prisão. Eles queriam encontrar você. Tem que voltar comigo. Está óbvio que você não é uma prisioneira, e vão soltá-lo se você for. Se a senhora Kalisa a vir...

— Não posso voltar.

Capítulo 15

Adhara olhou para Vitta e encontrou o olhar incrédulo e angustiado da garota.

— Como assim você não pode ajudá-lo depois de tudo o que ele fez? Ele está preso por sua causa.

Aquela era a primeira vez que Adhara via Vitta com tanta raiva.

— Sei o que ele fez por mim e agradeço, mas nesse momento não posso ir embora daqui.

As sobrancelhas da Vitalli se franziram.

— Por que não? Sei que não é uma prisioneira, vi isso no cristal.

Adhara hesitou antes de responder:

— Porque, em alguns dias, vou me casar com o Comandante.

Ela viu os grandes e marrons olhos de Vitta ficarem ainda maiores.

Hazza se aproximou.

— O que você disse?

— Tenho certeza de que me ouviu bem.

Ela se afastou dos dois.

— O Comandante e eu fizemos um acordo. — Ela parou e se voltou para Vitta. — Como pode ver, não

posso fazer nada por Zach. Gostaria que tivesse sido diferente.

Adhara queria ajudar Zacharias, pagar o favor que ele lhe fizera. Ela não queria ter envolvido ninguém em seus problemas, mas sabia que não poderia ter feito muito sozinha.

Vitta e Hazza olharam para Adhara.

— E por que ele quer casar com você? Tem milhares de mulheres nessa cidade, ele nem mesmo te conhece. —Vitta questionou.

Adhara então contou do acordo que seu pai tinha feito com o Comandante anos atrás. E que ela precisava cumpri-lo.

— Não devia ter vindo salvá-lo. — Hazza falou.

Adhara sentiu a raiva dele quase a sufocando.

— Ele era tudo o que eu tinha.

O Ranu fez uma careta discordando, mas ela o ignorou e continuou:

— Vocês devem ir embora, esse lugar é perigoso.

— Meu lugar é ao seu lado. Vou ficar. — Hazza decidiu.

Adhara estava prestes a protestar, quando Vitta foi mais rápida e a interrompeu:

— Também ficarei. Partirei depois do casamento. A senhora Kalisa não poderá exigir que você volte depois que estiver casada. Ela não terá nenhum motivo para deixar Zach na prisão.

Hazza estava inquieto e quando Adhara perguntou o que tinha acontecido, ele lhe contou que tinha dito a Kalisa onde ela estava.

A porta do salão foi aberta e Azzamar apareceu, com Carius. O Comandante tinha trocado a roupa de treinamento pelo uniforme oficial. Ele se aproximou de Adhara e ela fez as apresentações. Na hora de cumprimentarem-se, Ranu e Cavaleiro foram breves, apenas um aceno de cabeça. Hazza grunhiu para Carius e Adhara sentiu o gosto metálico de sangue na boca e olhou para o Ranu tentando acalmá-lo.

Adhara o informou que eles ficariam ali para assistir ao casamento. Azzamar olhou para ela, e então para o Ranu, em seguida para Vitta, com um olhar questionador, mas acabou assentindo.

O Comandante pediu que Carius mandasse que uma criada preparasse dois quartos para os recentes convidados, mas Adhara foi mais rápida e disse que Vitta ficaria com ela. Não confiava que ela estivesse segura ali. Adhara acreditava que ninguém ousaria tocar nela, mas essa imunidade não se expandia aos seus convidados.

— Preciso falar com você.

O Comandante mandou que todos deixassem o salão. Ela tinha que contá-lo o que acabara de ficar sabendo. Ele não ficou surpreso.

Azzamar não queria que seu povo soubesse que aquele era um casamento político. Eles consideravam que aquilo era coisa dos Clãs subordinados ao rei, e abominavam aquela ideia. Ele tinha feito um pronunciamento da sacada do palácio, para informar a seu povo. Todos aplaudiram e felicitaram eles do meio da rua.

— Vai realmente se casar com uma estrangeira, Azzamar? — Uma mulher usando o uniforme dos Cavaleiros perguntou. — Nenhuma mulher do seu povo é boa o suficiente para o meu Senhor?

Eles tinham saído da sacada e estavam de volta ao salão.

— Está questionando minha escolha?

O aviso em sua voz foi ouvido.

— Estou questionando o fato de se casar com alguém que mal conhece...

Ele levantou a mão para impedir ela de continuar.

— Guarde seus questionamentos para si mesma.

— Só estou tentando fazer você entender que alguém que conhecesse o castelo e a cidade, alguém que cresceu aqui seria apta para ser a Senhora. — Insistiu ela.

Azzamar olhou para a mulher.

— Não pedi sua opinião e peço que se reserve a dá-la apenas quando for solicitada.

A mulher assentiu e com uma reverencia, saiu.

— Hyunda já foi a senhora de Cavalir, ela foi a terceira esposa do meu pai, mas quando o Comandante morre a esposa perde o título de senhora, a menos que eles não tenham um herdeiro, mas no caso ele tinha eu.

Uma manhã, uma criada bateu na porta do quarto de Adhara, com um vestido verde escuro e enfeites de cabelo. Ela disse que Azzamar pediu que vestisse, que eles passeariam pela cidade, para que todos conhecessem sua futura senhora de perto.

Depois de vestida e se olhando no espelho, ela mal se reconheceu, com o cabelo preso em uma trança escamada de lado. Azzamar a esperava nos portões do castelo, ele se vestia casualmente, sem o uniforme, mas com o tapa-olho.

Eles chamavam atenção onde quer que passassem. Muitos deixaram seus afazeres para vê-los. Adhara viu algumas crianças cochichando sobre seu vestido, que àquela altura já estava com a bainha gasta de tanto arrastar pelo chão.

Azzamar parou em uma das tendas, de uma senhora simpática de bochechas rosadas. Ela vendia acessórios de todos os tipos e tamanhos. Adhara viu um anel pontudo de osso e, quando foi tocá-lo, Azzamar já o havia pegado.

— Estenda a mão — ele pediu.

Adhara então lembrou o motivo deles estarem ali.

Ela estendeu a mão e o viu deslizar a peça pelo dedo indicador. Ouviu suspiros e risadinhas, e deduziu que as

pessoas estavam acreditando naquilo tudo.

Quando Azzamar perguntou o preço e foi pegar as moedas no bolso. A senhora da barraca imediatamente negou com a cabeça, se recusando veementemente a aceitar o dinheiro.

— Por favor, meu senhor, permita que esse simples presente ornamente a mão de minha futura senhora. Será uma grande honra para mim.

Aquilo se repetiu em várias outras barracas. Cada vendedor queria presentear Adhara com algo, fosse com tecido, óleos para o corpo, tinta para os lábios, ela até mesmo ganhou uma galinha. Ela agradeceu a todos com o máximo de simpatia que conseguiu.

— O que eu vou fazer com uma galinha? — Ela perguntou a Azzamar enquanto eles se afastavam.

Ele acariciou o topo da cabeça da galinha com um sorriso.

— Matar e comer.

Como se estivesse escutado suas palavras, a galinha emitiu um cocoricó e pulou dos braços de Adhara, mas uma senhora gentil, que parecia já ter muita prática, pegou e devolveu para ela.

Naquele dia, Adhara finalmente entendeu o quanto o Comandante era querido por seu povo e que nem todos que moravam naquela cidade eram bárbaros, prontos para derramar sangue com o menor motivo. Foi um esclarecimento.

Adhara treinava mais arduamente a cada dia. A iminência da chegada de Kalisa adiantou a luta. Ela sabia com quem Adhara estava, mas não sua exata localização. O que daria um pouco mais de tempo. Com o aumento na carga horária dos treinos, ela sentia as diferenças físicas em seu corpo. Seus braços delgados, agora quase cobertos de pequenas cicatrizes brancas, estavam mais firmes, seus músculos mais fortes e resistentes. Ela gostou daquilo. Vitta e Hazza tinham ficado preocupados quando ela os explicou o que teria que fazer para se casar com Azzamar. E ela teve que lhes explicar que não havia como fugir daquilo.

Faltavam apenas dois dias para encerrar seu treinamento, e Adhara teve outra visita de Azzamar. Ele queria testá-la, ver como estava evoluindo. Segundo Carius, o Comandante era um dos três maiores espadachins que o Clã Cavaleira já tivera, seria bom para ela testar sua evolução com ele.

Azzamar se posicionou diante dela, ele usava um tapa-olho de couro escuro, que combinava com seu uniforme de treinamento. Ela sabia que sua cegueira devia limitá-lo, ao menos um pouco, e se aproveitaria daquilo na menor oportunidade.

— Vamos, me ataque.

Adhara não precisou de incentivo maior, avançou em sua direção, cortando o ar da sala.

Cada movimento que ela fazia, ele conseguia se desvencilhar. O som do aço deixava o coração de Adhara mais rápido, ela gostava de treinar, e sabia que tinha jeito. Azzamar tentou perfurá-la no ombro, ela desviou e empurrou a espada dele para baixo usando as duas mãos. Ele era mais forte, e forçou sua espada para cima, conseguindo separá-las.

— Bom bloqueio — elogiou.

Ele avançou na direção dela e ela recuou. Cada batida de seu coração, suas espadas se encontravam. Ele era rápido e ágil, mas ela podia ver que ele não estava dando tudo de si, se fosse verdade que ele era um dos maiores espadachins de seu Clã.

De repente, ela abaixou a espada, e a dele parou a milímetros de seu pescoço.

— Faça isso em uma luta de verdade e você está morta!

— Se não parar de se conter, estarei morta de qualquer jeito. Preciso saber como será uma luta de verdade, o que enfrentarei.

Ele a olhou e então para Carius, que estava em pé com os braços atrás de si.

— Você quer saber como é uma luta de verdade?

Ele pediu para que Carius lhe trouxesse sua espada de combate.

Adhara enxugou o suor que se formava na testa e lamentou o fato de não ter o preparo físico dos Cavaleiros, seria de muita ajuda não se cansar fácil.

Enquanto Carius não voltava com a espada Azzamar disse:

— Você aprende rápido, e consegue usar as duas mãos. O que não posso dizer da maioria dos Cavaleiros. Eles treinam com a mesma mão a vida toda e isso os limita.

— Mas não tenho força — reclamou.

— Velocidade e técnica compensam isso.

A espada de batalha era muito mais fina do que a que ele lutara com ela. Ele pegou a espada e tirou o colete, que usava por cima da camisa de material grosso.

— Preparada? — perguntou ele.

A postura dele estava mais relaxada, ombros soltos e seus dedos mal pareciam apearar a espada.

— Estou pronta.

Assim que sua boca se fechou, ele deslizou em uma velocidade incrível, desaparecendo da frente de seus olhos. Ela o sentiu atrás de si, e antes que tivesse tempo de se virar, sentiu um forte impacto contra suas costas e caiu, deslizando pelo chão. Antes que conseguisse inspirar um pouco de ar, arrancado pelo impacto da queda, ela sentiu algo pontiagudo na nuca.

— Está morta.

Ela emitiu um grunhido e se esforçou para levantar, apanhando a espada, que havia escapado de seus dedos.

— É *isso* que eu devo esperar na luta?

Ele não respondeu, com outro movimento, quase ofuscante de tão rápido, ele saltou por cima dela,

arrancando-lhe a espada com um só golpe.

— Aqui não lutamos para sobreviver, lutamos para vencer. A qualquer custo.

Capítulo 16

Adhara tinha saído da sala de treinamento e foi até o estábulo. Ela tinha visto alguns cavalos sendo levados para lá no dia anterior, e tinha planejado ir até lá.

Ao chegar lá, viu um senhor alimentando os animais com feno. Ela se aproximou de uma baia que tinha um belo garanhão negro. Adhara pegou uma cenoura no balde e ofereceu a ele; o cavalo a olhou, como se desconfiando da sua intenção, e então abocanhou tudo de uma vez.

O senhor se aproximou para lhe entregar mais cenouras e sorriu para o cavalo que Adhara observava.

— Esse é o cavalo do Comandante, mas como a senhora será sua esposa, não imagino que vá se importar. Quer que eu prepare para montá-lo, senhorita?

Ela nunca havia montado antes, mas, em um impulso, decidiu que estava na hora de aprender e pediu que o homem preparasse tudo.

Quando o cavalo estava fora da baia, Adhara precisou de um banquinho para conseguir montar o animal. Assim que finalmente o fez, uma mulher chegou, montando uma égua cinza. Hyunda.

— Resolveu aprender a montar? — ela perguntou, descendo com agilidade do cavalo e entregando as rédeas para o senhor. — Acha que assim vai parecer uma de nós? — Ela se aproximou de Adhara. — Que esse treino vai salvá-la de mim?

Os lábios da mulher se repuxaram em desdém.

De certa forma Adhara não estava surpresa que aquela mulher seria sua desafiante, mas se encontrava enojada. Ela tinha sido esposa do pai de Azzamar e agora pretendia casar com ele.

— Nunca poderá me vencer. Não sei o que Azzamar pensou ao pedi-la em casamento. O que viu em você. Não tem a força necessária para ser a senhora de um povo guerreiro.

— Acredito que meu charme.

Ela viu um brilho perverso nos olhos da Cavaleira.

— Veremos se toda essa petulância tem algum fundamento na arena.

Adhara se recusava a continuar escutando o que ela estava dizendo, então sacudiu as rédeas e o garanhão disparou.

O dia da luta finalmente chegou.

Adhara acordou, pediu à uma criada que esquentasse água para que ela se banhasse, e depois entrou na

banheira. Ficou lá por um bom tempo. Ela não podia perder aquela luta, ou o acordo seria quebrado. Vitta tinha dito na noite anterior que estava com um bom pressentimento em relação àquela luta. A Mikai sabia que isso devia dar-lhe algum alívio. Aquelas eram as palavras de uma Vitalli, e isso devia ser levado em consideração, mas temia que podia ser simplesmente o desejo de Vitta, se manifestando como intuição.

Depois do banho, ela vestiu-se e foi até o salão de refeição ter seu desjejum, era ali que a maioria dos Cavaleiros comiam.

Aquele dia estava mais cheio do que de costume. Ela podia sentir o frenesi no ar, por causa da luta, e aquilo aumentava sua ansiedade. Procurou uma mesa onde tinha apenas dois cavaleiros e foi se sentar. Sentiu que estava sendo observada, mas se recusou a fazer-lhes conta.

— Oi — Hazza falou, sentando-se ao seu lado.

Ela ouviu resmungos sobre sentar-se à mesa com um animal, e viu os dois homens se levantarem e saírem. Olhou para Hazza e viu que ele também não se sentia bem naquele lugar. Todos estavam sempre fazendo piadas, desviando-se dele ou o ignorando, mas talvez pelo Controle exercido por Adhara, ele se mantinha calmo.

— Preparada para a luta?

Adhara assentiu.

— Tenho algumas cicatrizes para provar que sim.

— Se você ganhar e se casar com *e/e*. — Ela lançou um olhar afiado pelo *se*. — Quando você ganhar, eu vou ter que morar aqui com você.

Ela negou com a cabeça.

— Não, seu lugar é em Maranea, você tem uma vida lá.

Ela percebeu que ele argumentaria, mas naquele instante um dos Cavaleiros se levantou e falou, em alto e bom som:

— Apostas abertas, quem acredita que a forasteira Mikai vai vencer, coloque uma moeda no meu lado direito. Quem acredita que é a Cavaleira, que foi desmamada com conosco e lutou lado a lado conosco, que foi nossa Senhora, no meu lado esquerdo.

Adhara olhou para a mesa e viu várias moedas sendo colocadas no lado esquerdo, e nenhuma no direito.

É claro que os Cavaleiros achavam que ela não ganharia. Sua adversária fora treinada desde sempre, enquanto Adhara tinha poucas semanas de treino; embora ela soubesse que tinha aprendido muita coisa e se sentisse forte o suficiente.

Hazza seguiu o olhar para a mesa das apostas, e então para Adhara.

— Não vi sua adversária, mas, se tivesse uma moeda, apostaria em você.

Ela olhou para a mesa de apostas novamente, onde o montante de moedas no lado esquerdo crescia, e olhou para o direito. Havia uma única moeda dourada lá,

solitária. Ela olhou para os homens em volta, não parecia ter sido nenhum deles que a havia colocado lá, mas aquilo deu-lhe um vigor diferente. Dois azarões estariam apostando na sorte aquele dia.

A arena nada mais era que um terreno plano, com quatro pilastras de madeira, e cercado por pessoas que esperavam ver sangue. Ela viu algumas crianças nos ombros de seus pais, algumas delas não deviam ter mais de seis anos. Adhara foi levada à arena, por Carius e outro cavaleiro. A cada passo que dava em direção ao círculo, sua pulsação aumentava. Ela usava um uniforme que foi feito para ela. Era uma roupa leve, diferente da qual treinava, sentia que podia se movimentar com mais facilidade.

Assim que entrou no círculo, viu Hyunda. A Cavaleira usava o uniforme padrão e, assim como Adhara, estava descalça.

— Ela vai tentar ler seus movimentos nos primeiros instantes, se defenda mais do que ataque. Você não tem muita força física, mas é rápida, use isso a seu favor. — Adhara ouvia a voz de Carius, mas soava longe.

As pessoas começaram a gritar, sedentas para que a luta começasse.

Ela caminhou até o centro do círculo, onde Hyunda estava. Sua altura e forma física intimidava.

— Aproveite o pôr do sol, será o último que verá.

Adhara olhou para o lado e viu o Comandante junto de outros Cavaleiros; ele também olhava para ela, e

assentiu. Perto deles, Vitta e Hazza se espremiam para ficar na frente.

Assim que a sombra do sol ultrapassasse os pilares, a luta começaria.

Adhara inspirou profundamente e girou o pulso sentindo a mobilidade da espada. Ela viu as sombras rastejantes atravessarem os pilares.

Nesse momento, Hyunda atacou com força, um baque firme contra a espada de Adhara — que conseguiu prever o golpe um segundo antes, e ergueu a espada sobre sua cabeça, para bloqueá-la.

Um forte chute contra a barriga enviou Adhara alguns passos para trás, curvada sobre o próprio estômago, arquejando. Um segundo depois, Hyunda voltou ao ataque. Ela não era muito rápida, não como Azzamar, então Adhara conseguia prever alguns de seus movimentos e, quando a Cavaleira tentou lhe perfurar o peito, ela desviou para o lado e prendeu a espada sob seu braço, trazendo Hyunda tão próximo, que pode sentir sua respiração; Adhara não perdeu tempo e chutou sua adversária no ventre.

A Cavaleira cambaleou.

Adhara não podia atacar diretamente tão cedo, mas Hyunda definitivamente não era boa em se defender. E Azzamar estava certo, ela só usava uma mão.

Hyunda parecia ter ficado ainda mais furiosa com o golpe que Adhara havia lhe aplicado, e porque, aos poucos, seu nome foi parando de ser repetido. Ela

começou uma série de ataques potentes, primeiro um golpe quando as espadas delas estavam cruzadas, ela acertou o cotovelo no queixo de Adhara e essa caiu no chão. Ela sentiu o gosto do sangue na boca. Em seguida, quando começou a levantar, recebeu um chute forte no estômago que a mandou para o chão novamente.

Adhara grunhiu.

— Ora por favor, levante-se. Seria humilhante vencer a luta com você no chão.

O erro de Hyunda foi ter virado as costas naquele momento. Adhara olhou para sua espada, mas ela estava longe; então, lembrando de um golpe que Carius lhe ensinara, ela passou um dos pés dentro das pernas de Hyunda e puxou para trás força, com o outro pé, chutou atrás da dobra do joelho, fazendo ela cair para frente. Rapidamente, Adhara pegou sua espada e montou sobre ela, colocando a lâmina afiada junto a seu pescoço.

— Acabou — ela disse, com uma voz ofegante.

Sangre. Sangre. Sangre. Sangre. Sangre. Sangre. A multidão gritava.

Adhara olhou em volta e seu olhar se fixou em Azzamar, que fez um sinal positivo. Ela afastou a espada, alguns centímetros, do pescoço de Hyunda e forçou a ponta afiada no ombro da mulher caída.

Quando o sangue começou a gotejar, Adhara a soltou e ficou de pé, sentindo os joelhos trêmulos. Ela cuspiu e viu a terra ficar vermelha com sangue. Todos a sua volta começaram a entoar o nome dela e explodiram em

aplausos. Ela deixou a espada cair de sua mão e enxugou o rosto suado e sujo de terra.

Eu venci!

Zach havia emagrecido pelo menos cinco quilos, ele pensou, olhando para seus braços e vendo vários arranhões, sujeira e ossos que antes não eram tão aparentes, surgindo. Mas aquilo não o incomodava tanto quanto o fato de sua família não ter ido lhe visitar uma única vez, nem mesmo escrito uma carta, em todos aqueles dias que ele estava ali.

Bernadette devia estar muito desapontada com ele, ele podia até entender isso, mas Vitta? Não. Algo estava errado. Ele lembrou das palavras dela antes de ser arrastado pelos guardas: *Não se preocupe, vou dar um jeito nisso.*

Ele suspirou e seu nariz retorceu. Estava imundo, não lhe era permitido tomar banho, e suas necessidades eram feitas em um balde, que ficava naquela mesma cela; com a menor brisa, todo o lugar ficava irrespirável. Ele nunca se imaginou em uma situação como aquela. E tudo por causa de uma garota que ele nem ao menos gostava. Ele havia perdido muitas coisas por causa dela, seu futuro já estava comprometido, mas ele não se permitiria perder sua família também.

A luta de Adhara com Hyunda lhe trouxe a graça de muitos cavaleiros, que antes a olhavam com displicência, mas agora a olhavam com certa dose de respeito.

Vitta, que tinha cuidado dos ferimentos de Adhara, ficou muito empolgada por ela ter vencido a luta. Ela não conseguia descobrir se a empolgação era pelo fato de que o casamento aconteceria, e com isso conseguiria libertar o irmão, ou se era apenas pela luta vencida.

Adhara estava andando com Hazza pelos corredores sem fim do palácio, enquanto Vitta foi convocada a ajudar as curandeiras na ala de tratamento, seu conhecimento em ervas seria muito útil ali. O Ranu não conseguia esconder sua preocupação em relação a iminência do casamento.

— Você está realmente disposta a casar com ele? Você vê como será sua vida aqui, como será tratada?

Ela ergueu o queixo.

— Serei a senhora deles.

O Ranu grunhiu.

— Isso significa bosta aqui, se você é a senhora ou apenas uma criada. — Hazza olhou em volta. — Consigo tirar você daqui se quiser, só preciso que diga sim.

Mas ela ergueu a mão, pedindo que ele não continuasse.

— Dei minha palavra e, ao contrário do meu pai, a cumprirei.

— *Fico contente em saber.*

Ambos se viraram ao mesmo tempo, para ver Carius indo até eles. O Cavaleiro ignorava a presença do Ranu, como faria com um carrapato agarrado ao pelo de um cão.

— Senhorita Mikai, o Comandante gostaria de vê-la em seus aposentos.

Adhara assentiu e pediu Carius que a acompanhasse. Ele se mostrou surpreso pelo pedido. Na verdade, ela podia ter perguntado a qualquer guarda por quem passasse, afinal, o palácio estava sempre cheio deles, mas ela não queria deixá-lo sozinho com Hazza.

Os aposentos de Azzamar despendiam toda a ala Sul. Possuía janelas altas, com vista para o prado.

Caruis a deixou em frente à porta e foi embora.

Para a surpresa de Adhara, o escritório era diferente de todo o palácio. Era limpo, organizado, tinha uma lareira de pedra, no canto da sala. Era uma construção rústica, mas ela achou bonita de qualquer forma. Azzamar estava atrás de uma imponente mesa.

Assim que viu a viu, ele largou os papéis que estava lendo.

— Ainda não dei os parabéns, todos ficaram muito impressionados com você — ele disse.

Algo em seu tom de voz fez Adhara dizer:

— Mas você, não.

Ele deu o que pareceu ser um quase sorriso.

— Não, eu não — confirmou. — Estranho, mas sabia que você ganharia, mesmo sendo menor e não tão forte fisicamente quanto Hyunda.

Adhara ergueu o queixo.

— É um hábito me subestimarem.

— acredite, não farão mais. Você já deu um nome para sua espada? É tradição fazê-lo, depois da primeira vitória.

Adhara pensou por alguns instantes, lembrando de sua espada. Era fria e prateada.

— Vou chama-la de Noite.

Azzamar assentiu.

— É um bom nome. Mas não foi para isso que a chamei aqui. — Ele pegou um vestido dentro de uma caixa que tinha sido preparada para parecer de presente. — Esse será seu vestido de casamento.

Adhara engoliu em seco.

O vestido era cor manteiga claro, com mangas compridas que se abriam nos pulsos, ele tinha uma fita de cetim na cintura marcada e descia delicadamente até o chão. Adhara nunca tinha visto algo tão bonito.

— Onde o conseguiu?

Ela não conseguia imaginar alguém ali com delicadeza o suficiente para costurar à mão e pregar as flores por toda a manga do vestido; mas talvez ela estivesse apenas sendo preconceituosa.

— Em uma de nossas... expedições.

— Quer dizer que ele foi roubado?

O olhar de Azzamar a mandava recuar, mas ela não o fez, tinha o direito de saber se o vestido que usaria em seu casamento tinha sido roubado.

Por fim, ele respondeu:

— Não, ele não foi roubado. Ele me foi dado como presente.

Adhara não acreditou.

— E por que alguém lhe daria um vestido de noiva?

— Porque algumas pessoas dão o que têm quando querem mostrar-se agradecidas.

Ele olhou para ela e Adhara sabia que ele estava se decidindo se contaria ou não.

— Salvei uma jovem noiva de usar um lindo vestido contra a sua vontade.

A curiosidade saltava dos olhos dela, e Adhara sabia que ele podia ver isso.

— Dois anos atrás, estávamos em Porle, estudando seu dia a dia para pegarmos suprimentos. Na rua do mercado, as pessoas estavam falando sobre uma jovem recém órfã, que estava sendo forçada a se casar com o assassino da mãe e da irmã, naquela mesma manhã. Chamei Carius para ir comigo até o pequeno templo. Assim que cheguei lá vi a garota, ela devia ter catorze ou quinze anos. Estava usando esse vestido, os olhos inchados de tanto chorar, e ao seu lado, um homem que tinha idade para ser seu avô. Fora da igreja, as pessoas observavam aquilo acontecendo e não faziam nada. O

sacerdote perguntou a ela se aceitava aquela união e ela gritou NÃO. Ela gritou tão alto, e tão claramente quanto estou falando agora. Mas o sacerdote continuou como se ela não tivesse dito nada. Carius e eu entramos no templo e mandei que eles parassem aquela cerimônia, ainda lembro do olhar dela de alívio. O assassino ainda puxou a espada para mim. Não preciso dizer quão irônico é quando um assassino está de joelhos, pedindo para você ter clemência. Ele chegou até mesmo a urinar na própria roupa.

Adhara estremeceu com a frieza que viu nos olhos dele.

Ela foi até onde a caixa com o vestido estava e o tirou de dentro. Havia uma similaridade entre as duas que usariam aquele vestido. Duas noivas que não queriam se casar.

— Se precisar de ajustes, peça a uma das mulheres, acho que Carmem era só um pouco mais alta que você.

Ela devolveu o lindo vestido para a caixa e, curiosa, questionou:

— E você sabe o que aconteceu com ela?

Adhara quase podia ver um sorriso se insinuando nos lábios de Azzamar, mas ele reprimiu.

— Ela veio conosco — Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, ele acrescentou. —, por escolha própria. Ela não tinha mais nada.

Adhara pegou a caixa e começou a se afastar, quando o ouviu dizer:

— Me esqueci de agradecê-la, também. Me fez ganhar muitas moedas.

De imediato, ela não compreendeu. Como ela poderia tê-lo feito ganhar moedas, mas então, lembrou da única aposta que tinha sido feita por ela. Tinha sido o Comandante. Ele havia apostado que ela venceria.

Capítulo 17

Vitta tinha terminado de ajudar a senhora Monara, a curandeira do palácio e responsável pelo funcionamento de tudo, a preparar unguentos para o estoque. A mulher era rígida e de poucas palavras, mas conhecia muito de ervas, para uma Cavaleira. Aquilo tinha sido um pedido do Comandante, que ajudasse a velha senhora com seus conhecimentos, e ela ficou satisfeita. Tinha um teto, cama e comida. Aquela era sua forma de retribuir por tudo aquilo, além de que ajudava a não pensar o tempo todo no irmão, embora quando estava só, sempre ficava o observando pela bola de cristal.

Ela fechou a porta do quarto e pegou sua bola de cristal; concentrou-se em Zach. Era uma rotina torturante vê-lo ali sozinho, com fome e se sentindo abandonado. Aos poucos, uma imagem começou a se formar; ao contrário das vezes anteriores, ele não estava na cela. Estava em uma sala. Havia alguns guardas, ela reconheceu o de cabelos brancos, e então Kalisa.

O que Zach estava fazendo ali...

O pensamento foi interrompido quando ouviu a voz de seu irmão dizer:

— Posso ajudar a encontrar a Mikai, em troca da minha liberdade.

Zach! Ela pensou com uma lamúria.

— Ela está com os Cavaleiros, isso eu também já sei. O que não sei é a localização desse lugar. Os Legionários não estão tendo sorte com isso, e não tenho contato com o Ranu que mandei atrás dela.

Ela pôde ver a surpresa do irmão.

Vitta entendia por que ele estava fazendo aquilo, é claro. Ela não teria aguentado metade dos dias que ele passou lá. Mas, se os guardas chegassem até ali...

— Posso descobrir a localização exata dela — garantiu.

A imagem no cristal começou a desvanecer e desaparecer, congelando no olhar intrigado da Badica.

Vitta se levantou imediatamente; precisava avisar Adhara que eles logo seriam encontrados. Mas então, Vitta se deteve na porta. Se eles a encontrassem, Adhara não precisaria mais se casar com o Comandante, a Badica não prenderia a própria sobrinha e tudo voltaria ao que era, tudo ficaria bem.

Mas então, Vitta sentiu, era como um sopro em seu ouvido que eriçava os pelos da sua nuca, e ela soube que devia contar o que acabara de ver. Ela não seria uma Vitalli se não ouvisse seus pressentimentos.

Ela saiu para encontrar Adhara.

MICELIA

Zach tinha recebido permissão para ir para casa, acompanhado de um guarda, para pedir que Bernadette fizesse uma de suas poções que ajudasse na localização da Mikai. Kalisa não queria pedir nenhuma Vidente de Maranea, ela não queria que as fofocas começassem. Ele havia ficado surpreso quando ela lhe informou que Adhara não estava mais na Ilha.

Ele se aproximou da casa e ouviu vozes vindo lá de dentro; ele nunca tinha ficado tão contente em ouvir aquelas vozes altas.

— Vai ficar parado aí para sempre ou vai entrar, Vitalli? — o guarda disse, atrás dele.

Assim que passou pela porta, viu seu pai, que era sua exata versão mais velha, sentado em sua poltrona favorita, Debby estava em seu colo, e ele bebia uma xícara de chá. Aquele era o ritual assim que ele chegava de uma de suas longas viagens.

Os sinos na porta anunciaram sua presença antes que ele pudesse dizer tal coisa. Ele viu os olhos perspicazes da irmã caçula virarem na sua direção. Ela pulou do colo do pai e correu em sua direção, mas parou antes de alcançá-lo. Ele olhou para si mesmo, lembrando que havia tomado um banho e trocado de roupa antes de deixar Maranea, não queria assustar sua mãe.

— Mamãe, o Zach voltou! — Debby gritou.

Ele se agachou, no segundo que sua irmã pulou em seu pescoço. Zach viu sua mãe surgir com a expressão de choque assim que o viu, mas, em seguida, sua

expressão suavizou em um sorriso. Ele abaixou Debby e foi até Bernadette. Ela o segurou pelo rosto e beijou sua testa e bochechas, murmurando o quão estivera preocupada e que não haviam deixado ela visitá-lo, que tinha tentado inúmeras vezes.

Antonio abraçou o filho, enquanto perguntava o que tinha acontecido e lamentava o fato de não ter estado em casa quando fora preso.

O guarda pigarreou para chamar a atenção, só então ele recordou o porquê de estar ali.

— Eu fui liberado para vir porque preciso da sua ajuda, mãe. Mas antes, onde está Vitta? Por que não foi me ver?

Faltavam dois dias para o casamento. Cecile — uma das criadas — conseguiu diminuir o vestido sem danificá-lo. Ela era habilidosa com a linha e a agulha. Tinha ficado perfeito em Adhara, mas, ao experimentá-lo e ser colocada em frente de um espelho comprido, ela sentiu todo seu estômago revirar, mesmo sabendo que era apenas o cumprimento de um tratado.

— A senhorita está usando seu vestido de casamento, vamos, sorria e mostre seus bons dentes. — A serva falou.

Adhara foi salva de sequer tentar, por uma batida na porta.

Vitta, que tinha acompanhado ela até ali, foi atender, enquanto Cecile dava os últimos pontos nas mangas, que tinham ficado muito grandes nos braços finos de Adhara.

Vitta voltou, instantes depois, com uma expressão hesitante, que Adhara percebeu assim que a viu.

— O que houve? Quem era?

A Vitalli suspirou e disse:

Era Carius. O casamento tinha sido adiantado para dali algumas horas

Adhara piscou, sentindo-se grata por ter se recusado a subir no banquinho que Cecile tinha levado, porque, naquele momento, ela se sentia levemente sem equilíbrio.

— Ele disse o porquê? — ela conseguiu expelir as palavras.

— O Comandante foi informado que sua tia já sabe a nossa localização, ela está vindo para cá. Chegará, no mais tardar, em dois dias.

Adhara ouviu Cecile falar alguma coisa sobre ter que se apressar, mas foi a última coisa que ela ouviu por um bom tempo, enquanto se perdia em pensamentos. Ela ia se casar dentro de algumas horas.

Ela ia se casar! Ela ia se casar! Ela ia se...

— Você está bem? — Vitta perguntou, baixinho.

Ela podia sentir o olhar de Cecile sobre ela, mesmo enquanto essa costurava.

— É claro.

Ambas sabiam que não era verdade. Mas havia momentos em que era melhor respirar fundo e aceitar que alguns eventos vão acontecer, e não importa o que você faça. Ela tinha tomado uma decisão, e arcaria com ela.

Hazza não gostava daquele lugar. Os Cavaleiros estavam sempre o olhando com desdém. Ele era acostumado com o desdém e desprezo, conseguia lidar com aquilo em Maranea; mas ali era mais complicado, ele só não sabia dizer o porquê.

Estava andando de um lado para o outro, em frente à porta do quarto de sua Controle. Ele podia ouvir os passos da garota Vitalli e também a respiração rápida da Mikai.

Ela estava ansiosa, mas tentava esconder, havia levado as unhas à boca várias vezes; em uma delas a criada resmungou, dizendo que borraría a tinta. Ranu eram muitos suscetíveis ao sentimento de seus Controles, por isso mesmo ele estava tão inquieto, porque ela estava.

Ela sentou-se na cama, e suspirou de leve. Faltava pouco menos de uma hora para a cerimônia do

casamento começar e sua ansiedade só tinha aumentado.

— O que faz aqui? — A voz da criada o assustou.

Hazza havia ficado tão focado em ouvir sua Controle, que se esqueceu do resto.

Ele olhou para a mulher de cabelos presos, com vários fios soltos arrepiados.

— Quero falar com ela.

— A senhorita Mikai está se preparando para o casamento, depois você fala com ela.

Hazza podia sentir aquela raiva antiga e conhecida chegando, ele podia sentir todo o seu corpo enrijecendo e tencionando. Ele falaria com a Mikai, entraria naquele quarto; nem que para isso tivesse que derrubar aquela porta.

— Está tudo bem.

O simples som da voz dela, foi como jogar areia em brasa ardente.

Ela usava um vestido longo de cor capim seco, quase cobrindo os pés. Seu cabelo escuro volumoso estava solto. Uma tiara com correntes prateadas estava no alto de sua cabeça, elas o lembraram das que os guardas usavam para prendê-lo e chicoteá-lo.

Ele desviou o olhar.

— Tinha que falar com você.

Adhara mandou que a mulher saísse. Ela o fez, claramente não satisfeita, e voltou para dentro do quarto.

— Está certa do que vai fazer?

Ela assentiu.

— Eu vou ficar bem, mas precisava mesmo falar com você. Depois do casamento, você volta com Vitta para Maranea. Pedirei a Kalisa que solte Zacharias logo que ela chegar aqui.

O sol que entrava pela janela de vitral no final do corredor, estava baixando. O casamento seria dali alguns minutos. Aquela inquietude rastejante começou a envolvê-lo novamente e, quando olhou para sua Controle, viu que ela também observava a janela, e que devia estar pensando a mesma coisa.

— Ainda dá tempo — insistiu, uma última vez. — Eu dou um jeito de nos tirar daqui.

— Está na hora de me vestir.

Ela deu as costas e entrou no quarto.

Adhara foi acompanhada por Hazza, Vitta e mais duas criadas até o salão de jantar, que fora preparado para o casamento. As mesas e cadeiras haviam sido removidas, e havia algumas guirlandas de flores brancas penduradas no teto. As duas únicas janelas que tinha deixava os últimos resquícios de luz alaranjada do sol entrarem, e dar um toque dourado ao lugar.

Bem diferente dos casamentos em Maranea, ali a noiva não era entregue pelo responsável da família. Ela tinha que caminhar sozinha até seu noivo. Era uma demonstração de que já havia crescido, deixado para trás aquela vida e seguido em direção a outra, uma transição que precisava fazer sozinha.

Adhara viu o Comandante, usando o uniforme e o tapa-olho, em pé, próximo a uma mulher usando vestimenta branca com uma faixa vermelha — a marca das sacerdotisas.

Os cavaleiros estavam todos em pé, formando um corredor até Azzamar. Eram tão altos que faziam Adhara parecer ainda menor. Ela sentiu um toque no ombro e, quando olhou para trás, viu Vitta empurrando alguma coisa nas suas mãos. Ela olhou e viu que era um desengonçado buquê de flores, que tinham sido arrancadas avulsamente de lugares em volta do castelo, ela as reconheceu.

— Toda noiva precisa de flores.

A música começou a tocar. Ela viu um grupo de pessoas com cravos, gaitas e flautas. O som que se fazia era suave.

Assim que ela pisou no corredor, sentiu algo contra o cabelo, ela baixou os olhos para o chão e viu um galho pequeno de alecrim. Adhara se abaixou, pegou o galho, e juntou com suas flores. Enquanto ela avançava, isso foi se repetindo com diversas ervas: manjerona, galhos de acácia etc. Eles jogavam, ela se abaixava e pegava.

Quando parou junto ao Comandante, seu buquê tinha dobrado de tamanho, e o aroma suave tinha sumido dando lugar a cheiros fortes, mas que de alguma maneira ela achava mais agradável.

— Se estão aqui nesse momento, é porque os deuses acreditam que suas almas pertencem uma à outra. Que seus corações batam com as mesmas paixões, que sua espada e lealdade sempre esteja à disposição de sua companheira, assim como a lealdade e a espada dela a seu serviço. — Adhara lembrou naquele instante do fato de que a espada dela tinha, de certa forma, estado a serviço dele.

Ela ainda estava pensando nisso, quando Azzamar puxou a espada da bainha e tocou o piso de madeira entre eles. Ele segurava a espada no cabo, com as duas mãos, então, abaixou-se, com um joelho encostado no chão, olhando fixamente para ela.

— Minha espada e minha lealdade estão com você desse momento até meu último suspiro.

O coração de Adhara deu um pulo e ela sentiu a garganta ficar seca, seus dedos quase esmagando as flores.

— Coloque sua mão sobre as dele e repita suas palavras — instruiu a sacerdotisa.

Adhara fez o que lhe foi pedido.

— Minha espada...e minha lealdade, estão com você de agora até meu último suspiro — ela conseguiu

pronunciar as palavras, que pareciam carregar tanta força.

O Comandante ficou de pé.

Uma moça jovem, com cabelos claros e sorriso amigável, apareceu com uma fita de cetim branca e entrelaçou as mãos de Azzamar e Adhara — que nem tinha notado que ainda estava com a mão sobre a dele. Quando terminou de fazer o laço, ela se afastou.

A sacerdotisa, saiu de trás da mesa e aproximou-se dele. Ela colocou a mão sobre o laço da fita.

— Que a união de vocês seja como esse laço, que nunca se rompa. — Ao dizer isso, a fita branca foi desaparecendo, sendo absorvida pela pele. Era como uma coceira boa.

Ela sentiu uma espécie de puxão dentro de si, assim que a fita desapareceu por completo. Ela olhou para Azzamar, ele parecia ter sentido o mesmo.

— Agora unam seus lábios e selem a promessa que suas bocas fizeram.

Azzamar baixou em direção a ela, seu olhar não desviou nem por um segundo, e então seus lábios se tocaram. De alguma forma, Adhara tinha, nos segundos antes de suas bocas se encontrarem, imaginado que seus lábios seriam frios e ásperos, mas não eram. Ao contrário, eram macios e quentes.

— Eu vos apresento: seu Senhor e sua Senhora.

Com aquelas palavras, Adhara se afastou dele. Os homens e as mulheres batiam palmas e pés no chão. A

música recomeçou, mais alegre e ritmada.

O sol já tinha desaparecido, a luz das velas e tochas era toda a iluminação que tinham.

— Já acabou? — ela perguntou, voltando-se para Azzamar.

— Ainda falta o brinde.

Ele terminou de falar e a mesma garota que colocou o laço neles, apareceu, com uma bandeja com dois cálices e uma jarra, dourados. O Comandante encheu os dois cálices com vinho e entregou um deles para Adhara.

Ele encostou a taça na de Adhara. Foi como um sopro de ar frio na face dela, e então ela olhou para Hazza. Ele tinha o nariz franzido em uma careta enquanto olhava para Azzamar. No momento que ele ia dar um gole na bebida, Adhara percebeu o que estava acontecendo. A mão dela bateu no cálice e derrubou o vinho, que se espalhou, manchando o piso.

Ela ouviu o som de surpresa de todos à sua volta.

Azzamar franziu a testa e pegou a taça da mão dela. Ele inspirou profundamente.

— Veneno.

Capítulo 18

O burburinho agitou o salão, e imediatamente, Carius surgiu abrindo caminho no meio das pessoas. Adhara, então, viu Hyunda lá no fundo. Ela não estava parecendo chocada ou assustada, como todos ali. Foi como um estalo na mente de Adhara. *Foi ela!* Ela tinha colocado o veneno na bebida deles.

— Como você sabia que estava envenenado? — a voz de Carius afastou Adhara de seus pensamentos.

Ela sentia a desconfiança emanando dele em ondas.

— Hazza parecia estar sentindo algum odor desagradável...— começou.

— E você, imediatamente, supôs que era veneno? — A acusação latente nas palavras dele irritaram Adhara.

— O que mais eu poderia ter suposto, que o vinho servido no casamento do Comandante estava estragado? Vocês sabem quantos mágicos foram envenenados ultimamente. — Ele não conseguiu dizer nada, então ela continuou. — Em vez de ficar me acusando, mesmo vendo que eu acabei de salvar a vida dele, você deveria estar procurando o verdadeiro culpado, que ainda deve estar aqui.

Todos olhavam entre si com desconfiança, mas os olhos de Adhara fulguraram novamente em Hyunda. A mulher estava claramente ansiosa, olhava para a saída, quase como se estivesse preparada para correr no primeiro sinal de perigo.

— Ninguém tem permissão de deixar esse salão. Vou considerar quem o fizer culpado, e dar-lhe a sentença compatível. — A voz de Azzamar silenciou todos os cochichos.

Adhara se aproximou do Comandante.

— Acho que sei como descobrir a culpada.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— A culpada?

Ela apertou os lábios, havia falado demais. Tinha apenas uma suspeita e seria muito embaraçoso se ela estivesse errada, embora acreditasse piamente que não estava.

— Não tenho provas.

Ele a observou por um instante e fez sinal para que ela prosseguisse.

Ela olhou no meio do salão e encontrou Hazza. Ele já parecia saber o que ela queria.

— Como eu disse, os Ranu têm o olfato muito poderoso, eles podem farejar qualquer coisa. — E olhando para ele, acrescentou. — Quem envenenou o vinho certamente o tenha tocado.

Ela olhou para onde Hyunda estava e viu a palidez quase instantânea da mulher.

O Ranu começou a andar pelo salão, no meio de Cavaleiros irritados com sua presença. Adhara conseguia ver que, de maneira quase linear, ele ia em direção à Hyunda, e então ele parou diante da Cavaleira.

— Por acaso comeu carne estragada, seu vira-lata? Sai agora da minha frente! — ela disse, com raiva.

Hazza não moveu um músculo.

— Eu nunca tentaria matá-lo, Azzamar — ela esbravejou. — Ele é um Ranu, não pode acreditar mais em um cachorro do que em mim.

Adhara foi até onde eles estavam e, quando estava próxima o suficiente, teve a impressão de sentir o odor do veneno.

— Não é mentira.

Os olhos de Hyunda diminuíram, com uma expressão de desprezo.

— É você que está por trás dessa acusação descabida? Está inventando essas coisas para livrar-se de mim.

— Por que eu faria isso?

Quem olhasse bem para a Cavaleira, perceberia que o controle dela estava por um fio, e Adhara estava olhando. Hyunda estava encurralada e sendo acusada de um crime de traição, e sabia disso.

O controle dela estava se esvaindo como a areia em uma ampulheta. Hazza percebeu quando a mão dela, que estivera o tempo todo no cabo da espada, moveu-se. Seu primeiro instinto foi empurrar a Mikai para trás de si.

Mas, quando a Cavaleira empunhou a espada, outros dois Cavaleiros, que tinham se aproximado sem serem notados, agarraram seus braços, fazendo com que ela deixasse a espada cair com um estalo.

Ela se agitou e começou a lutar para se soltar, enquanto gritava que não tinha feito nada. O Comandante, que tinha observado tudo o tempo todo, fez sinal para que a levassem até ele. Ela caiu de joelhos a sua frente.

— Azzamar, é tudo mentira! — jurou ela. — Eu não fiz nada, nunca colocaria a vida do meu Comandante em risco. Você não pode acreditar em uma forasteira mais do que em alguém do seu povo.

Ele olhou para Adhara, e então para Hyunda.

— Ela não é uma forasteira. É minha esposa, e *sua* senhora. E mesmo que eu não acreditasse nela, acreditaria nisso. — Ele ergueu um pequeno vidro transparente, lá de dentro tirou um fruto vermelho.

Hyunda piscou, e então toda a expressão de inocente injustiçada desapareceu de seu rosto, revelando...nada. Todo seu rosto havia se transformado em uma máscara impassível.

— Posso ver? — Vitta pediu ao Comandante.

Ele a entregou o vidrinho com o veneno.

Vitta tirou a rolha do vidro e levou até o nariz, que se enrugou em repúdio.

— Teixo. É um veneno de efeito rápido. — ela disse, devolvendo a prova para o Comandante.

Azzamar olhou para Hyunda, que já tinha o queixo erguido. Ela sabia que tinha perdido e não adiantava mais todo o teatro. E poderia revelar sua verdadeira face.

— Tem alguma coisa a dizer sobre isso? — ele perguntou.

— Você devia ter escolhido a mim! Eu seria uma Senhora mil vezes melhor do que ela. É o que todos aqui pensam. É o que seu pai teria preferido.

Morte por traição! Alguém gritou.

Azzamar levantou a mão, pedindo silêncio. Ele se voltou para Adhara, sua expressão não revelando nada.

— Foi você que descobriu essa armação, cabe a você julgá-la e proferir a sentença. O que decidir será feito.

Adhara não estava esperando aquilo. Ela olhou para a mulher na frente dela, que a encarava com todo o desprezo que conseguia, e nenhum arrependimento.

— Antes de tomar sua decisão — falou Azzamar. —, lembre-se que, como uma Cavaleira, ela não pode ser banida. É uma de nossas leis.

— Morte pelo código! — alguém gritou.

— Ela tem que morrer pelo código. Traidora! — outro concordou.

Os manifestos aumentaram, e a enorme maioria exigia a morte pelo código. A traição era um crime ainda mais grave do que o assassinato por ali.

— Diga de uma vez, você já se decidiu, não é? Eu posso ver no fundo dos seus olhos, você deseja a minha morte. — a Cavaleira bramiu.

— Você imaginou que com essa onda de ataques com veneno, nunca desconfiariam de você, seria apenas mais um entre tantos que vem acontecendo.

— Faça logo! — A mulher rosnou e, pegando desprevenidos os dois cavaleiros que a seguravam, avançou na direção de Adhara, com as mãos mirando o rosto dela.

Um segundo antes que pudesse tocá-la, os Cavaleiros agarraram-na novamente e a puxaram para trás.

Adhara respirou fundo e deu um passo à frente.

— Por traição e tentativa de assassinato terá sua morte pelo código — proferiu.

Os olhos escuros brilharam com puro ódio, mas ela parou de lutar, sabendo que não tinha perdido. Que nada a livraria daquela sentença. Adhara viu Carius sacar a espada da bainha e transpassar no pescoço de Hyunda, que rolou no chão, espirrando sangue, como uma batata que caia do saco.

Ela virou o rosto, seu estômago revirando-se com a imagem. Ela sentiu a bile subir pela garganta, e engoliu de volta.

— Não desvie os olhos, eles não a respeitarão se fizer isso. — Azzamar falou no seu ouvido.

Com as mãos e os joelhos tremendo, Adhara olhou para o corpo caído da Cavaleira que, com um último debater, ficou imóvel. Por um segundo houve silêncio. O sangue deslizou pelo chão de madeira, indo em direção às pessoas, que não se moveram. Então o salão explodiu

em aplausos. Vários cavaleiros, e outros homens e mulheres, foram até diante do Comandante e fizeram uma reverência; quando passaram por Adhara, fizeram o mesmo. Ela não conseguiu responder. Seus músculos estavam parcialmente paralisados, vendo as pessoas passando por cima do sangue e alguns do corpo da mulher que, minutos atrás, era um deles.

Vitta se aproximou de Adhara e ela pôde ver que não era a única assustada com aquilo tudo, sentiu-se melhor.

— Agora, pela tradição, os senhores terão que brindar com todos os homens e mulheres do salão que foram testemunhas dessa união — a sacerdotisa disse.

Azzamar assegurou Adhara de que ela não precisava beber. E foi o que ela fez, brindes atrás de brindes. Certo momento, ela já estava exausta.

A jovem mulher que tinha colocado o laço matrimonial nela e em Azzamar, brindou com ela.

— Fico muito feliz que meu vestido foi usado por minha senhora. — Ela fez uma pequena reverência.

— Você é Carmen?

A moça parecia envaidecida por Adhara conhecê-la.

Como o vestido indicava, Carmem era alguns centímetros mais alta que ela, tinha os cabelos claros, não exatamente loiros, um rosto bonito, mas que tinha sido manchado por uma cicatriz que começava no canto do olho e descia até seu pescoço.

— O Comandante falou de mim? — Olhos esverdeados brilharam. — Que gentil da parte dele.

Adhara olhou para o outro lado do salão e o viu. Ele estava sentado e tinha uma expressão velada, mas ela viu rapidamente o seu olhar baixar para onde o corpo de Hyunda estivera, antes de ser removido. Então, ele voltou a fitar o salão. Ele estava sempre observando tudo. Muitas vezes, como naquele momento, ela esquecia que ele não tinha a visão de um olho, embora ela sentisse que ele podia enxergar melhor que a maioria ali.

Então ela lembrou que Carmem ainda estava ali,

— É um vestido muito bonito.

O sorriso dela aumentou.

— Minha mãe o fez para mim. Ela era uma grande costureira, queria que eu me casasse com ele um dia, mas isso não foi possível.

— Você ainda pode, tenho certeza de que podem desfazer os ajustes.

Mas ela balançou a cabeça e abriu um sorriso triste.

— Não. Um vestido por noiva, é assim que deve ser. E foi um presente, dado de coração. Fico feliz que esteja usando. — Ela soava sincera.

Carius apareceu e Adhara viu o rosto de Carmen iluminar, como uma vela acesa em um quarto escuro. Ele devolveu-lhe o sorriso e beijou sua testa, então virou-se para Adhara. Toda a suavidade de instantes antes desaparecendo.

— O Comandante pede que vá até ele.

Adhara se despediu de Carmen e foi até Azzamar, que terminava de brindar com dois Cavaleiros. Os homens fizeram uma pequena reverência para ela.

— Tenho um presente de casamento para você.

Ele pegou um rolo de couro marrom das mãos de uma criada.

Todos os Cavaleiros que estavam ali, pararam de conversar e beber para ouvi-lo. Azzamar o desenrolou e lá dentro havia uma espada. Não era grande como as dos outros, incluindo a do próprio Comandante, mas era perfeita para Adhara. Tinha inclusive duas luas opostas, idênticas à marca que ela carregava no pulso.

— Essa espada simboliza seu compromisso como Senhora deste castelo e de todos os Cavaleiros.

Ela olhou para todos ali, e então para a espada brilhante à sua frente.

— Obrigada. — ela falou, no momento em que tocou o aço frio.

Todos aplaudiam e assobiavam, já embriagados.

Azzamar se aproximou de sua esposa e disse, para que apenas ela ouvisse, que estava na hora de se retirarem. Ele viu a breve hesitação dela, mas em seguida ela assentiu e colocou a mão sobre o braço dele.

Eles seguiram até a Ala sul. Os homens que faziam a guarda reverenciaram os dois. Fazia quatro anos que Cavalir não tinha uma senhora. E era a primeira vez que era uma forasteira de outro Clã.

Ele entrou no escritório e tirou o tapa-olho. Ele o usava geralmente em ocasiões oficiais. Aquilo sempre despertava a curiosidade, e curiosos ficam distraídos.

— Você salvou a minha vida hoje a noite, por quê?

Ela o olhou com surpresa, não estava esperando por aquela pergunta.

— Aceitei o acordo que me propôs e, ao contrário do meu pai, estou disposta a cumpri-lo.

Ele assentiu.

— É bom saber disso porque, para o casamento ser válido, precisamos consumá-lo.

Azzamar observou sua reação. Ele sabia que era muita coisa para ela assimilar em pouco tempo. Sua face estava pálida, os dedos sobre a mesa se crispavam na madeira.

— Porém, foi muita coisa hoje, e teremos que postergar isso. Mas vai ter que acontecer, cedo ou tarde. Infelizmente, o que não podemos postergar é sua mudança para meu quarto.

Vitta estava próxima a mesa de banquete, com um prato na mão, enquanto observava Hazza. Ele estava inquieto, o que significava que Adhara também estava. Ela não tinha hesitado na hora de dar a sentença à Cavaleira. De uma maneira estranha, ela se encaixava

com eles. Vitta sentiu uma mão grande agarrar sua cintura e puxá-la para trás. Ela sentiu um forte cheiro de álcool, quando uma voz no pescoço dela disse:

— Você tem um traseiro lindo.

Vitta pegou o prato que estava segurando e, girando para se livrar da mão dele, acertou bem na cabeça do homem. Ela o reconheceu como sendo um que sempre a assediava quando passava por ela, com palavras que ela nunca tinha sequer escutado. Ele cambaleou e tentou segurar-se na mesa, enquanto deslizava em direção ao chão.

— Pai! — Alguém gritou.

Vitta viu uma garota, da sua faixa de idade, correr e se agachar junto ao bêbado. Ela tinha os cabelos escuros alcançando os quadris e usava um vestido verde, no tom de seus olhos.

— Por que você fez isso? — a garota perguntou, irritada, olhando para Vitta.

— Ele se esfregou em mim.

A menina não parecia surpresa.

— Ele estava bêbado!

Vitta observou o rosto dela e imaginou que aquela não era a primeira vez que algo do tipo acontecia. A menina sacudiu o pai, chamando por ele, mas ele apenas resmungava e não abria os olhos.

— Isso não é desculpa, mas vou te ajudar. — Vitta não sabia por que se ofereceu, sendo que não se arrependia do que havia feito com o homem.

A garota pareceu desconfiada, mas então retrucou:

— Vou aceitar, já que é sua culpa ele estar desacordado.

Vitta resolveu não discutir naquele momento. Elas conseguiram fazer ele ficar de pé, e cada uma passou um braço dele envolta do pescoço. Vitta podia ter pedido ajuda ao Ranu, mas preferiu não.

Elas levaram o bêbado até uma pequena casa de madeira, não muito longe dali. A garota abriu a porta enquanto Vitta suportava sozinha o peso do homem; por sorte, era um homem razoavelmente pequeno, comparado aos outros ali. Depois de abrir a porta, elas entraram com ele. Vitta viu como o lugar era simples. Um sofá com espuma amarela aparecendo, cortinas que outrora foram brancas, uma mesinha com alguns livros sobre ela. Elas entraram no quarto, com uma cama de lençol verde musgo.

Elas o deitaram na cama e a filha o cobriu com uma manta, que estava na cadeira ali perto. Vitta pensou em sair, mas não conseguiu; ainda não.

A garota voltou para a sala e quando viu Vitta lá, questionou:

— O que ainda faz aqui?

Vitta apertou os olhos para a garota diante dela.

— Você não acha que eu estou certa em reagir quando tocam meu corpo sem minha permissão?

A garota ficou em silêncio um instante.

— Aqui as coisas não funcionam assim. Teve sorte que foi meu pai e não um Cavaleiro ou estaria morta. Mas não importa. Se quer meu agradecimento, obrigada.
— Ela olhou para a porta. — Agora já pode ir. Mas um conselho, não volte para a festa.

A Vitalli não tinha a menor vontade de fazer aquilo.

— Meu nome é Vitta, a propósito.

A garota olhou para ela com a testa franzida.

— Johana.

Vitta gostou daquele nome.

— É um prazer, Johana.

O quarto de Azzamar tinha uma enorme cama com lençóis brancos e uma banheira com água, no meio. Havia também várias espadas penduradas pela parede. Mas o que mais chamava a atenção, era a vista da janela. A lua estava no céu aquela noite, fazendo com que parecesse uma pintura.

— Mesmo quando me tornei Comandante, não quis abrir mão dessa vista — explicou ele, entrando no quarto.

Adhara assentiu.

Ela também não teria feito se estivesse em seu lugar.

— Quer tomar um cálice de vinho? — Ele perguntou, servindo-se.

— Acho que tive problemas demais com o vinho, para uma vida.

Ela lembrou da morte de Hyunda e sentiu seu corpo estremecer e a imagem de todo o sangue a fez se arrepiar.

— Lembro da primeira pessoa que condenei à morte — ele disse, aproximando-se. — Tinha catorze anos, meu pai me deixou no comando da cidade, e esse homem foi levado até mim. Ele tinha sido acusado de roubo, mas negava veementemente. Todos presentes na audiência mandavam eu dar a pena de morte, e eu fiz. Até hoje não sei se fiz o certo. Ele podia ser inocente, mas não lhe dei o benefício da dúvida, não queria parecer fraco diante de todos — Ele deu um grande gole na bebida. — Acredito que tenha feito o certo hoje à noite.

Adhara cruzou os braços.

— Isso não faz eu me sentir melhor.

— Nada fará, apenas aceite e siga em frente. Certamente essa não será a última vez.

Com um suspiro, ela assentiu.

— Acho que eu vou aceitar o vinho, agora.

DOIS DIAS DEPOIS

Zach e a pequena comitiva que tinha ido com Kalisa, foi escoltada pela cidade. O lugar não era o que ele teria esperado, imaginou acampamentos, tendas e afins, mas

era uma cidade, como Micelia e Maranea. Havia muitas casas, barracas vendas e moradores indo e vindo.

O castelo ficava em uma área mais afastada. Duas torres eram vistas de toda a cidade. Assim que eles pararam diante dos portões, um Cavaleiro mandou que descessem da carruagem. Kalisa apertou o manto em torno de si, e fez o que lhe foi pedido.

Havia cavaleiros com uniformes negros por toda parte.

Eles foram levados, através de cômodos sujos, até um salão grande, com um trono feito de espinhos pontudos. Zach estava olhando para ele, quando houve um murmúrio.

Zacharias não sabia o que esperar do famoso Comandante, temido por quase toda Samlia. Ele usava um tapa-olho cobrindo o olho esquerdo. Então ele viu a Mikai. Ela estava diferente de todas as vezes que ele a tinha visto. Usava um uniforme semelhante ao das outras mulheres presentes ali.

— É uma honra recebê-la em Cavalir — o Comandante falou para Kalisa. — Espero que tenha feito uma boa viagem, o caminho até aqui não é fácil.

Kalisa ignorou as boas-vindas e deu um passo à frente. Zach viu todos os Cavaleiros presentes levarem as mãos aos cabos de suas espadas.

— Estou aqui porque você cometeu um crime muito grave raptando minha sobrinha. Exijo que a entregue

imediatamente, ou sofrerá as consequências perante o rei.

O Comandante não pareceu se abalar, e olhou de Kalisa para Adhara; essa foi em direção a tia.

— Não fui raptada, vim por vontade própria.

— Está mentindo!

— Não, não estou. Na verdade, aceitei casar-me com o Comandante.

Azzamar estendeu a mão para a Mikai que colocou a sua sobre a dele.

Kalisa arregalou os olhos.

— Jamais permitirei uma coisa dessas. Voltará comigo imediatamente para Maranea.

Azzamar deu um pequeno sorriso torto.

— Não há nada a ser permitido, senhora, o casamento já aconteceu. Perderam uma boa festa.

A Badica ficou em silêncio alguns instantes, encarando a sobrinha.

— Exijo conversar com você, em privado.

O Comandante olhou para Adhara, esperando sua resposta. Ela assentiu, em concordância.

— Podem usar meu escritório. Enquanto isso, pedirei que sirvam algo para nossos... visitantes comerem.

O olhar de Kalisa pesava sobre Adhara, enquanto elas andavam em silêncio até a Ala Sul. Adhara via, pelo canto do olho, o desgosto de Kalisa pelas paredes manchadas e o cheiro desagradável que vinha da lama

nas ruas. Ela, de certa forma, já estava habituada com aquele odor que nem reparava mais.

Havia dois guardas na porta, que liberaram a entrada delas.

— Um lugar decente nesse fim de mundo — disse Kalisa, olhando em volta.

Adhara sentou-se no sofá e indicou uma poltrona em frente a si para Kalisa, que desfez o laço que prendia a capa de cetim no pescoço e a colocou de lado.

— Você disse que queria conversar comigo, pode falar.

Kalisa encarou a sobrinha momentaneamente.

— Não estava falando a verdade quando disse que se casou com ele, estava?

— Sim, estava.

— Eles não são de confiança. São um povo bárbaro. As histórias que ouvimos sobre eles em Maranea são terríveis. Nem mesmo Catalina se rebaixaria a casar com alguém de um Clã renegado.

Adhara apertou os lábios.

— Cuidado com suas palavras, não está em Maranea e esse Clã renegado agora eu faço parte dele.

Kalisa ergueu as sobrancelhas afrontada.

— E está até mesmo falando como eles.

— Você sabia sobre o tratado que meu pai fez com os Cavaleiros? Foi por isso que não queria que eu deixasse Maranea?

A pergunta foi feita tão diretamente que fez Kalisa levantar.

— Li na carta que ele te mandou, acreditei que ficaria mais segura se não a vissem. Já sabia que Diaser era um idiota, mas incluir a própria filha em um tratado com esse povo...

— Não vou repetir para tomar cuidado com suas palavras.

Vitta tinha escutado na enfermaria que uma comitiva tinha chegado no palácio, e ela soube que precisava ir até o salão. Pediu licença às duas senhoras, que a ajudavam a pisar uma erva e foi em direção ao corredor. Vitta estava dobrando o corredor escuro que dava para o salão, quando sentiu uma trombada no ombro, e ouviu a voz familiar resmungar.

— Zach? — ela perguntou, em um murmúrio.

Ele olhou para ela e então a abraçou. Vitta emitiu um som engasgado, contendo mil e uma perguntas que queria fazer, e apenas segurou o irmão. Ele estava bem, estava ali.

Depois de alguns instantes, eles se afastaram, ambos com olhares embaçados.

— Mamãe me contou o que você fez, o que deu na sua cabeça?

— Eu te coloquei nessa enrascada, é claro que tinha que dar um jeito para te tirar.

Zach havia ficado perplexo quando Bernadette lhe dissera o que Vitta tinha feito.

— Eu o vi na prisão.

Seu rosto retorceu em uma careta involuntária.

— Pensei que mamãe e papai estavam decepcionados comigo, por isso não iam me visitar. Não aguentava mais ficar naquele lugar, ainda mais por *ela*.

— Assim que ele disse, olhou para Vitta como quem se desculpa. — Não devia ter dito isso, sei que não a vê assim, que... gosta dela.

Foi a vez de Vitta franzir a testa com aquele tom de voz.

— Do que está falando?

Zach abriu a boca para responder, mas dois Cavaleiros apareceram. Um deles de barba comprida, falou:

— Não podem ficar aqui. Os convidados devem estar no salão de jantar, onde será servida a comida.

Vitta agradeceu e saiu puxando o irmão pelo braço. Ela já conhecia o palácio bem o suficiente para andar sozinha, e saber onde não devia fazê-lo.

Assim que chegaram ao refeitório, ela reconheceu alguns guardas de Maranea e a senhora Kalisa sentados à mesa, em um salão cercado por Cavaleiros, que observavam seus visitantes com desconfiança, prontos para agir a qualquer momento. O Comandante estava

sentado na cabeceira da mesa, com Adhara ao seu lado direito e Kalisa ao seu lado esquerdo. Havia uma simbologia, em tempos de guerra: do lado direito, ficavam os aliados; do esquerdo, os inimigos.

Adhara olhou na direção de Vitta e Zach. Toda a tensão do ambiente era sentida como uma nuvem de tempestade. Vitta percebeu, naquele instante, que estava em um momento crucial na sua vida, e lembrou das palavras da mãe “cheiro de sangue, morte” e também de Olhos Do Mundo. Aquele era o momento da decisão que ela tinha falado. O momento de escolher entre as coisas em que realmente acreditava ou o seu sangue.

O salão, de repente, parecia como um grande relógio, com ponto de equilíbrio que precisava pender, fosse para um lado ou para o outro. Ela tinha que escolher seu lado.

Ela olhou para o irmão, tão querido, e deu um passo em direção à mesa. Era como se fosse seu primeiro passo sozinha no mundo, ela sentiu assim. O coração de Vitta acelerou mais com o próximo passo, e outro após esse. Mas ela não se arrependeu ao puxar a cadeira e sentar-se ao lado direito de Adhara. Ela ouviu o som de madeira ranger, olhou para cima e viu o irmão sentando-se à sua frente. Eles se olharam por alguns segundos, e a conexão que ambos sempre tiveram estava lá, eles sabiam o que cada um tinha decidido. E que a mesa entre eles era um símbolo de que estava em lados opostos.

O jantar foi servido, e Vitta viu Johana próxima do irmão, servindo-lhe. Ela tinha uma postura rígida e os olhos baixos, os cabelos presos em uma trança, com uma fita verde na ponta.

Ela contornou a mesa e, depois de servir a todos os outros, chegou a vez de Vitta.

— Não sabia que você trabalhava no castelo.

— Há muitos convidados e as mulheres da cozinha precisam de toda a ajuda possível. — ela respondeu.

Quando terminou de servir, saiu, junto à outra criada.

Adhara observava Zacharias, comendo como se não tivesse visto alimento em muito tempo, mas então ela se lembrou do tempo que ele passara preso, e que estava mais magro do que ela se lembrava, então era possível que realmente não tivesse mesmo. Ela não se sentia com raiva por ele tê-la entregado, ela provavelmente teria feito o mesmo caso a situação fosse inversa. Os dois não eram amigos, e não deviam lealdade um ao outro, como acontecia com Hazza.

Hazza!

Ela ainda não o tinha visto fazia várias horas. Olhou por todo o salão, e ele não estava lá. Aquilo não era normal, ele sempre estava por perto, ao alcance de seus olhos. Ela estivera sentindo um incômodo no começo da

manhã, que estava aumentando naquele instante, como um zumbido irritante no ouvido que só ia aumentando.

Ela não tinha percebido que havia se levantado, até que viu que todos a estavam olhando.

— Eu... volto logo. — Ela saiu do salão, andando rapidamente.

Quando chegou lá fora, ela olhou em volta e praticamente viu o caminho que tinha que fazer, como se uma corrente a puxasse em direção ao estábulo. Ela então começou a correr. Sentia como se tivesse uma ampulheta dentro de si, com o tempo marcado. Quando estava próxima ao estábulo, as botas cobertas de lama, Adhara ouviu um rosnado visceral, e soube de quem era. Ela acelerou o passo e, assim que entrou no estábulo, viu Hazza cercado por cinco homens. Ele estava amarrado em uma viga, havia diversos cortes em seu corpo, sua camisa estava em retalhos. Um dos homens ergueu o chicote para açoitá-lo novamente.

Adhara não soube o que a tomou, mas, quando deu por si, estava se posicionando na frente de Hazza.

— Parem! — gritou ela. — O que pensam que estão fazendo? Ele é meu convidado!

Capítulo 19

Os Cavaleiros riram como gralhas, como se aquilo não significasse nada. O que segurava o chicote, até zombou.

— Não nos importa, nem um pouco, se é seu convidado, ou do próprio rei. — desdenhou.

Ela ergueu o queixo.

— Mas deveria importar, já que sou sua senhora.

O outro homem, que tinha um objeto pontudo nas mãos, fez uma careta.

— A única coisa que significa é que nosso Comandante vai foder você sempre que quiser.

Eles todos riram e Hazza rosnou novamente.

— Sabe o que mais significa? Que vocês recebem ordens minhas, e eu mandei soltá-lo.

Eles não riram dessa vez.

O homem do chicote olhou para o que estava ao seu lado.

— Tirem-na da frente, não quero avariar a mercadoria do Comandante.

Adhara olhou ao redor e viu uma espada caída, próxima aos pés de Hazza. Ela, imediatamente, pegou-a e a empunhou.

— Não ousem se aproximar.

Com uma risada gutural, o cavaleiro também sacou sua espada.

— Você gosta de uma brincadeira, isso é excitante. É uma pena que o Comandante pegou você para ele, do contrário eu ficaria muito feliz em fuder...

Ele não terminou de falar. Adhara avançou na direção dele, pegando-o com a guarda baixa e o acertando no alto da coxa. O homem grunhiu quando olhou para baixo e viu sangue em sua calça; manchada, dessa vez, com seu próprio sangue.

— Sua puta atrevida... — Ele a olhou com desprezo, os dentes amarelados se arreganhando como um cão raivoso.

Quando ele avançou para ela novamente, ela percebeu que ele não era tão habilidoso quanto Hyunda ou a maioria dos Cavaleiros. Ela não encontrava dificuldades em bloqueá-lo e achar falhas em suas defesas para contra-atacar.

Os outros homens não se metiam na luta. Era um dos códigos que eles seguiam: se dois estivessem lutando, um terceiro não lutava.

— Até que você luta bem, para quem nunca tinha segurado uma espada antes.

Ele disse, quando Adhara conseguiu encurralá-lo contra a parede, com a ponta da espada no nó de seu pescoço.

— E você luta mal, para alguém que nasceu empunhando uma.

Ela olhou para onde Hazza estava, sem mover a espada.

— Soltem-no. Agora. Não vou pedir outra vez.

O homem do chicote abriu um sorriso amarelado, faltando um dente na frente.

— Vença um de nós e soltaremos ele — propôs.

— Eu já venci, já o sangrei.

O homem riu, olhando para os outros.

— Kibalt não é bom manuseando uma espada, ao menos que seja para construí-las. Você terá que vencer um de nós quatro, se quiser que eu liberte seu bichinho de estimação.

Ela olhou para os homens ali. Todos grandes e fortes, Kibalt era o menor deles. Ela sabia que os outros seriam melhores que seu atual adversário, mas ela não pensava em ir correndo contar a Azzamar o que tinha acontecido. Ela era boa com a espada também, embora com anos a menos de treinamento.

— Aceito, mas eu escolho com quem vou lutar — ela disse para ele. — E quero lutar com você. E quando eu ganhar, quero ele solto, um pedido de desculpas e que nunca mais o incomodem novamente, entenderam?

O homem do chicote riu, assentiu e pegou a espada, jogando de lado sua antiga arma.

— Você escolheu muito mal, sou um dos vinte melhores espadachim de Cavalir — gabou-se.

Eles ficaram de frente um para o outro, com as espadas abaixadas, até que um dos dois fizesse o primeiro movimento. Esse, foi Adhara, mas ele conseguiu se esquivar e ela tropeçou, mas conseguiu voltar a posição de defesa rapidamente.

Ela tinha que ser cuidadosa e não atacar diretamente, pensou.

Foi a vez de ele atacar, percebendo que ela tinha alguma dificuldade no apoio da perna esquerda, mas Adhara conseguiu se desvencilhar e contra-atacou, acertando o cotovelo no queixo do cavaleiro. A cabeça dele tombou para trás, e ela aproveitou para enfiar a ponta da espada em seu joelho, não muito fundo, apenas o suficiente para sangrar.

Ela se afastou, com a respiração ofegante. Ela não estava acostumada com as espadas de combate, que eram duas vezes mais pesadas.

— Venci.

O Cavaleiro levantou a cabeça, com perplexidade.

— Você não lutou limpo.

Adhara lembrou das palavras de Azzamar, antes da luta dela com Hyunda.

— Um Cavaleiro luta para ganhar.

Ela pensou ter visto uma faísca de respeito em seus olhos, mas não teve como ter certeza.

— E como a palavra de um Cavaleiro é sua lei. — Ele olhou para os três homens ali e falou: — Vamos soltar seu cachorrinho.

Eles resmungaram e maldisseram, mas soltaram Hazza.

Ele estava fraco, mas conseguiu colocar-se de pé, apoiando-se na viga onde estivera preso. Adhara sentia toda a raiva dele, como um balde cheio que uma única gota poderia fazer transbordar, mas em meio a toda a raiva, ela também sentiu a humilhação.

Ela era quase nada perto de Hazza, mas o ajudou, deixando que ele se apoiasse nela. Antes de saírem, ela olhou para os homens.

— Está faltando uma parte do acordo.

Os homens fizeram caretas e cerraram os dentes, mas cada um deles pediu desculpas. Não havia uma letra de sinceridade em suas palavras, mas Adhara gostou de vê-los derrotados e humilhados.

Quando saíram do estábulo, Hazza murmurou um agradecimento.

Eles entraram na cozinha e as mulheres não pareceram surpresas com um homem ferido e ensanguentado entrando ali. Adhara pediu que chamassem alguém para cuidar dos ferimentos dele; uma criada, que Adhara ainda não tinha visto ali, prontificou-se a fazer isso.

Ela sentou Hazza em uma cadeira, e pediu a outra criada um copo de água. Os lábios deles estavam muito ressecados.

Hazza tomou tudo com voracidade, e Adhara mandou que lhe servissem outro.

Quando a senhora Monara chegou, carregando uma bolsa grande, e viu que seu paciente era um Ranu, disse que de forma alguma o trataria, e estava voltando por onde tinha entrado.

— Sim, você irá tratá-lo agora mesmo, como trataria qualquer outro.

A mulher parou de andar e olhou para trás, para Adhara, com olhos cinzelados em rebeldia.

— Perdoe-me, minha senhora, mas eu escolho meus pacientes. E me recuso a tratar de alguém que é mais animal que qualquer outra coisa.

Adhara apertou os punhos e ouviu Hazza emitir um gemido.

— Não se quiser continuar a viver aqui no palácio — retrucou Adhara. — Agora faça o que eu lhe pedi, ou pode arrumar suas coisas e ir embora agora mesmo.

Todos na cozinha ficaram em silêncio.

A mulher mais velha arregalou os olhos, afrontada. Por um momento, ela pareceu considerar a opção de ir embora, mas, com um resmungo, colocou sua bolsa na mesa e começou a tirar unguentos, folhas e retalhos. Ela limpou os vários ferimentos, e Adhara teve a impressão de que ela esfregava as ervas com um pouco mais de força do que era necessário, mas não importava. O que importava era que ele estava sendo tratado.

Assim que a curandeira terminou, guardou suas coisas e saiu da cozinha pisando duro. As mulheres que

havam parado seus afazeres, voltaram a limpar, cortar e cozinhar.

— Você precisa descansar, onde fica seu quarto?

Hazza ficou em silêncio.

Ela estranhou, porque tinha certeza de que ele havia escutado a pergunta, então esperou, até que ele disse:

— No estábulo.

Aquilo a chocou.

— Por que não disse nada?

Ele se esforçou para se levantar, colocando a mão na faixa que o rodeava, e ficou de pé, com dificuldade.

— Era um lugar como qualquer outro, não me importo. Já dormi em lugares piores, não é um problema.

Como alguém chegava naquele nível em achar que ser mandado para um estábulo estava tudo bem, que ser olhado como se não fosse nada estava certo, que ser tratado como um animal não importava?

Ela olhou para a senhora Monara, que também era responsável pela organização do palácio.

— Quero que providencie um quarto para meu convidado, e também comida e bebida.

A velha mulher a olhou como se ela estivesse louca.

— Não temos quartos disponíveis, todos foram ocupados pela visita daquela mulher e sua guarda.

Adhara sabia muito bem que aquilo não era verdade; a comitiva era pequena, e havia muitos quartos ali.

— Deve haver algum. Não me importa como, mas consiga um quarto. Ele está ferido, e um estábulo não é

lugar para se recuperar. A senhora, como curandeira, deve saber disso melhor do que ninguém.

A mulher tinha a boca repuxada nos cantos, em desaprovação, mas assentiu e pediu para que uma das criadas mais jovens organizasse imediatamente um quarto em uma ala específica, e disse à outra para preparar um ensopado.

Adhara lembrou do almoço que estava perdendo, e imaginou que Azzamar provavelmente ficaria chateado por ela não estar lá, mas, antes de voltar para o salão, ela acompanhou Hazza até seu novo quarto. Era pequeno, mas tinha uma cama com lençóis limpos, uma janela e uma bacia com água.

Já devidamente deitado na cama, que era alguns centímetros menor que ele, ela contou que precisava voltar para o salão e jantar, mas antes que pudesse sair, voltou-se para ele.

— Por que permitiu que fizessem isso com você? Por que não lutou?

Ele suspirou, cansado, com os olhos quase fechados.

— Já estou acostumado. E não queria ficar longe de você; se eu machucasse um deles, teria que ir embora.

Adhara cerrou os punhos.

— Se alguém mais tentar te machucar, quero que revide com tudo o que tem. Nunca mais deixe o tratarem assim, me ouviu?

Ele murmurou alguma coisa, mas em seguida estava dormindo pela exaustão.

Adhara esperou um momento até estar calma o suficiente para poder voltar para o salão, mas, ao chegar lá, ele estava vazio. Exceto por uma pessoa, Zacharias. Ele tinha um prato de filé diante de si, e levava um grande pedaço à boca com a mão. Assim que viu Adhara, ele interrompeu a ação e devolveu a carne ao prato.

Levou alguns instantes antes que dissesse alguma coisa.

— A carne aqui é boa.

Adhara foi até a mesa e sentou-se à sua frente.

— Nem tanto, mas imagino que depois de ficar preso isso deva parecer um manjar dos deuses.

Ele apenas a olhou, e o silêncio novamente pairou no local. Foi a vez de Adhara quebrá-lo.

— Ouvi dizer que vão partir amanhã. Vitta deve estar empolgada em voltar para casa com o irmão.

Os ombros dele enrijeceram.

— Ela não vai embora comigo.

Aquilo era novidade para Adhara. Uma grande novidade.

— Minha irmã pressente que deve ficar aqui por mais um tempo. E, se sua intuição lhe diz isso, provavelmente está certa — explicou.

Adhara compreendeu e, por algum motivo, ficou aliviada que Vitta ficaria ali por mais um tempo. Ela não

queria ficar cercada apenas por Cavaleiros e todo o resto ainda desconhecido para ela.

Azzamar dormia em seu escritório, que tinha uma porta que ligava ao quarto. Mas, antes dele ir para lá naquela noite, comentou sobre o que tinha acontecido no estábulo. Nada ali parecia acontecer sem que ele soubesse.

— Kibalt foi falar comigo e me contou o que você fez.

Ele disse, tirando o tapa-olho e colocando no bolso da calça que usava para dormir.

— Ele desrespeitou a mim e meu convidado.

— Refere-se ao Ranu?

Adhara sabia que eles viam Hazza como alguém sem a menor importância.

— Sim, ele. Lamento ter humilhado um de seus homens, mas...

— Kilbalt teve o que mereceu. Você foi misericordiosa, depois do que fizeram; eu não teria sido. E ele não é um de meus homens. É um de *nossos* homens. O mesmo respeito que têm por mim, devem ter por você.

Ela estava tão surpresa com suas palavras, que não conseguiu dizer nada antes que ele saísse.

Com os primeiros raios de sol surgindo naquela manhã, a comitiva partira de Cavalir, com o mesmo número com que chegara. Zacharias tinha ido até o quarto de Vitta, tentar novamente persuadir a irmã a ir com ele, embora ambos soubessem que aquilo não aconteceria. Ela deveria ficar ali, sabia disso com cada gota de sangue Vitalli em seu corpo.

Ainda assim, doeu dar adeus a seu irmão, mesmo que temporariamente. Eles estavam sempre juntos, desde que ela nascera, suas idades próximas os fizeram inseparáveis. Ele era a pessoa de quem ela era mais próxima, com exceção de Enrietta. Eram mais do que irmãos, eram amigos.

Ela o acompanhou até a carruagem, sentindo seu coração apertar no peito. E com um último e longo abraço, ela entregou a ele uma carta que explicava aos pais o porquê de ter que ficar.

Ele parou no degrau da carruagem, a mandíbula apertada e os olhos marrom quentes, não conseguindo esconder sua angústia.

— Por favor, tome cuidado. Não suportaríamos perder você também.

Ela concordou, sabendo que ele se referia a Enrietta.

— Diga a todos que os amo, e que logo nos veremos novamente.

Mas ela não sabia se aquilo era verdade. O que tornou aquelas palavras ainda mais difíceis.

Zach assentiu.

Com relincho dos cavalos, as carruagens saíram em cortejo.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Adhara foi ver como Hazza estava. Quando bateu em seu quarto, Vitta foi quem abriu a porta, surpreendendo-a.

— Todos no castelo estão comentando o que aconteceu no estábulo. Resolvi trazer alguns unguentos — explicou.

Adhara sentiu um forte odor desagradável de ervas quando entrou no quarto. Ela viu um pilão com ervas pisadas, em um pote de madeira, que estava sobre uma cadeira próxima à cama. Hazza estava sem camisa e os cortes, que minavam um sangue escuro, estavam cobertos por uma mistura verde.

— As feridas já estão melhorando, os Ranu se curam rápido — Vitta falou, enquanto voltava para o lado de Hazza.

Ele estava sentado na cama, a palidez quase fantasmagórica do outro dia havia diminuído. Ela viu um prato de sopa no chão, com uma caneca onde devia haver água.

— Estão lhe trazendo comida?

Ele assentiu, mas os olhos mal conseguiam permanecer abertos.

Vitta colocou nas mãos dele um dos seus vidrinhos e disse para ele beber todo. Ele cheirou, fazendo uma careta.

— Eu sei que o cheiro não é dos mais agradáveis, mas vai acelerar seu processo de cura, de dentro para fora, e ajudar na sua recuperação.

Ele continuava reticente.

— Beba — Adhara disse.

O Ranu fez outra careta e ela ouviu um grunhido vindo de sua garganta, mas, por fim, levou o vidrinho até a boca e entornou tudo. Minutos depois, o ronco de Hazza podia ser escutado do outro lado do castelo.

— Efeito colateral.

Vitta e Adhara saíram do quarto e caminharam em direção ao salão, para o almoço. Embora tivessem passado aqueles dias todos no mesmo lugar, aquela era uma das raras vezes que estiveram sozinhas. Vitta perguntou a Adhara os detalhes do que acontecera no estábulo.

— Fico feliz por você ter defendido ele. Algum tempo atrás não sei se você teria feito isso.

Adhara também não sabia se teria feito, e se constrangia ao admitir isso a si mesma.

Elas pararam de falar quando um Cavaleiro surgiu no caminho delas, informando a Adhara que Azzamar requeria sua presença em seu escritório.

Azzamar queria lhe comunicar que estava indo com alguns homens, naquela madrugada, para Porle, a cidade

portuária mais próxima, pegar um carregamento de grãos, que era a única coisa que eles ainda não produziam. Ela sabia que pegar significa roubar e saquear.

— E enquanto eu estiver fora, Cavalir está sob seu comando.

Azzamar disse que Carius ficaria, para auxiliá-la no que ela precisasse.

Ela não achava que era uma boa ideia ele deixar a cidade com tantas mortes acontecendo, mas deduziu que Azzamar estava acostumado a situações muito piores do que aquelas, por isso não discutiu. Ele partiu antes da madrugada.

Naquele primeiro dia depois da partida de Azzamar, Adhara percebeu como era comandar tudo aquilo. A mais simples das decisões tinha que passar por ela. Desde a quantidade de carne a ser feita nas refeições — que a senhora Monara insistia que ela deveria decidir —, até um tribunal que julgaria alguns prisioneiros que estavam no calabouço. Estavam lá fazia meses, e o gasto com a comida era uma despesa desnecessária.

Adhara estava no salão, sentada no trono que era de Azzamar, enquanto um Cavaleiro lia os crimes dos prisioneiros.

Um senhor de idade avançada, usando trapos, estava prostrado de joelhos, enquanto seus crimes eram enunciados.

— Esse homem é acusado de roubar leite de nossas vacas e legumes das hortas.

A testa de Adhara se franziu.

— Ele foi preso por isso? Nenhum outro crime? — murmurou.

— Não, minha senhora.

Ela olhou bem para o senhor, cujo rosto estava sujo de cinzas e as vestes rasgadas.

— Libertem-no imediatamente, e deem a ele uma vaca leiteira para levar para casa.

Adhara ouviu o som incrédulo que todos emitiram. O senhor levantou os olhos, com um misto de surpresa e suspeita.

Carius, que observava de longe, aproximou-se dela e murmurou em seu ouvido:

— Não é assim que fazemos.

— Essa é minha decisão.

O homem aproximou-se dela e se ajoelhou, agradecendo. Ele agarrou sua mão e beijou, antes de ser afastado.

— O senhor poderá vender o leite e conseguir o sustento de sua família. — Então acrescentou imediatamente. — Mas aviso desde já, não haverá tanta complacência da próxima vez.

Ele assentiu, fazendo reverências, até ser retirado da sala.

Adhara julgou mais seis casos. Metade deles, como o do senhor, eram injustificáveis a pena, em relação ao

crime cometido, e esses foram libertados. Os outros, dois foram mandados de volta para suas celas, mas, o terceiro, tinha cometido o crime de matar o próprio irmão covardemente, enquanto esse dormia, e foi condenado à morte na forca

Uma senhora que tinha estado chorando durante todo o julgamento, jogou-se em seus pés e implorou.

— Por favor, minha senhora, não posso perder mais um filho, vou ficar sozinha.

Os Cavaleiros agarraram seu braço e a colocaram de pé.

— Ele matou seu filho — Adhara a lembrou.

— Isso não me torna menos mãe dele. Imploro-lhe, poupe a vida dele. Mantenha-o preso o resto de seus dias, mas não o mate. Não aguentaria ser uma mãe sem filhos.

Adhara olhou para as pessoas, que gritavam para que o matassem, e para a mulher que clamava pela vida do filho, e então para o objeto de discussão. Ele tinha o queixo erguido e os lábios cinzelados, e nenhum sinal de arrependimento. Pelo contrário, parecia pavonear-se com toda a atenção recebida. Ele era um assassino de seu próprio sangue, aquele era o pior tipo de crime a se cometer.

— Mantenho minha decisão, levem-no.

Tudo foi feito em questão de alguns minutos. A forca foi montada na praça e as pessoas esperavam pelo espetáculo. Alguns pais tinham filhos pequenos sobre os

ombros para assistir à sentença. Havia um camarote para que ela ficasse e pudesse assistir tudo. Adhara não queria ver alguém tendo o pescoço quebrado na sua frente, mas depois deste dia, ela sabia que a consideravam fraca, e ela não poderia permitir isso.

Então sentou-se e observou, quando a tábua sob os pés do jovem abriu e ele caiu no vão. Ela estava perto e ouviu o som do estalo do pescoço dele quebrando, antes da multidão começar a gritar e aplaudir, enquanto o corpo sem vida dava suas últimas sacudidas até parar.

Não pode subir aí.

Adhara olhou para baixo e viu a mãe do rapaz enforcado sendo segurada por um cavaleiro.

— Eu pedi clemência por meu filho e você a negou. Que seu ventre nunca dê frutos, para que não conheça a dor que acabou de me infligir, e se der, que chore as mesmas lágrimas que me fez derramar.

Um cavaleiro, que segurava a senhora, ameaçou colocá-la no calabouço, mas Adhara mandou que a deixassem ir; aquela era apenas uma mãe sofrendo pela morte de seu filho.

Quando finalmente o dia chegou ao fim, Adhara deu graças aos deuses. Foi para seu quarto e tomou um bom banho de banheira e pediu que seu jantar fosse servido lá, queria ficar sozinha pelo resto das horas daquele dia, como não fizera o dia inteiro.

Capítulo 20

Fogo. Chamas engolindo tudo. Gritos.

Vitta acordou com um grito preso na garganta, com a visão que tinha acabado de ter. Ela sabia que havia sido uma visão, embora aquela fosse sua primeira. Algo estava se aproximando de Cavalir. Algo grande, feroz e muito cruel.

Sem nem ao menos esperar a respiração voltar ao normal, ela já estava se colocando de pé no quarto escuro.

Os corredores eram frios e perigosos àquela hora da noite, mas Vitta não se importava. Ela atravessou toda a Ala Leste até a Sul, onde ficava os novos aposentos de Adhara, como senhora. Os dois homens que faziam a guarda na porta a olharam com uma fome que ela achou nojenta.

Vitta bateu na porta algumas vezes, até ouvir a voz sonolenta de Adhara, perguntando quem era.

— Sou eu, Vitta.

A porta foi aberta imediatamente e a Vitalli entrou. O quarto estava escuro, assim como o dela estivera, mas o fogo na lareira fornecia luz e calor o suficiente.

— Tive uma visão.

Adhara ainda coçava os olhos.

— Visão?

Vitta caminhou até perto do fogo.

— Foi poderosa o suficiente para me acordar.

— Talvez tenha sido apenas um sonho...

Ela balançou a cabeça veementemente.

— Não foi um sonho, conheço a diferença.

Vitta puxou a manga de sua camisola e revelou uma mancha, deixando a marca das veias em um vermelho carmesim. Seu sangue estava envenenado, ela precisava tratar aquilo logo. Quando o veneno chega ao coração, o mágico morre.

— Não estava usando meu catalisador e...

Aquela tinha sido sua primeira visão, e ela se sentia debilitada. Muitas Vitalli, que não lidavam bem com a magia, morriam jovens, antes mesmo de sua primeira visão. Foi o que tinha acontecido com Enrietta.

— E o que você viu?

— Gritos, pessoas sendo queimadas vivas. — Ela tapou os ouvidos, como se ainda estivesse ouvindo. — Então acrescentou, ofegante: — Algo muito ruim está se aproximando.

Adhara sabia que, se a visão de Vitta se provasse errada, ela perderia o respeito que havia conquistado, mas ela também acreditava na Vitalli. Por isso, acordou todos no palácio e mandou que chamassem Carius. Ela vestiu o uniforme, imaginando que a veriam com melhores olhos se parecesse um deles.

Carius não chegou no seu melhor humor, exigindo saber o porquê de ter sido solicitado àquela hora da madrugada, mas ele não aparentava alguém que estivesse dormindo.

Ela foi direto ao assunto.

— Podemos estar prestes a ser atacados.

A expressão irritadiça desapareceu dos olhos dele.

— Como assim, podemos?

Adhara explicou para ele a visão que Vitta teve.

— Você quer que montemos guarda simplesmente porque sua amiga teve um pesadelo, que ela diz ser uma visão?

Ela olhou para Vitta ali perto, os ombros caídos, as mãos apertadas junto do peito, estava pálida. Ela não teria feito todo o estardalhaço de acordá-la no meio da noite se não tivesse certeza de que a visão era verdadeira.

Adhara se voltou para o Cavaleiro.

— Confio no que ela viu, além do mais, é uma Vitalli, suas visões não devem ser subestimadas.

Carius cerrou os dentes.

— Uma visão não é o suficiente para montar a guarda.

O portão do salão foi aberto com força, causando um enorme estrondo. Um cavaleiro surgiu, acompanhado de um homem magricela, que resfolegava.

Ele olhou de Carius para Adhara.

— Te-nho u-uma mensagem do Comandante.

— Que mensagem?

O homem encolheu os ombros, amedrontado com a envergadura de Carius.

— Ele mandou avisar que o rei está morto. E que estão vindo para tomar Cavalir

— Quem está vindo? — Adhara questionou

Ela parou em frente ao homem obrigando-o finalmente a parar de zanzar de um lado para o outro.

— Diga-me quem são eles.

Os olhos do homem estavam arregalados, estampando todo seu medo.

— A Legião Vermelha está cruzando os limites de Ramar, devem chegar aqui em dois, três dias, no mais tardar. O Comandante talvez não chegue a tempo. Ele disse para se prepararem.

A Legião Vermelha era o exército do rei. Eles eram como bestas adestradas sob a coleira de seu dono. Se eles estavam indo para lá, não era coisa boa, principalmente o rei estando morto, porque significava que a ordem partira do príncipe.

Adhara mandou uma criada preparar algo para comer e um lugar para o homem passar a noite. Assim que se viu sozinha com Carius, perguntou:

— Que motivo a Legião Vermelha teria para querer tomar Cavalir agora?

Carius, que estava com um olhar fixo no chão, parecendo perdido em pensamento, olhou para ela.

— Mais território, eles sempre tiveram medo de que declarássemos Cavalir como um reino e dividíssemos Samlia.

— O filho parece querer a mesma coisa. — ela murmurou.

Vitta pediu a uma criada para que a ajudasse a chegar até seu quarto. Lá, tinha os ingredientes para fazer o remédio que restabeleceria suas forças. Ela precisaria estar em sua melhor forma para o que estava por vir. Ela fez o preparado, com suas mãos tremendo ao juntar todos os ingredientes e pisar neles. Tinha que ter as medidas certas, ou a cura se tornava veneno.

Quando terminou, ela tomou tudo em um só gole. Fez uma careta para o gosto amargo. Levantou a manga do vestido e viu, embora lentamente, o veneno em suas veias começar a retroceder.

Ela permaneceu deitada por cerca de uma hora, que era o tempo recomendado para deixar o remédio agir. Ouvia pessoas andando pelos corredores e conversando. Quando a hora passou, ela sentia-se muito melhor, sua visão não estava mais turva e a fraqueza muscular aos poucos diminuía. Ela tinha que ir para o salão, precisava ajudar da forma que pudesse.

Quando chegou no salão, viu Adhara tentando falar, em meio a dezenas de Cavaleiros barulhentos.

— Já chega! — ela gritou.

O salão ficou em silêncio, finalmente lhe dando atenção.

— Caso sobrevivamos, podemos fazer uma fogueira e discutirmos os assuntos em pauta aqui, mas agora não temos tempo para isso. Tudo o que importa é proteger a cidade e quem vive aqui.

Um Cavaleiro estufou o peito.

— Você está aqui há pouco tempo, mas podemos lidar com a Legião. Lutar está em nosso sangue. Mas e você, será capaz de nos liderar? Ou vai ter compaixão de machucar alguém? Onde está o Comandante?

Mulheres não sabem liderar! Você vai acabar nos matando! O Comandante devia estar aqui!

Carius, que tivera em silêncio todo aquele tempo, ergueu a mão e se pronunciou:

— O Comandante não vai chegar aqui antes do ataque. — Os homens começaram a ruminar e reclamar, mas pararam quando Carius ergueu a mão. — Todos sabem que o Comandante não deixaria a cidade nas mãos de alguém que ele não acreditasse que pudesse tomar de conta, certo? Ele alguma vez já desapontou vocês? — Todos ficaram em silêncio. — Então por que acham que ele deixaria todos vocês nas mãos de alguém inábil?

Vendo que ninguém mais protestaria, ele fez sinal para que ela prosseguisse.

— Temos pouco tempo para organizar nossas defesas, e honestamente, nunca fiz isso antes, mas aprendo rápido. E se for verdade que são os melhores guerreiros de Samlia, é um ponto a mais. Concordam?

— Vamos precisar de mais do que pontos para ganhar. Eles não são como as tribos nômades com quem lutamos, ou os fazendeiros que saqueamos. São soldados, treinados. Assim como nós — Carius disse.

Não importa quem são ou quantos são, tudo o que conseguirmos aqui será suas mortes. — Um deles gritou, erguendo a espada.

Os outros cavaleiros gritaram, em concordância.

Adhara esperou a euforia deles diminuir para continuar.

— A primeira coisa a se fazer é fechar os portões da cidade e qualquer outra entrada que possa haver.

Um homem, com uma grande cicatriz cortando o rosto, assentiu.

— Eu e meus homens faremos isso imediatamente.

Depois que eles se dispersaram, cada um com uma tarefa para proteger a cidade, Vitta foi até Adhara.

— Se o que ouvi está correto, a Legião Vermelha é muito cruel, eles vão devastar tudo e matar todos aqui...

Adhara respirou fundo e parou de ouvir, como se só naquele momento a grandiosidade do que aconteceria a tivesse alcançado. Tinha a vida de todos ali em suas mãos. Se cometesse algum erro, todos poderiam morrer. Ela sempre soube o que fazer em uma situação complicada, mas, naquele momento, não sabia.

Ela murmurou uma desculpa e saiu, apressada, para o único lugar fora do castelo que conhecia.

Assim que chegou no estábulo, viu o senhor de cabelos brancos alimentando os cavalos. Adhara seguiu, andando para o final do estábulo, ouvindo o ruminar dos cavalos mastigando e o cheiro de cenoura.

Ela parou diante da última baia.

Ouviu uma bufada e levantou os olhos para dar de cara com grandes olhos cor de jabuticaba. O cavalo tinha pelagem marrom escura, e estava olhando para ela.

Ela estendeu a mão para tocar a crina brilhante, mas ele sacudiu a cabeça.

— Ela não gosta muito de pessoas, minha senhora.

O cuidador explicou que ela tinha chegado ferida há pouco tempo, e que não tinha se adaptado ainda à sua nova vida.

Somos duas. Pensou morosamente.

— Sele-a, por favor, quero dar uma volta.

O senhor arregalou os olhos, dizendo que não aconselhava que ela montasse aquele animal, que era muito perigoso, que ainda não tinha sido amansada. Mas, com um segundo olhar impaciente de Adhara, ele rapidamente a selou e a ajudou a subir.

Vamos lá garota! Me leve para bem longe.

O cavalo saiu dali em disparada ao campo aberto. Ela logo pegou o ritmo. Adhara sentia que conseguia respirar cada vez melhor a cada trote, a cada segundo que se afastava da cidade, e sentiu o peso em seus ombros aliviar.

A covardia devia estar no sangue dela. Ninguém a culparia por fugir também. Mas, quando ela ergueu o arreo, foi tomada por uma sensação que a deixou enojada. Ela seria como seus pais, pior inclusive, porque sua decisão não estaria prejudicando a vida de um ou dois, mas de milhares de pessoas. Crianças, idosos, aleijados que não conseguiam se defender.

Adhara não sabia como fazer para salvar as pessoas e aquela cidade, mas, se fugisse sem ao menos tentar, estaria condenando a todos.

Hazza tinha escutado a movimentação no castelo durante toda a madrugada e o resto do dia. Ele já estava praticamente curado, mas tinha decidido ficar repousando um pouco mais. Mas aquela agitação no ar era como um zumbido irritante no ouvido dele, e ele não conseguiu ignorar. Vestiu-se e saiu para ver o que estava acontecendo.

Quando chegou no salão principal, viu apenas alguns Cavaleiros reunidos em torno de uma mesa, conversando. Hazza podia sentir o cheiro da ansiedade deles no ar.

— Ei, não pode entrar aqui Ranu — um Cavaleiro disse, ao avistá-lo.

— Estou procurando...

Um homem, de meia-idade, enrugou os cantos da boca.

— Não pode entrar aqui!

Os outros Cavaleiros colocaram as mãos na espada, em um aviso claro.

Um grunhido instintivo nasceu no fundo da garganta de Hazza e ele sentiu as garras abrindo caminho por entre suas unhas, mas conseguiu controlá-las no último segundo, e correu dali o mais rápido que conseguiu. Depois de atravessar metade do palácio, ele encostou o ombro na parede e respirou fundo para acalmar seu corpo, que tremia devido ao esforço que fazia para não permitir que seu lado mais primitivo saísse.

Onde a Mikai estava?

A Vitalli talvez estivesse com ela.

— Faz algumas horas que não a vejo — Vitta disse, quando ele bateu na porta de seu quarto.

Nesse momento, duas criadas passaram por eles, correndo e cochichando.

— O que está acontecendo aqui?

Ela lhe contou sobre a invasão que estava prestes a acontecer. A Legião Vermelha e tudo mais. Hazza já tinha ouvido falar sobre eles. Alistair pertencera a ela, o que para Hazza já queria dizer muita coisa sobre a mentalidade deles e a forma de lutar.

— E onde ela está?

Vitta deu de ombros.

— Não sei, ela saiu já faz horas e ainda não voltou. Pedi que uma criada viesse me avisar se ela chegasse, acho que ela fugiu. — Ela olhou de um lado para o outro.

Hazza negou com a cabeça.

— Não, sinto que ela está perto.

Uma criada apareceu no fim do corredor, naquele exato momento, resfolegando.

— A senhora voltou, está no salão.

Hazza e Vitta correram para lá. Assim que chegaram, viram-na discutindo com os mesmos homens que ele tinha encontrado antes. Eles questionavam a “fuga” dela.

— ...viram você fugindo a cavalo como um rato, fugindo antes do navio afundar — o mesmo Cavaleiro que havia mandando Hazza sair, falou, com desprezo.

— Me viram *saindo* a cavalo, não podem afirmar que estava fugindo, a caso não estou aqui?

Hazza ouvia os batimentos dela, estavam mais rápidos do que o normal.

— Isso não importa agora. O que importa é encontrarmos uma forma de nos defender. — Houve alguns resmungos, mas os homens ficaram quietos. — Eles estão em maior número, mas como vocês já disseram, somos bons na luta. Se pudermos deter uma boa parte deles logo na entrada...

— A luta chegará mais fácil até nós — outro completou.

Adhara assentiu.

— Podemos colocar arqueiros nos lugares mais altos, fazer armadilhas em pontos estratégicos da cidade.

— E tem alguma ideia de como faremos isso? — A voz de Carius se fez ouvir.

Ele entrou, acompanhado de mais dois homens.

— Esse é seu trabalho General.

Ele não hesitou, e tomou seu lugar em volta da mesa.

Da janela alta no corredor do palácio, Adhara viu carroceiros correndo de um lado para o outro, carregando a comida para ser estocada na torre. Lá era um lugar bem protegido, a comida ficaria mais segura, caso fossem realmente atacados. As barracas da feira foram desfeitas, e Cavaleiros patrulhavam as ruas, avisando a todos que nos próximos dias eles deveriam ficar dentro de casa. Foram aconselhados que, no primeiro sinal de invasão, as crianças deviam ser levadas para o palácio, para serem protegidas. Foi essa ordem que ela deu.

— Você é boa nisso, em liderar, parece que fez um monte de vezes. — Vitta se aproximou.

Então Adhara fingia melhor do que pensava, porque ela não tinha ideia do que fazia, e temia que tudo desse errado e que milhares de mortes pesassem sobre seus ombros.

— Teve mais alguma visão?

Ela negou com a cabeça, e nesse momento uma criada chamou Vitta para preparar unguentos para depois do ataque.

Adhara aproveitou aquela pequena pausa e foi para o escritório de Azzamar, precisava de um tempo sem que alguém perguntasse o que devia fazer ou para onde devia ir. Ela ordenou aos dois cavaleiros que guardavam a entrada do escritório que não deixassem ninguém entrar, exceto se fosse uma emergência ou o ataque.

Ela sentou-se na cadeira do Comandante e pôde finalmente respirar, e deixar que todo o medo que sentia, em relação à responsabilidade pela vida de tantos cavaleiros, encontrasse um caminho para fora de si.

Adhara tinha cochilado por alguns instantes, mas despertou quando bateram na porta. Ela se recompôs antes de mandar quem quer que fosse entrar.

Um cavaleiro surgiu. Ela viu, por seu arco e flecha, que era um dos arqueiros da muralha.

— Minha senhora, há alguém nos portões exigindo vê-la.

— Me ver? — Ela se levantou. — Estamos nos preparando para um ataque. Não tenho tempo para visitas. Diga, a quem quer que seja, para seguir viagem.

— Mas senhora, a garota afirma vir em nome de sua mãe.

Capítulo 21

Fazia mais de quinze anos que Adhara não tinha nenhuma notícia de Catalina, nem sabia seu paradeiro. Mas, ao que parecia, a mãe sabia sobre ela. O que significava que estivera por perto todo esse tempo, mas não quisera se aproximar.

Quando os portões do salão foram abertos, uma jovem, poucos anos mais nova que Adhara, surgiu. E foi como ver Catalina, sua cópia exata, indo em sua direção. A garota usava um vestido azul claro, com uma capa sobreposta.

Ela parou em frente à Adhara e fez uma pequena reverência. Tinha olhos grandes e curiosos, e não parecia ter mais que catorze anos.

— Obrigada por me receber, senhora. — Ela enfiou a mão no bolso da frente do vestido e tirou uma carta. — É de Catalina.

Adhara pegou a carta e abriu. Ela imediatamente reconheceu a letra da mãe, elegante e cursiva.

Essa à sua frente é Alya, sua meia-irmã. É muito tímida e um tanto sem jeito para que consiga se cuidar sozinha nesse mundo. Sei que não tenho nenhum direito de te pedir nada, mas, se com os poucos anos que passei

com você a conheci bem, acredito que não a jogará ao relento. Não posso mais cuidar dela, recebi uma proposta e uma filha não entra na equação. Você me surpreendeu com o que consegui, sempre pensei que seria como seu pai, mas talvez haja um pouco de mim em você. Ass. Catalina.

Adhara amassou o pedaço de papel. Ela já havia deduzido assim que a garota entrou, que era filha de Catalina. Eram praticamente idênticas, desde a altura e rosto até o cabelo.

— Por que ela te enviou?

Alya levantou os olhos azuis assustados.

— Minha mãe recebeu uma proposta de casamento de alguém muito importante e ela acha que eu posso... ser uma distração para o noivo.

Aquilo era a cara de Catalina.

— E seu pai?

— Nunca o conheci. Ela disse que era um vendedor de tecidos que estava passando pela cidade. Nossa casa sempre tinha muitos tecidos e óleos e... — Ela baixou os olhos, ficando com as bochechas vermelhas.

Uma irmã. Ela nunca pensou que teria, embora devesse conhecer a mãe que tinha. Lembrava de uma vez ter chegado em casa e visto ela com o leiteiro, ambos pelados no chão da sala. Catalina pediu que não contasse a Diasser, e Adhara havia cumprido a promessa.

— Você pode ficar. Não porque ela pediu, Catalina não tem nenhum crédito comigo, mas porque você tem

meu sangue. Só lamento informar que veio em uma hora ruim, estamos prestes a ser atacados.

Alya arregalou os olhos e assentiu timidamente.

— Sempre quis conhecer você, saber como se parecia. Catalina dizia que você era a própria versão do seu pai e que não tinha nada dela, mas tem alguma coisa nos seus olhos que parecem com os dela.

Fisicamente, ela podia parecer com Diaser, mas era apenas isso. Ele era fraco, covarde e um bêbado.

Adhara pediu que uma cama fosse colocada no quarto de Vitta, assim as duas não ficariam sozinhas. A Vitalli pareceu ficar tão surpresa quanto Adhara quando ficou sabendo sobre Alya. Depois que instalou a irmã no quarto, para que descansasse da longa viagem a cavalo que fizera, Vitta a seguiu para fora.

Quando elas já estavam a uma distância segura de serem ouvidas, ela disse:

— Talvez tivesse sido uma boa ideia ter deixado a Visão ver seu futuro. Evitaria todas as surpresas.

Adhara, que pensava não estar com o menor humor para sorrir, o fez, e sentiu parte da tensão em seus ombros diminuir. De repente, o sorriso de Vitta sumiu, dando lugar a uma expressão pesarosa.

— Eu tinha uma irmã, éramos gêmeas. Ela morreu quando ainda éramos crianças.

Adhara parou de andar e olhou para a Vitalli, que tinha os olhos no chão de pedra.

— Não sabia disso.

Ela deu de ombros, mas Adhara podia ver como aquilo a machucava. Depois de todos aqueles anos, a ferida ainda parecia aberta e sangrando.

— É melhor irmos dormir enquanto podemos — ela disse isso e voltou para o quarto.

Tinha sido um dia longo, e tudo o que Adhara precisava naquele momento era de uma noite de sono. Mas como dormir tranquila com a ameaça de um ataque iminente? Carius e ela já tinha feito todos os preparativos para a defesa. Tudo o que podia fazer naquele momento era esperar.

Ela tomou um banho quente e foi se deitar.

Adhara acordou com o som de madeira rangendo e de passos. Tinha alguém em seu quarto. Ela sentiu seu coração acelerar, mas permaneceu imóvel. Levou a mão para debaixo do travesseiro. Ela tinha pegado uma faca de mesa, nos primeiros dias que tinha estado ali, e sempre a colocava debaixo do travesseiro. Queria ter algo para se proteger caso algo como aquilo acontecesse.

— Vou ganhar muitas moedas quando levar sua cabeça.

Adhara reconheceu aquela voz. Já tinha escutado antes.

Os passos foram em direção à cama e ela agarrou a faca. Então sentiu o cheiro de álcool a centímetros do seu rosto, e uma mão tocou seus seios por cima da camisola. Puxando a faca, ela cravou na mão que estava em seu seio.

O grito do homem foi alto e fez os guardas que protegiam as portas entrarem. Mas, antes que eles pudessem fazer alguma coisa, o homem sacou a espada, mirou na direção do pescoço de Adhara e afundou a espada. Felizmente, ela previu o ataque a tempo de rolar na cama e cair no chão. Isso foi o tempo que os cavaleiros precisaram para agarrá-lo.

Ela se levantou depressa e disse, com a voz ainda trêmula pelo susto:

— Levem-no para o salão.

Com um aceno, os dois cavaleiros o arrastaram para fora do quarto. Era Kibalt, um dos homens que tinha atacado Hazza.

Ela ajeitou a roupa e esperou sua pulsação voltar ao normal, antes de seguir para o salão.

Ao chegar lá, viu o homem franzino de joelhos, a mão sangrava e tinha os pulsos amarrados na frente do corpo.

— Quem te pagou para me matar? — perguntou.

Ele levantou os olhos, surpreso, então, a surpresa virou desprezo.

— Ninguém precisaria me pagar para acabar com a sua vida. Você me humilhou na frente dos meus companheiros, nenhum Cavaleiro perdoaria isso.

Adhara aproximou-se de Kibalt.

— Por que sou mulher?

Ele ficou em silêncio, e ela sabia que estava certa sobre o motivo.

— Não quer falar? Então vamos fazer um jogo, cada pergunta que eu fizer, que você não responder, perderá um dedo. — Os olhos dele se arregalaram. — Primeira pergunta, quem te pagou para que me matasse?

Ela o viu apertar os dentes, como se temesse que o nome escapasse da língua.

Adhara olhou para o Cavaleiro, que agarrou o braço esquelético de Kibalt e ergueu.

— Essa é sua última chance de ficar com todos os seus dedos.

Ela soube que ele queria falar, mas estava com medo. Um medo que não o impediu de invadir o quarto dela e tentar matá-la. Ela deu sinal para que cortassem.

— *Eu conto, eu conto* — ele gritou. — Foi uma mulher. Ela disse que você matou o filho dela.

Ela franziu a testa.

A mãe do criminoso. Ela tinha dito que se vingaria.

— Metade antes e a outra metade quando levasse sua cabeça para ela.

— Acho que você não vai receber a segunda parte. — Adhara disse.

Ele se debateu e tentou se erguer desesperado, mas foi contido.

— Não, espere, eu sei de uma coisa. Mas só vou falar se der sua palavra que vai poupar minha vida. Só assim eu falarei.

Devia ser algo importante, se ele podia usar como moeda de troca por sua vida.

— Prossiga.

Ele olhou de um lado para o outro, então baixou a voz.

— Tem homens da Legião infiltrados na cidade.

Eles já estavam ali. Só havia uma explicação possível. Deixaram que entrassem e isso significava que deviam já estar a par de todo plano àquela altura.

O Cavaleiro que executaria a sentença pegou a espada e mirou na nuca do acusado. Kibalt gritou, dizendo que ela tinha prometido não o matar. Adhara nunca esteve mais propensa a quebrar sua palavra como naquele momento e com aquele rato, mas ergueu a mão.

— Levem-no para o calabouço e joguem a chave fora.

Ela saiu do salão apressada, precisava contar o que tinha acabado de descobrir, mas como saber em quem confiar?

Capítulo 22

Adhara estava no meio do corredor, em frente a uma das janelas, quando viu um brilho dourado vindo da entrada da cidade.

— Fogo! — Ela murmurou.

Estava começando!

Ela correu para seu quarto, onde estava a espada que tinha ganhado no dia do seu casamento.

Quando já estava saindo, deu de cara com Vitta e Alya, ambas assustadas.

— Você não está pensando em ir lá fora, não é? — Vitta perguntou, olhando para a espada em sua mão.

— É só uma precaução.

O som de uma janela quebrando assustou as três e elas correram para o salão. Quando chegaram lá, Adhara viu Hazza. Ele parecia estar procurando algo e supôs que devia ser ela. Assim que a viu, foi até ela e contou que a frente tinha sido atacada.

A primeira barreira tinha sido derrubada.

Carius entrou no salão apressado. Ele disse que os avisos tinham sido dados, que os moradores estavam trancados dentro de casa, com ordens expressas para que não saíssem em nenhuma circunstância.

— Descobri que têm Legionários infiltrados aqui. Trancá-los dentro de casa parece uma péssima ideia — Adhara falou.

— E o que mais poderíamos fazer?

Adhara sabia que ele estava certo. Nada mais poderia ser feito àquela altura.

— Perdemos muito tempo pensando em como evitar que entrassem na cidade e pouco tempo pensando no que fazer caso entrassem.

Ela andou de um lado para o outro sem saber o que fazer e, nesse momento, a claraboia explodiu.

Cinco homens começaram a descer do teto.

Eles estavam armados com arco e flechas e bestas. Uma flecha foi lançada em direção a Adhara, que não teve tempo de se mover. Mas, antes que lhe pudesse acertar o coração, ela parou, a centímetros de distância. Ela olhou para o lado e viu que Vitta tinha a mão erguida. Com um movimento de seus dedos, a flecha se partiu ao meio e caiu no chão.

— Todos larguem as espadas — o homem que atirou a flecha em Adhara ordenou.

Adhara passou por Hazza, que tinha se movido para ficar na sua frente.

— Não, vocês, larguem suas armas. — Ela mandou.

Ao som de suas palavras, os cavaleiros que estavam ali avançaram em direção aos invasores.

Ela aproveitou aquele momento para puxar Alya de lado e mandar que voltasse para o quarto. Adhara sabia

que era um risco deixá-la ir sozinha, mas era ainda mais arriscado se ficasse lá.

— Catalina me ensinou a usar uma besta, eu posso ajudar.

Adhara nunca soube disso sobre a mãe. Outra novidade sobre Catalina, mas não pôde se debruçar muito sobre esse pensamento. Ela sabia onde ficava a sala de armas, e tinha quase certeza de que devia ter sobrado algum arco e flecha lá.

Chamou para que Alya fosse com ela.

Era como se fossem seus primeiros dias ali novamente, temendo cada passo que dava, cada curva de corredor. Mas, diferente da Adhara daquele tempo, ela sabia se defender agora. Estavam chegando na ala Leste, quando Adhara ouviu um barulho vindo dali de perto. Ela puxou Alya para um recanto escondido, que encobria ambas na penumbra.

Em seguida, ela viu dois homens, claramente não Cavaleiros, saindo da sala de armas, com os braços cheios de espadas e escudos. Eles passaram ao lado delas, mas não as viram. Adhara esperou alguns segundos de segurança, para ter certeza de que tinham ido embora. Quando olhou para a irmã, ela tinha as duas mãos sobre a boca e as bochechas vermelhas, pela falta de ar.

— Está tudo bem, eles já foram — ela murmurou.

A garota lentamente afastou as mãos da boca.

A sala de armas estava completamente revirada, escudos mais velhos espalhados pelo chão, assim como espadas que deviam ser enviadas para conserto. Eles tinham levado as armas de apoio, mas isso era o mínimo que importava naquele momento. Adhara começou a vasculhar, à procura de uma besta e Alya fez o mesmo.

Instantes depois, elas ouviram um estrondo alto. Adhara correu até a janela e viu a torre, onde a comida tinha sido armazenada, ruindo. *Como eles sabiam daquilo?* A torre não ficava centralizada, e não devia ser um alvo. Só então, ela lembrou dos infiltrados, eles deviam estar na cidade a mais tempo do que pensava. Era isso ou alguém de dentro da cidade passou informações.

Ela precisava avisar a todos. Alya encontrou uma besta debaixo de todo aquele entulho.

Vitta tinha conseguido escapar do salão e foi procurar Adhara, mas enquanto corria pelo corredor, parou em uma das janelas e viu casas pegando fogo lá embaixo. Entre as casas, estava a de Johana, o fogo começava no telhado. Ela continuou olhando por mais um instante, e viu alguns homens vestindo cinza. Eles se posicionavam na frente das casas que pegavam fogo, esperando que

quem estivesse lá dentro saísse e então eles pudessem os matar. Ela precisava fazer alguma coisa.

A Vitalli saiu do castelo pela cozinha, era a saída discreta. Ela ouviu pessoas de dentro de suas casas, crianças chorando, mulheres lamentando, preces a deusa. Vitta continuou andando rápido, pelas sombras. Podia a qualquer momento ser atacada, tanto pelos inimigos quanto pelos aliados.

Quando ela estava se aproximando da casa de Johana, uma mão grande surgiu e cobriu sua boca com força, impedindo seu grito.

— Calma, querida, não se assuste. Vou cuidar de você.

Ele disse, com a mão descendo por seu corpo e apertando suas nádegas. Ela emitiu um som de desprezo, fechou os olhos e arrancou seu Catalisador. Torceu os dedos, ela ouviu o som dos ossos da mão que estava lhe tocando quebrarem, e deu um grito. Ela se libertou e começou a correr, mas o preço da magia foi cobrado rápido demais, e a fez parar quando sua visão escureceu e seu corpo pareceu pesar.

Vitta respirou fundo e se forçou a continuar andando, foi nesse momento que ela ouviu gritos e as portas das casas sendo abertas. De uma das casas, saiu uma mulher e criança, elas pararam assim que viram os Legião, em seguida, foi Johana com o pai.

Ela estava indo na direção deles, quando viu duas flechas passarem na sua frente e acertarem dois

Legionários. Vitta procurou de onde elas tinham vindo e viu arqueiros se posicionando nos telhados.

— Ei, vocês, por aqui — ela gritou.

Johana, que tinha o olhar assustado, viu Vitta e chamou o pai e os outros, então correu na sua direção. Assim que eles a alcançaram, um outro Legionário apareceu, apontando uma besta para eles. Vitta fez o mesmo que tinha feito com o Cavaleiro instantes atrás, e o homem caiu.

Ela mandou que alguém pegasse a besta, enquanto se recuperava.

Seis mil Cavaleiros estavam em posição em frente ao palácio. Todos sabiam que a qualquer momento os Legionários conseguiriam derrubar o portão. Era apenas uma questão de tempo.

Adhara deixou Alya no escritório de Azzamar e foi para fora. Ser líder significava estar no pelotão de frente durante uma guerra, não sentado confortavelmente enquanto seus soldados lutavam e morriam.

Ela passou pelos homens enfileirados usando a vestimenta completa e empunhando espadas e escudos. Quando chegou lá na frente, viu Carius. Ele pareceu surpreso ao vê-la, mas fez um aceno de cabeça, reconhecendo sua presença.

Sons de relinchos a fizeram olhar em direção ao celeiro, então, ela viu cavalos surgirem, galopando desesperados enquanto queimavam. Muitos deles se jogavam no chão enlameado para apagar as chamas.

Alguns Cavaleiros, vendo seus cavalos agonizando, fizeram menção de ir até eles.

— Ninguém saia da posição, é um truque para nos dispersar — Adhara gritou.

Mas foi tarde demais, porque um homem já tinha corrido até um cavalo que esporeava na lama. Assim que ele se aproximou do animal agonizando, uma flecha de fogo surgiu e o acertou bem no estômago. O fogo rapidamente se alastrou e começou a consumi-lo, enquanto gritava e corria. Não levou nem um minuto até que ele caísse duro.

O odor de carne queimada subiu e Adhara se sentiu nauseada.

A Legião Vermelha está aqui.

Um homem gritou, mas, quando se viraram, um Legionário transpassava a espada na garganta do Cavaleiro, que caiu no chão sem vida.

Então tudo começou. O portão foi derrubado e Legionários entraram, armados com bestas, lanças e espadas. Uma mulher atirou uma lança próximo a cabeça de Adhara, que teve de se jogar no chão para não ser acertada. Em seguida, ela viu essa mulher ser atingida por três flechas no peito.

Adhara procurou de onde tinham vindo, e viu Alya, junto aos arqueiros. Ela fez um aceno com a cabeça e continuou atirando.

— Cuidado!

Carius gritou para ela.

Adhara girou o corpo e enfiou o punhal na garganta do Legionário. Ele tossiu e tombou.

Com a espada na mão, ela partiu para o próximo. Um homem, com mais de dois metros de altura e largo como uma porta, surgiu em seu caminho, ele arfava e a encarava ferozmente. Ela ergueu a espada e se preparou para lutar com aquele homenzarrão, mas então Hazza surgiu e se jogou contra ele, mandando-o para o chão.

Ela viu Carius lutando com um Legionário, e então um terceiro se aproximando sorrateiramente. Ela pegou o punhal e torceu para que desse certo. Mirando o terceiro Legionário, ela arremessou a pequena faca e a viu girando até acertar o ombro do homem. Ele emitiu um grunhido e, o tempo que levou para retirá-lo, foi o bastante para Carius se dar conta de sua presença.

Adhara viu a mulher que tinha pagado para lhe matar, ambas se encararam por um momento até que um Legionário surgiu por trás da mulher e enfiou a espada até o cabo no peito dela. Os olhos dela se arregalaram e um pequeno sorriso surgiu antes que ela caísse sem vida. Ela não era mais uma mãe sem filhos. O legionário retirou a espada e limpou o sangue na manga da roupa.

Os Cavaleiros estavam se mostrando superiores, mas Adhara sabia que aquela batalha estava longe de acabar. Ela viu dois Legionários arrombarem uma casa e entrar. Ninguém além dela pareceu notar. Olhou para onde

Hazza estava, com as presas enfiadas na garganta do grandalhão.

Ela se aproximou da casa e ouviu gritos de mulher e choro de criança. Quando entrou, encontrou uma mulher, que não tinha sequer chegado à meia-idade, ajoelhada no chão de terra, agarrada a seu bebê. Os dois homens seguravam uma garota, que não devia sequer ter treze anos inteiros, ao lado da cama. A menina chorava, enquanto tinha a boca coberta por um deles. Seu corpo, ainda infantil, estava nu. O outro já tinha baixado as calças.

Quando viu Adhara, a mulher suplicou:

— Minha senhora, por favor, me ajude. Minha filha é só uma criança, nem sangrou ainda. Não permita que eles...

— Não permitirei.

Os Legionários, que tinham parado o que estavam fazendo, largaram a menina, dizendo que logo voltariam. Ela correu e foi para junto da mãe.

Adhara empunhou a espada e eles atacaram.

Assim como Kibalt, eles não tinham muitas habilidades, mas estavam em maioria. Um deles prendeu a espada dela com o pé e o outro acertou uma bofetada em seu rosto, que a jogou por cima de uma mesa. Sua espada caiu no chão, longe dela, e ela procurou alguma coisa para jogar neles. Encontrou algo muito melhor: uma faca de caça.

O que havia dado a bofetada nela riu, e foi na sua direção.

— Sabe, eu fiquei furioso quando você nos interrompeu, mas agora não. Agora há duas, não precisamos dividir.

Ele deu mais um passo, mas ainda não o suficiente para Adhara.

— Você nunca mais colocará suas mãos sujas em outra mulher novamente. Quando acabarmos aqui, vou mandar cortar seu pau e dar para os porcos comerem, já que não consegue mantê-lo dentro das calças.

O sorriso sumiu do rosto rechonchudo e ele agarrou o pescoço de Adhara com força.

— Sua prostituta! Eu vou foder tanto seu traseiro que não precisará fazer força para...

Adhara segurou a faca com força e enfiou no olho dele; quando retirou, viu que o olho saía junto.

Ele gritou e a soltou, cambaleou e então caiu no chão com as mãos no rosto.

O segundo homem emitiu um grunhido e foi na direção dela. Jogou a faca na direção dele, que se abaixou. Ela pegou mais dois pratos e arremessou cada um, mas novamente, ele conseguiu desviar. Adhara foi para trás da mesa, enquanto ele tentava perfurá-la. Ele foi empurrando a mesa e encurralando ela contra a parede. Quando se deu conta, viu que não tinha mais lugar para ir.

De repente, os olhos dele se arregalaram e seu corpo enrijeceu, para em seguida cair sobre a mesa, como um saco de batatas.

A mulher estava segurando a espada de Adhara; tremia dos pés à cabeça e tinha um olhar chocado.

Adhara passou por debaixo da mesa e pegou sua espada de volta.

Ao sair da casa, Adhara viu que os Cavaleiros estavam ganhando e que, pouco a pouco, a legião ia caindo, mas ela sabia que não seria tão fácil assim. E sua intuição se provou certa quando, depois do último Legião ser morto e eles erguerem as espadas para cima em comemoração, ouviram trote de cavalos e, cavalgando eles, mais de mil Legionários.

Os arqueiros derrubaram o máximo que conseguiram

A luta recomeçou e Adhara foi para o meio dela. Ela levou chutes e recebeu cortes no corpo. Suas mãos estavam cobertas de sangue. Aqueles Legionários pareciam multiplicar-se como formigas. Os Cavaleiros podiam ter uma resistência muito maior, mas ela sabia que logo eles estariam cansados, assim como ela. Depois de vencer o último adversário, a respiração de Adhara saía como um ronco.

Carius foi até onde ela estava. Ele começava a dar sinais de cansaço, com o peito subindo e descendo e a respiração ofegante.

— Eles não param de surgir. Cada vez que matamos um, outro surge no lugar.

Aquelas palavras fizeram um estalo na mente de Adhara.

— Porque eles querem nos cansar.

— Então vou ordenar que recuem imediatamente. — Carius disse.

Mas ela fez que não.

— Se fizermos isso, eles vão matar todo homem, mulher e criança inocente que encontrarem.

Mais da Legião Vermelha surgiram naquele momento. Alguns deles traziam tochas e jogavam contra as casas. Vários deles, montados, cercaram Adhara e Carius, e não tinham para onde ir, mas ela não tornaria tão fácil para eles matá-la ali. Olhou à procura de Alya e a viu vários metros à frente, lançando flechas. Ela sentiu uma estranha sensação de orgulho ao vê-la ali.

— Larguem suas armas e se rendam, e talvez matemos vocês depressa — o Legionário, que tinha uma parte do nariz faltando, disse.

Carius e Adhara mantiveram as espadas erguidas.

— Por que não vem aqui e toma de mim? — ela desafiou.

Ela sabia exatamente o que suas palavras causariam. Aquele homem se sentiria na obrigação de provar que podia derrotá-la, e foi o que aconteceu. Ele desceu do cavalo e entrou no pequeno círculo que os outros guardas faziam.

— Isso poderia ter sido menos humilhante para você.

Ela girou a espada e se preparou.

O homem atacou com toda a força, mirando seus pontos vitais, coração e jugular, mas Adhara bloqueou todos seus ataques e foi a vez dela de atacar. Ela foi como um tigre, rápida e precisa. Tudo o que o homem viu foi o brilho da lâmina, antes de sentir ela atravessar seu pescoço.

Uma comoção de gritos fez eles cavalgarem em direção à entrada da cidade. Carius e Adhara se olharam, sem entender o que estava acontecendo. Instantes depois, a resposta chegou, na forma de Azzamar com os homens que ele tinha saído. Quando chegou aonde seu General e sua esposa estavam, viu as centenas de corpos de Legionários e Cavaleiros que cobriam o chão, tornando difícil andar.

Várias flechas de fogo passaram por sobre a cabeça deles e se prenderam no telhado de casas ali perto, então, tudo aconteceu muito rápido. Novos soldados Legionários surgiram e uma terceira batalha iniciou-se.

Então, Adhara ouviu um grito desesperado e olhou na direção de Alya. Viu um Legionário segurando-a pelos cabelos. Ela berrava e esperneava.

— Não faça isso! — Adhara gritou para o soldado.

Ele olhou lá para baixo onde ela estava.

— Por que eu deveria obedecer?

— Porque se não fizer isso eu juro que vou arrancar seus olhos com...

Sua ameaça foi interrompida quando ele enfiou a ponta da flecha nas costas de sua irmã. O olhar de Alya

arregalou e congelou.

Adhara gritou e sentiu duas mãos fortes agarrarem-na por trás e a impedir de correr até a irmã.

Som de trotes de cavalo e gritos foram ouvidos. Ao olhar para trás, Adhara viu Azzamar e mais alguns Cavaleiros entrarem na cidade. A cada trote do cavalo, Azzamar enfiava sua espada em um legendário; sua espada prateada estava vermelho sangue.

Adhara apertou os dedos envolta do metal frio da espada e avançou. Ela deixou que sua raiva estivesse em cada espetada, em cada assovio do aço, em cada Legionário em que sua espada entrava e saia. Tudo se tornou um borrão vermelho vivo diante de seus olhos.

Ela fez seu caminho até onde o Legionário que havia matado sua irmã estava. Ele procurou uma flecha em volta, mas a única que havia estava cravada nas costas de Alya. Ele a puxou e se preparou para engatilhar, mas antes que pudesse, Adhara correu e atravessou a espada em seu crânio. Ouvindo o metal perfurando a carne.

O sol já estava surgindo. Todas as ruas estavam cobertas de sangue e corpos. O odor de fumaça era forte, e muita coisa foi perdida naquela noite, mas eles haviam vencido, por muito pouco.

Adhara se agachou junto do corpo de Alya e viu que ela ainda respirava; era fraco, mas respirava. Ela gritou pedindo ajuda, e Azzamar apareceu e a pegou nos braços, levando-a para a senhora Monara, que tinha se escondido na enfermaria com mais algumas criadas.

A mulher rasgou o vestido de Alya e analisou o ferimento que vertia sangue.

— É uma benção dos deuses que ela ainda esteja viva.

Monara mandou que todos saíssem, para que pudesse tratar a paciente.

Assim que saiu da enfermaria, Adhara viu Hazza. Ele tinha alguns cortes nos braços e a expressão cansada, mas, tirando isso, parecia bem.

— Onde está Vitta? — Ela perguntou.

— Não a vi desde que o ataque começou.

Adhara olhou em volta e viu a exaustão no rosto de cada um.

— Vou procurar por ela...

Ela não tinha dado sequer três passos, quando Vitta surgiu no seu campo de visão.

— Não precisa, estou aqui.

A Mikai respirou aliviada.

Adhara estava sentada na cama do quarto que dividia com Azzamar, tinha lavado o sangue seco na banheira e agora Vitta passava a mistura que tinha usado em Hazza, quando ele tinha sido atacado no estábulo, nela. Os corpos estavam sendo removidos das ruas e o sangue lavado. O odor de morte empestava a cidade.

— Fui ver sua irmã, ela vai ficar bem.

A Mikai assentiu. A curandeira tinha dito a mesma coisa mais cedo naquele dia.

— Isso não acabou, não é?

Vitta parou de passar a pomada e levantou-se da cama.

— Não, acredito que não. Acredito que é apenas o começo.

ALGORT - CASTELO

O general dos Legionários, Libari, estava no salão do trono, na presença do rei coroado e da rainha. Ele relatava, de cabeça baixa, tudo o que tinha acontecido na batalha. O rei Suarme, que ouvia com uma careta distorcendo suas feições levantou-se bruscamente, assustando os presentes.

— Como milhares de soldados são derrotados por um exército liderado por uma vadia que nunca antes tinha segurado uma espada?

O rubor subiu no rosto de Libari.

— Ela lutava como um de nós, meu rei. — Murmurou.

Os olhos de fogo do rei fuzilaram o general.

— Melhor, você quer dizer, já que a vitória foi *dela*! — Ele deu as costas ao homem. — Hanamura! — Gritou.

Uma mulher usando um vestido branco e possuindo cabelos avermelhados se aproximou.

Ela parou na frente do rei e fez uma reverencia.

— Meu rei?

Suarme inclinou-se sobre ela, intimidando-a com seu tamanho.

— Você me prometeu a vitória nesse ataque. Disse que tinha tido uma visão! Meu pai esperou anos, até que você pudesse nos garantir isso. — Esbravejou.

Ela assentiu.

— Meu senhor, minha visão foi clara como o dia. Algo deve ter acontecido.

Suarne fez uma careta e apertou o cálice que segurava.

— O que poderia ter sido esse algo?

O olhar de Hanamura era vago, procurando algo para focar.

— Sinto uma Vitalli envolvida. Só uma pode mudar uma visão como a que eu tive. E ela tem que ser muito forte para isso. — Divagou.

— Pensei que fosse a Vitalli mais poderosa de Samlia, estou errado?

Hanamura encarou os olhos faiscantes do rei.

— Eu sou. — Garantiu. — mas não significa que não há outras forte também.

O rei amaldiçoou os deuses e atirou o cálice contra a parede espalhando o restante de vinho pelo chão fazendo parecer sangue.

— Aquelas terras me pertencem e eu as quero!

Um trovão sacudiu a sala do trono e a chuva começou a cair lá fora.

A rainha Catalina finalmente saiu de seu trono, de onde tinha observado tudo em silêncio e se aproximou do rei, colocando a mão em seu peito para acalmá-lo.

Corria nos corredores do castelo que ela era quem reinava, o rei era apenas um peão, que ela podia manipular facilmente.

— Acalme-se, meu senhor, mesmo Hanamura não pode ver tudo.

O rei dispensou Hanamura com um aceno e olhou para sua rainha, o fulgor de raiva sendo dissipado por óbvia luxúria. Ele tocou seu rosto que lembrava seda branca. Ele a exibia como a joia mais preciosa de seu reino.